

Flagelo contra os trages profanos: edição de um tratado setecentista contra o luxo*

Flagelo contra os trages profanos: edition of an eighteenth-century treatise against luxury

Thiago Henrique Alvarado¹ 

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).
Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: thiagoalvarado@gmail.com

Resumo

Em meados do século XVIII foi redigido o anônimo *Flagelo contra os trages profanos*, tratado que procurava combater as superfluidades e os excessos nos adornos e trajes dos portugueses. Fundamentado na doutrina cristã, e exposto a partir da exegese bíblica elaborada por doutores, Padres e santos da Igreja, o tratado expõe as razões para considerar a existência de pecado mortal nos trajes, discute os malefícios do desregramento no vestir e esclarece a importância dos pastores da igreja na correção das faltas dos seus fiéis. O presente estudo consiste na edição do tratado *Flagelo contra os trages profanos*, localizado no Manuscritos da Livraria n.º 1123 (f. 197-214v) do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT).

Palavras-chave:

Edição de documento. Crítica textual. Portugal. Moda. Luxo. Igreja.

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 01/11/2024

Aceito: 24/01/2025

Como citar:

ALVARADO, Thiago Henrique. Flagelo contra os trages profanos: edição de um tratado setecentista contra o luxo. Revista LaborHistórico, v.11, n.1, e66076, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11n1.66076>

* Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa em andamento de pós-doutorado “Coleção documental das leis suntuárias portuguesas (séculos XV-XVI)” (processo FAPESP 24/04318-0), desenvolvido no âmbito do Projeto Temático “Uma História Conectada da Idade Média. Comunicação e Circulação a partir do Mediterrâneo” (processo FAPESP 21/02912-3).

Abstract

In the mid-eighteenth century, the anonymous *Flagelo contra os trages profanos* was drafted, a treatise aimed at combating the superfluities and excesses in the adornments and clothing of the Portuguese. Grounded in Christian doctrine and presented through biblical exegesis developed by doctors, Fathers, and saints of the Church, the treatise outlines the reasons for considering mortal sin in attire, discusses the harms of indulgence in dress, and clarifies the importance of church pastors in correcting the faults of their faithful. The present study consists of editing the treatise *Flagelo contra os trages profanos*, located in Manuscritos da Livraria n.º 1123 (f. 197-214v) of the National Archive of Torre do Tombo (ANTT).

Keywords:

Document Edition. Textual criticism. Portugal. Fashion. Luxury. Church.

Uma voz portuguesa contra o luxo

Em meados do século XVIII, um autor anônimo resolveu tecer extensas críticas aos trajes profanos dos portugueses, sobretudo dos moradores da cidade e da corte de Lisboa. Seu objetivo era alertar os homens e as mulheres sobre os inúmeros males decorrentes dos trajes profanos, excessivos e provocativos; males esses que poderiam trazer danos não apenas às economias familiares, mas às almas. Da iniciativa desse moralista, resultou o tratado *Flagelo contra os trages profanos*, recolhido no Manuscrito da Livraria n.º 1123 (f. 197-214v) do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), editado no presente estudo.

Estruturado em torno de alguns silogismos, desdobrados ao longo de capítulos – de numeração imprecisa, vale destacar –, o tratadista do *Flagelo contra os trages profanos* procurou expor aos seus leitores como as superfluidades nos vestidos e adornos eram condenáveis e deveriam ser evitadas pelos cristãos. Para esclarecer tal postura, o autor reuniu algumas dezenas de autoridades, que englobava os profetas, o próprio Cristo e os apóstolos; passava pelos Padres da Igreja, latinos e gregos, pelos pensadores escolásticos e pelos santos medievais e modernos; e incluía expositores e comentaristas modernos e contemporâneos ao tratadista. A partir de uma série de escritos – Sagradas Escrituras, tratados, crônicas, revelações privadas e exegese bíblica –, o autor estruturou seu *Flagelo contra os trages profanos*, redigindo-o com interpolações e glosas de excertos extraídos das autoridades cristãs, quase todas citadas e referenciadas à margem em latim e traduzidas para português no corpo do texto.

Por sua dedicação integral à temática das vestimentas – abordada em outros escritos, como os *specula principum*, em alguns capítulos ou diluído em questões mais

amplas, como a respeito da temperança, para não falar das leis suntuárias –,² o *Flagelo contra os trages profanos* constitui uma obra singular entre os escritos portugueses. O tratado que aparenta ser, a princípio, um texto original português, corresponde, porém, à tradução parcial da obra *Contra los trages, y adornos profanos* (1722), de D. Luis Antonio de Belluga y Moncada (1662-1743) – mais conhecido como cardeal Belluga –,³ a quem cita diretamente por três vezes ao longo da tratado.

A obra do cardeal Belluga insere-se numa tradição longeva do reino castelhano, que, desde a segunda metade do século XV, contou com prelados e religiosos preocupados com o regramento da aparência de seus fiéis. Tal preocupação com os excessos nas vestimentas e nos adornos, já se apresentava na atividade pastoral de Belluga, em 1711, quando ainda era bispo de Cartagena.⁴ Nesse ano, o prelado endereçou uma carta pastoral aos fiéis de sua diocese, admoestando-os, ao longo de 212 páginas, a desterrarem a profanidade dos trajes. Anos mais tarde, já na dignidade de cardeal e lidando com problemas similares, o prelado escreveu a volumosa obra *Contra los trages, y adornos profanos*, que serviu de base para o tratado português.

O tratadista, que se supõe português, entretanto, não se limitou a traduzir a obra de Belluga. Antes, elencou diversos trechos do texto castelhano, selecionando, entre as quase 900 páginas, aquelas passagens que mais condiziam com sua proposta, estruturada e apresentada em um tratado de 34 folhas. Tal seleção envolveu o deslocamento, a união, a separação ou a omissão de diversas partes para melhor desenvolver seu raciocínio, pautado sobretudo na perspectiva eclesiástica. Essa operação realizada pelo autor resultou, no entanto, em uma numeração irregular e incoerente dos capítulos e dos silogismos, com diversos saltos e recuos nos números, sem que isso trouxesse prejuízo na exposição lógica do texto. Além desses procedimentos que envolvem a seleção de trechos, o autor incluiu uma introdução sobre as razões

² Sobre as leis suntuárias portuguesas medievais e modernas, ver: ALVARADO, Thiago Henrique. **Modos à mesa e maneiras de vestir em Castela e Portugal (séculos XIV e XV)**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2021; BETHENCOURT, Francisco. *Sumptuary laws in Portugal and its empire from the Fourteenth to the Eighteenth Century*. In: RIELLO, Giorgio; RUBBLACK, Ulinka (eds.). **The right to dress: sumptuary laws in a global perspective, c. 1200-1800**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019; CRUZ, Pedro Adriano Castro. **As leis pragmáticas: estatuto e diferenciação social em Portugal (1340-1762)**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2023; DIAS, Luis Fernando de Carvalho. *Luxo e pragmáticas no pensamento económico do século XVIII*. **Boletim de Ciências Económicas**, Coimbra, v. 4-5, suplemento, 1956-1958.

³ BELLUGA Y MONCADA, Luis Antonio de. **Contra los trages, y adornos profanos** [...]. Murcia: Jayme Mesnier, 1722.

⁴ BELLUGA Y MONCADA, Luis Antonio de. **Carta pastoral** [...]. Murcia: Jayme Mesnier, 1711.

que o motivaram a escrever o tratado para o público português e inseriu diversas interpolações ao longo do texto, com queixas sobre a situação dos lisboetas.

De autoria anônima, pouco se pode deduzir sobre a identidade do escritor do tratado. Algumas pistas, no entanto, extraídas de algumas parcas informações dadas no tratado, sugerem tratar-se de um eclesiástico atuante em Lisboa ou, ao menos, opositor àquilo que se verificava na capital do reino, considerando a corte lisboeta o centro do qual se irradiavam as novas modas. Ao passo que faz três menções gerais a Portugal e aos portugueses, o autor cita duas vezes a situação na cidade e “na nossa corte de *Lixboa*” (f. 212v/30). Além disso, parece-nos provável que o autor fosse um confessor ou pastor da igreja, com alguma prelaia. Em determinado trecho do texto, após apresentar as instruções de São Carlos Borromeu (1538-1584) aos confessores de sua diocese, o tratadista inseriu a seguinte informação, que não consta na obra de Belluga: “**Deus nos acuda, e nos dê lux aos que governam os [sic] almas, para que saybamos, o como as havemos de livrar** de tantos absurdos, *quantos* hoje se experimentão, pella demazia dos adornos” (f. 213/31) (grifos nossos). A autoria atribuída a um confessor explicaria a ênfase nas passagens sobre o papel fundamental, para bem e para mal, dos confessores na correção dos fiéis, conforme nos apresenta por meio de diferentes exemplos em que os curas de almas têm destaque. Sua formação eclesiástica igualmente se verificaria na seleção de autores e passagens referentes a esclarecimentos da Sagrada Escritura, fundamento da doutrina e da moral cristãs. Tomando, assim, por base as próprias palavras de Deus, por meio dos profetas, de Cristo e dos apóstolos, o tratadista elencou célebres exegetas bíblicos, em geral, santos e eclesiásticos, em sua maioria religiosos, e se incluiu nessa longa tradição. Assim o diz em determinada parte do tratado: “E não fogindo eu deste avizo do *Senhor* protexto demostrar, a toda sorte de pessoas, o estado em *que* vivem, e o *quanto* abomina *Deus* a demazia do luxo, e provocativo; e assim, *que* não só o dá a conhecer por percepto divino, mas o mostra em todos os sanctos padres, concílios, revelações privadas, cazos particulares, theologos, moralistas; em *que* se mostrará, não só a *gravidade* da culpa mas os prejuizos proprios, e da **res publica**” (f. 198v/2).

A obra teria sido escrita, portanto, por um eclesiástico atuante em Lisboa, ou que, de outra região do reino, direcionava suas críticas aos habitantes da corte e capital, onde a circulação de pessoas e novas tendências da moda seriam mais frequentes. A datação do tratado seria posterior a 1722, ano em que se publicava o livro do cardeal Belluga, modelo para a obra portuguesa. É possível que a obra tenha sido redigida em meados do século XVIII, momento em que se discutia e promulgava a última grande lei suntuária portuguesa (1749).⁵ Para combater os problemas decorrentes do luxo no reino e nas possessões ultramarinas, o rei D. João V consultou diversos membros da corte régia para a redação da lei. Seja como for, de modo semelhante à

⁵ BETHENCOURT, 2019, p. 291-294.

resistência que as leis suntuárias sofreram dos leigos e do descompasso com as inúmeras mudanças na moda, os eclesiásticos também encontraram resistência entre seus fiéis, como se observa na apresentação do *Flagelo* em que os portugueses são referidos como cegos, incapazes de se afastarem das profanidades causadoras de suas ruínas. A esses, cabia ao autor do tratado alertá-los sobre os perigos do luxo, que se manifestava em trajes e adornos excessivos – quando eram muitos e preciosos, extrapolando as rendas da família – e provocativos – quando eram desonestos, indecentes e impróprios a cada sexo.

O tratado *Flagelo contra os trages profanos*, que aqui se edita e se apresenta aos leitores, oferece, portanto, um importante relato e contributo sobre a perspectiva moral a respeito do luxo em Portugal no século XVIII.

Critérios de edição

A grafia do documento foi preservada, porém o emprego de maiúsculas e minúsculas foi padronizado; as palavras foram unidas ou separadas conforme o uso atual; e o hífen foi inserido nas ênclises.

A pontuação original foi, em geral, preservada. Em algumas ocasiões, atualizou-se o uso do ponto e vírgula, presente no final de quase todas abreviaturas e empregado ao longo do texto com valor de vírgula, dois pontos e ponto final. Desse modo, em algumas passagens, o ponto e vírgula foi atualizado para dois pontos ou ponto final, mas não para vírgula; e o seu uso após as abreviaturas manteve-se somente quando sua presença se justificava. O sinal de “=”, empregado pelo autor no início das citações, foi atualizado para aspas e antecedido com a inserção de dois pontos. As aspas foram incluídas em todas as citações identificadas, acompanhadas ou não do sinal empregado pelo autor (=). Para facilitar a identificação dos elementos das referências (autoria, título, parte, página, citação), presentes nas notas de rodapé, foram inseridas vírgulas, pontos e dois pontos; por sua vez, a pontuação nas citações transcritas pelo autor foi preservada.

Os sinais diacríticos foram atualizados conforme seu uso e valor fonético. No entanto, foram preservados os sinais em determinadas palavras – sobretudo palavras escritas no plural –, ainda que apresentassem certa redundância (bêns, carruagêns, homêns, imagêns, nuvêns, têns; algũns, hũns). As abreviaturas foram todas desenvolvidas⁶ e indicadas em itálico. Para o desenvolvimento, observou-se a forma por extenso utilizada pelo autor (por exemplo: m^{to} = *munto*, em vez de *muíto*; sto = *sancto*, em vez de *santo*). A letra R maiúscula, no interior das palavras, foi transcrita, quando assim o exigia, como “rr”; e o “&” como “et”. As palavras transliteradas do grego (Jhs e Xpo) foram desenvolvidas e destacadas em negrito (Jhs = **Jesus**; Xpo

⁶ Com exceção de “cap./cap.º” (capítulo) e “v.” (versículo), quando acompanhados de numerais.

= **Christo**). Os títulos e os termos latinos no corpo do texto foram destacados em negrito. Para o desenvolvimento das abreviaturas latinas presentes nas notas de rodapé, optou-se por seguir o texto de Belluga. Nas notas de rodapé, os nomes dos autores encontram-se citados no nominativo, e os títulos e demais elementos da referência, no ablativo.

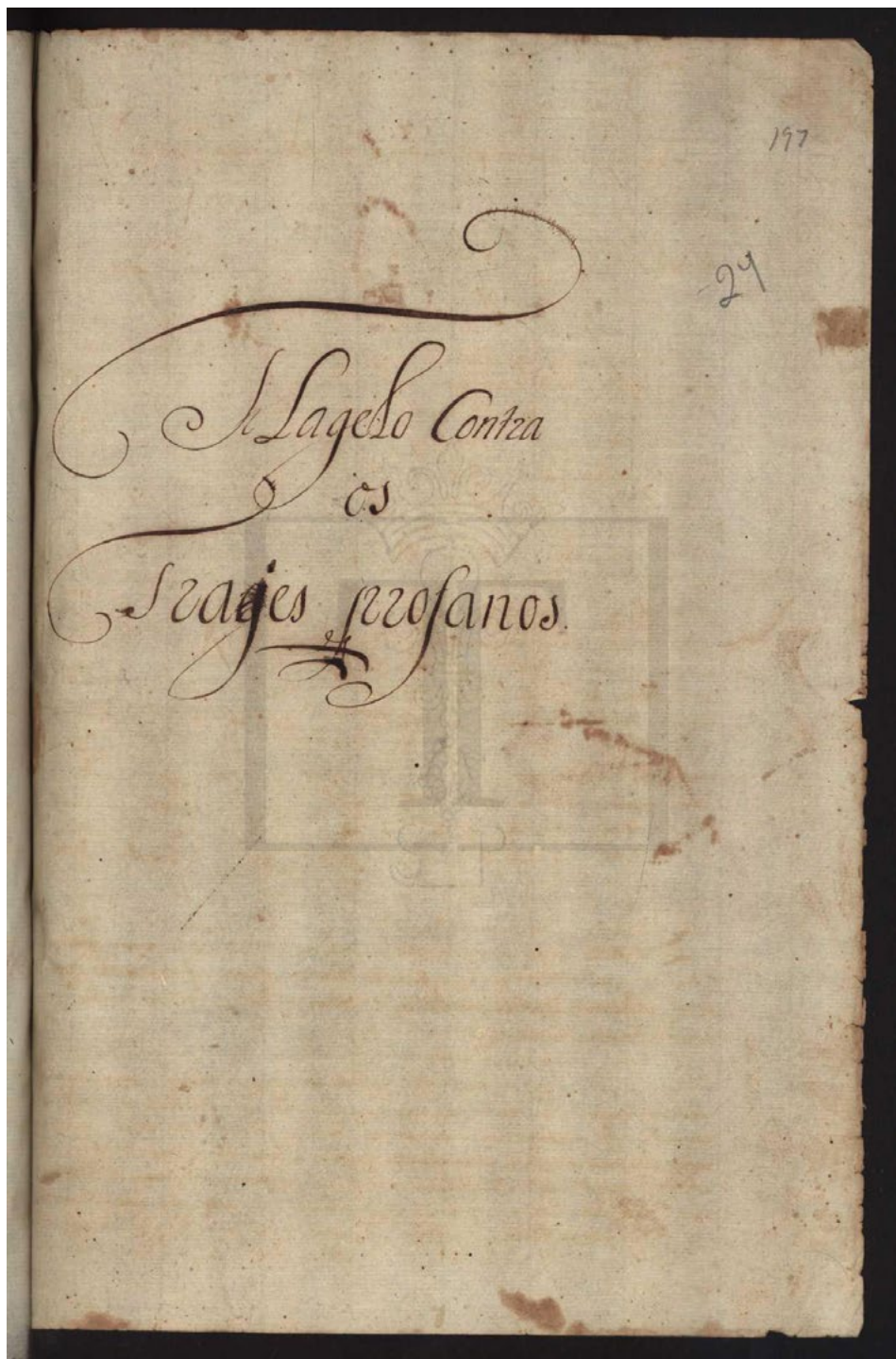
Todas as interpretações do editor constam entre colchetes. As leituras duvidosas foram indicadas com [?]. O uso do [*sic*] ficou reservado aos casos que poderiam gerar dúvidas ao leitor a respeito da transcrição, tais como a ocorrência de palavras repetidas, incompletas ou invertidas (por exemplo: os os, socilita, declando, Sobres, croa, otro) – aplicando-se os mesmos critérios para os trechos latinos das notas de rodapé. Foram igualmente assinaladas com [*sic*] as divergências no emprego dos artigos masculinos e femininos e do singular e do plural em relação à palavra anterior ou seguinte (por exemplo: seu rostros, os almas, outros munto). Nas notas de rodapé, o [*sic*] também foi empregado para demarcar a inclusão de palavras portuguesas em meio ao texto latino (por exemplo: illis tão, non tão). Os trechos interlinhados estão inseridos entre < >. Os eventuais esclarecimentos paleográficos a respeito do conteúdo das notas de rodapé, para evitar confusão com o texto do próprio tratadista, constam com o indicativo de **Nota do editor**.

Os trechos escritos em módulo maior, correspondentes ao enunciado dos silogismos ou a termos que o autor procura enfatizar, foram transcritos em versalete.

Para não haver repetição dos reclamos no final dos fólhos, optou-se por manter apenas a palavra repetida no fólho seguinte.

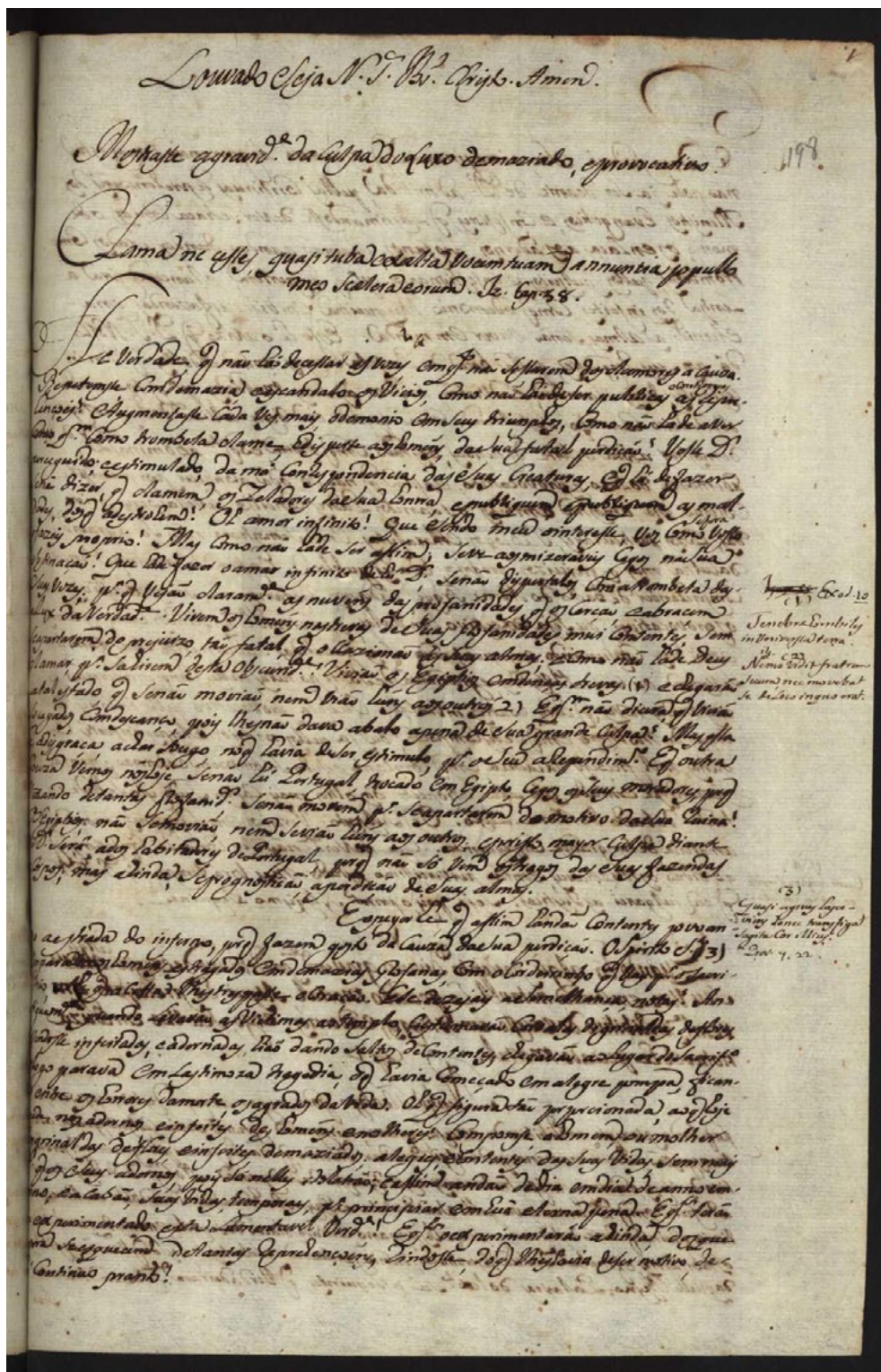
As notas de rodapé foram inseridas no lugar correspondente do manuscrito; em geral, antes das citações, e não após, como é o uso atual. Em relação à paginação, o texto apresenta duas numerações: uma mais recente, feita a lápis, que acompanha a numeração dos fólhos do livro; outra, mais antiga, inserida pelo autor do tratado. Esta segunda numeração, com exceção do fólho referente à capa, segue numeração contínua e é utilizada pelo próprio tratadista. Na presente edição, a dupla numeração foi mantida. Por fim, optou-se por transcrição contínua, sem indicação de mudanças de linhas.

Imagem 1: Capa do tratado Flagelo contra os trages profanos



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria n.º 1123, Miscelânea, f. 197.

Imagem 2: Introdução do tratado Flagelo contra os trages profanos



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria n.º 1123, Miscelânea, f. 198.

Edição do documento

Flagelo contra os trages⁷ profanos

[f. 197v] [Em branco]

[f. 198/1]

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo. Amen.

Mostra-sse a gravidade da culpa do luxo demaziado, e provocativo.

**Clama ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam annuntia popullo meo
scoelera eorum.**

Izayas cap. 58.

He verdade, *que* não hão de cessar as vozes enquanto não cessarem dos clamores a cauza. Repetem-sse com demazia, e escandalo os vicios, como não hão de ser publicas <e continuas> as reprehensões? Augmenta-sse cada ves mais, o demonio em seus triumphos, como não ha de aver,⁸ *quem* como trombeta clame, e disperse aos homêns, da sua fatal perdição? Ve-sse *Deus* perseguido; e estimulado, da má *con*res-pondencia das suas creaturas; e *que* há de fazer senão dizer, *que* clamem, os zeladores da sua honrra, e publiquem,⁹ as maldades dos *que* a destrohem? Oh amor infinito! Que sendo meu o interesse, vos, como <se fora> vosso, o fazeis proprio! Mas como não ha de ser assim; se ve aos miseraveis cegos na sua obstinação! Que ha de fazer o amor infinito de *hum Deus* senão disperse-os, com a trombeta das suas vozes; *para que* vejam claramente as nuvens das profanidades *que* os cerção, e abraçam a lux da verdade. Vivem os homêns nas trevas de suas profanidades, mui contentes, sem se apartarem, do prejuizo, tão fatal, *que* occasionão às suas almas; e como não ha de *Deus* clamar, *para* sahirem desta obscuridade? Vивиão os egiptios em denças trevas.¹⁰ E chegarão a tal estado, *que* se não movião, nem vião hũns aos outros.¹¹ E *quem* não dicera, *que* vivião socegados, com descanso, pois lhes não dava abalo a pena de sua

⁷ Emendado de: “Trajes”.

⁸ Segue-se riscado: “como”.

⁹ Segue-se riscado: “e publiquem”.

¹⁰ Exodi 10: “Tenebrae horribiles in universsa terra”. [Nota do editor: Foi riscado antes de Exodi: “Isayae 55 [?]”].]

¹¹ Ibi [?]: “Nemo vidit fratrem suum, nec movebat se de loco in quo erat”.

grande culpa? Mas essa [h]e a desgraça, achar socego, no *que* havia de ser estímulo, *para* de seu arrependimento. E *que* outra cousa vemos nós hoje, senão hum Portugal, trocado em Egipto, cegos os seus moradores, porque uzando de tantas profanidades se não movem, *para* se apartarem do motivo da sua ruína! Os egíptios, não se movião, nem servião hũns aos outros; e por isso mayor culpa diante d[e] *Deus* será a dos habitantes de Portugal, porque não só vem os <es>tragos das suas fazendas e corpos; mas ahinda, se prognosticão, a perdição de suas almas.

E o peyor he, *que* assim handão contentes povoando a estrada do inferno, porque fazem gosto da cauza da sua perdição. O *Spirito Sancto*¹² compara dictos homẽs estragados em demazias profanas, com o cordeirinho *que* vay *para* o sacrificio, athe *que* a cetta lhes trespasse o coração. E se dezejais a semelhança, notay? Antigualmente quando levavão as victimas ao templo, costumavão coroa-las de grinaldas de flores, vendo-sse infeitadas, e adornadas, hião dando saltos de contentes, chegavão ao lugar do sacrificio [e] logo parava em lastimoza tragedia, o *que* havia começado em alegre pompa, ficando entre os horrores da morte, os agrados da vida. Oh *que* figura tão porporcionada, ao *que* hoje [so]çede nos adornos, e infeites dos homẽs e molheres! Compom-se, o homem, ou molher [com] grinaldas de flores, e infeites, demaziados; alegres, e contentes das suas vidas, sem mais *que* os seus adornos, pois só nelles idolatrão; e assim andão de dia em dia de anno em anno; e acabão, suas vidas, temporaes, *para* principar em huma eterna pena. E quantos terão experimentado esta lamentavel verdade! E quantos o experimentarão ahinda, dos *que* [ag]ora se esquecem de tantas reprehensões, rindo-sse, do *que* lhes havia de ser motivo, de continuo pranto!

[f. 198v/2] Bem poderá ser, o imaginarem, *que* os livrará a ignorancia; mas esta não pode ja ser deante de *Deus* admittida, pellas continuas reprehensões, dos menistros evangelicos, e confessores, *que* lastimando-sse de ver a traça com *que* o demonio, os enlaça aos adornos profanos, clamão e andão dando¹³ brados como trombetas, pellos pulpitos, e confessionarios, *para que* dispertem, e lancem fora a lenha dos infeites, com *que* o demonio, lhes queima em vida as fazendas, e na eternidade as almas, se não ouver emmenda. Este he o avizo, *que Deus Senhor* Nosso dá aos seus pregadores, pella boca do profeta Izayas, mandando-lhes *que* com incessantes vozes clamem, e advirtão, ao povo, as suas maldades, *para que* tomando o verdadeiro caminho, se salvem. E não fogindo eu deste avizo do *Senhor* protexto demostrar, a toda sorte de pessoas, o estado em *que* vivem, e o quanto abomina *Deus* a demazia do luxo, e provocativo; e assim, *que* não só o dá a conhecer por perceiveito divino, mas o mostra em todos os sanctos padres, concilios, revelações privadas, cazos particulares, theologos, moralistas; em *que* se mostrará, não só a gravidade da culpa mas os prejuizos proprios, e da **res publica**. E assim he a minha tenção comprehender debacho do

¹² “Quasi agnus lasciviens donec transfigat sagita cor illius”. *Proverbiorum* 7, 22.

¹³ Segue-riscado no final da palavra: “s”.

nome trages, e adornos, profanos não só os excessivos, mas os provocativos; ou seja, excessivo em valor, e preciozidade dos vestidos, com *que* os homens e mulheres, consumindo, e empenhando suas fazendas, e arruinando suas famílias se vestem; ou com *multos* vestidos, e grandeza de sobreposturas, nelles, com *que* os adornão; já nas modas novas, *que* huns, e outros inventão. Ou seja provocativo, pellos inhonestissimos trages de mulheres, em *que* se descompoem, ou ja pellos nimios, e torpes infeites, com outras mil ficções da cabeça, com *que* com tanto estudo se compoem, e adornão, e pintão fazendo-se em tudo isto laços e tropeços dos olhos mais castos. Tudo isto se ha de entender debacho do nome luxo. O *que* subposto; veremos em sylogismos provada a materia de tão grande consequencia. Que na verdade não sey como há confessores, *que* absolvão, os miseraveis, em tão pervercissimo estado: mas virá tempo, (diz Deus Senhor Nosso) *que* eu julgarei as justiças.¹⁴ Seja pois o primeiro sylogismo o seguinte.

1

QUANDO HÁ ALGUM PRECEPTO DIVINO GRAVEMENTE PROHIBITIVO DE EXCESSO <ALGUM>,¹⁵ SEU UZO EM COUZA NOTAVEL HE PECCADO MORTAL; ATQUI, HÁ PRECEPTO GRAVEMENTE PROHIBITIVO DO EXCESSO EM OS TRAGES, E ADORNOS: ERGO, SEU UZO EM COUZA NOTAVEL, HE PECCADO MORTAL.

Cap. 1º.

Nenhum theologo pode negar a mayor desta propozição¹⁶ porque sendo precepto prohibitivo de excesso grave, ninguem ignora seria culpa grave a sua transgressão; porem na menor pode *algum* duvidar, dizendo, *que* não ha precepto gravemente prohibitivo dos trages, e adornos, por isso trataremos neste discursso da sua prova. No cap. 3. de *Izayas* temos a profecia, em *que* Deus ameaçava pello seu profeta ao reyno de Judea, cominando-lhe o ultimo a captiveiro, e ruina *que* havião de padecer, por Tito, e Vespéziano, com a desolação do Templo, e mortes de quazi todos os habitantes, e finalmente de sua reprobação; dando por cauza os soberbos trages de *que* usarão os filhos daquelle reyno: palavras do texto são as seguintes, *que* verdadeiramente fazem tremer: [f. 199/3]¹⁷ “Sera arruinada Jerusalem e o reyno de Judea, pellas invenções *que* usarão contra Deus para irrita-lo”. E *que* invenções forão estas, *que* tanto chegarão ao Ceo, para castiga-las, con tantas mortes, captiveiros e mais desolações, *que* experimentarão os naturaes de Judea, e de Jerusalem? *Cornelio*

¹⁴ *Psalmis* [?]: “Cum accepero tempus ego justitias judicabo”.

¹⁵ Escrito sobre palavra riscada: “grave”.

¹⁶ Emendado de: “propozição”.

¹⁷ *Isayae* 3: “Ruit enim Jerusalem et Judas concidit quia lingua a eorum et ad inventiones eorum contra Domi<n>um, ut provocarent óculos majestatis ejus”.

a Lapide o dis expondo este *capitolo* de Izayas:¹⁸ “Outra cauza dá o *Senhor* desta destruição, e ruina, convem a saber o dezafojado, e soberbo ornato das molheres”. Assim: pois logo, *que* admiração podemos nos fazer daquella dezolação, se o ornato das molheres, provocou a ira de *Deus* para o seu castigo?

E São Bazilio expondo tambem este lugar de Izayas dis estas formais palavras:¹⁹ “O *Senhor* lhes ha de tirar a gloria, e esplendor de seus vestidos, con *que* se adornavam con ruina de sua mesma alma, e daquelles com *quem* familiarmente andavão; e assim toda a molher, *que* abuza de seu vestido, com esta mesma cominação será despojada”. Innocencio .3. ponderando, a malicia deste vicio, e os castigos temporais, <e eternos [?]> *que* *Deus* *Senhor* tem cominado, aos *que* uzam dos trages profanos, dis assim:²⁰ “Atende o *que* per Izayas comina *Deus* pello superfluo ornato. Justa pena se lhes dá pella culpa para *que* sejam castigados, em aquillo mesmo *que* peccarão”. E para *que* não possa haver duvida, dizendo algum mal intencionado, *que* só naquelle tempo da ley escripta prohibirá *Deus* esta superfluidade de ornatos, por isso, acodirão os *sanctos* padres e expozitores deste *capitulo* de Izayas, a declarar o precepto de *Deus*, para estes nossos tempos; dizendo Laynez:²¹ “Havendo Izayas às molheres debacho de precepto, e cominação grave prohibido-lhes a superfluidade do ornato; os apóstolos às molheres christãs, quanto mais lhes prohibirão isto mesmo?” E o a Lapide expondo o mesmo lugar, dizendo *que* he precepto²² vem a dizer o mesmo:²³ “He illustre lugar este contra o ornato das molheres, e excesso de seus vestidos; porque se em aquelle tempo este abuzo de tal forma desazagradou a *Deus* nos judeos, *que* todo aquelle reyno foi castigado, com sua ruina, e morte de seus habitantes, quanto dezagradará nos christãos, e como os castigará?” E assim se deve advertir, *que* quando nas Escripturas, há cominações, sempre são sobre couzas

¹⁸ Cornelius a Lapide: “Aliam dat excidii causam, scilicet porcacem [sic] et superbum ornatum foeminarum”.

¹⁹ Divus Bazilius Magnus: “Ait Dominus ab illis ablaturum gloriam ac splendorem vestiturae qua quidem [...] amiciebantur in suummet malum, et eorum quibuscum familiariter congregiebantur. Itaque mulier omnis suo abutens vestitu, hac cominatione eo venit spolianda”.

²⁰ Innocentius 3, de Contempus Mundi: “Atende, quid contra superfluum ornatum cominetur Dominus per Izayam Profetam... Justa pena redditur pro culpa, ut eo puniantur in quo peccaverunt”.

²¹ Diego Laynez, de Ornatu mulierum: “Cum Izayas judaeis foeminis sub praecepto, et gravi cominatione superfluitatem ornatus prohibeat; Apostoli christianis foeminis quanto plus prohibebunt?”

²² Segue-se riscado: “este”.

²³ A Lapide: “Est hic locus illustris contra ornatum muliebrem, et luxum vestium; si enim in judeis olim ille ita Deo displicuit punitusque fuit totius gentis excidio quomodo displicebit, et punietur in christianis?”

graves, e equivalem a preceptos. Marchant:²⁴ “As cominações de *Deus* que se achão nas Escripturas, equivalem a preceptos divinos”.

Este só lugar de Izayas bastava, ahinda *que* não ouvera outro na Escriptura, *para* ficar convencida a grave malicia do excesso, em os vestidos, e adornos *que* hoje por nossos pecados,²⁵ prática neste reyno de catholicos²⁶ os homêns, e molheres, com tanta destruição das fazendas, e das mesmas almas; e por isso bastava só ouvir a ameaça do Profeta: pois por esta cauza foi a destruição de Judea, e Jerusalem, como o contextão todos os padres e expoitores do mesmo texto. Porque se se concidera²⁷ *que* sendo a principal cauza desta ultima ruina, reprovação e exterminio do reyno de Judea, o não haver admitido a JESU Christo por seu Messias prometido haver lhe dado a ignominioza morte *que* lhe derão; *quando* à vista disto parecesse *que* não podia ter lugar nem era digna outra nenhuma de se fazer menção della, ver *que* o Spirito Sancto dá por cauza tambem desta ruina, e reprovação, como se fosse a total, os excessos dos trages e adornos daquelle reyno; mas *para que* se não imagine, *que* huma só ves he reprehendido este abuzo dos trages profanos, [nas] Escripturas se achão muntos mais lugares da sua abominação.

No Ecclesiastico²⁸ se dis:²⁹ “Não olhes *para* a molher adornada, e vamente composta, porque com sua vista perecerão muntos; e disto se acende como fogo a concupiscencia”. E se o Spirito Sancto nos encina a fugir desta profana vista, *para que* não seja cauza de ruina, pois nos certifica, *que* a muntos o tem sido; *quem* pode logo duvidar, a grande malicia desta profandade? Por isso, o Angelico Doutor São Thomas dice:³⁰ “O justo *que* teme a *Deus*, cuida de esconder sua formozura corporal, dos *que* a podem ver, porque a formozura exterior, e o ornato tem sido a muntos occasião de ruina”. Aqui se pode ver, *que* malicia seja o demaziado ornato; e não pode a desculpa³¹ ser admitida, pello expressivo, e clareza com *que* a Escriptura fala [d]esta materia. Ve-sse mais nos Proverbios, donde o Spirito Sancto chama, vam e

²⁴ Marchant, tomo 3, tractatu 2, titulo 2, quaestione incidental, § hic: “Cominationes Dei in scripturis contemptae praeceptis divinis aequipolent”.

²⁵ Segue-se uma palavra rasurada.

²⁶ Segue-se riscado: “E assim”.

²⁷ Foi riscada uma letra no final da palavra.

²⁸ Emendado de: “Esclesiastico”.

²⁹ Ecclesiastici 9, v. 8: “Averte faciem tuam a muliere compta: propter speciem mulieris multi perierunt; et ex hoc concupiscentia, quasi ignis exardescit”.

³⁰ Sanctus Thomas, opusculo 58, cap. 8: “Discit justus abscondere pulchritudinem corporalem ab omnium inspectione, quia exterior pulchritudo, et ornatus multis fuit occasio cassus”.

³¹ Seguem-se palavras riscadas: “[...] desta ignorancia”.

provocativo ao ornato [co]mo dizendo:³² “Olha como a mulher apareceu com seu ornato meretricio disposta a perder almas”; (e como expõem a Glossa): “A todos os *que* atrahe a si lhes dá morte spiritual”;³³ por cuja rezão ^[f. 199v/4] o Doutor Angelico, tocando este lugar dis:³⁴ “O ornato da mulher, provoca aos homêns a lascívia, segundo o *que* dis *Deus* nos Proverbios”. E São Cipriano ponderando isto mesmo, e também as gravissimas culpas, *que* occasionão os vãos adornos, exclama dizendo:³⁵ “Quem há *que* não abomine, e fuja, do *que* a outro há de dar a morte³⁶? Quem há *que* dezeje, e uze, o *que* para a morte spiritual de outro ha de servir de espada,³⁷ e dardo?” E *que* dirão agora, os *que* ignorantemente chegão a dizer, *que* não fazem tenção de occasionar ruina alguma spiritual ao seu proximo; quando os sanctos expressão, *que* se não pode uzar delles, sem semelhantes effeitos? Oh se Deus agora o mostrara a estes miseraveis, assim como, o tem ja mostrado em outros tempos con tantas evidencias! E ahinda mal, *que* ahinda hoje se está vendo, com tantas honrras profanadas, e almas perdidas, sem mais cauza motiva, *que* as profanidades!

Não menos manifesta³⁸ *Deus* Senhor Nosso pello seu profeta Ezequiel a grave malicia deste excesso, pois por elle ameaça outra ves, ao povo judaico, com grandes castigos, pois depois de haver dito, *que* lhes havia de dar fomes, peste, e guerra, e mortandade de gados lhes havia de dar, e partar de sua divina face; dis pois:³⁹ “Os vestidos, e ornato, *que* lhes dei para sua neccidade o tem convertido em soberba, e fausto, e em hum soberbissimo adorno. Pello qual eu farei *que* seu mesmo ornato, lhe çirva de ignominia, e ficando em maos de seus inimigos, servirão aos impios, e tiranos, *que* lho contaminem; e apartarei, meu rosto, e especial protecção”. Aqui se mostra neste texto, como o *Senhor* abomina o luxo, *que* diz ha de negar a protecção a quem delles uza. E expondo Cornelio, este texto, dis *que* he conforme a intelligencia

³² *Proverbiorum*, cap. 7, v. 1: “Ecce mulier occurrit illi ornatu meretricio praeparata ad capiendas animas”.

³³ Glossa hic: “Quousque associare potest, spiritali morte perimit”.

³⁴ *Sanctus* Thomas hic: “Molieris cultus viros ad lasciviam provocat, secundum illud *Proverbiorum*, etc.”.

³⁵ *Sanctus* Ciprianus hic: “Quis id non excretur *et* fugiat, quod aliis fuerit exitio? Quis appellat, *et* assumat quod ad necem alterius pro gladio fuerit, *et* tello?”.

³⁶ Segue-se riscado: “espiritual”.

³⁷ Segue-se riscado: “e ruina”.

³⁸ Segue-se letra rasurada.

³⁹ Ezechiel, cap. 7, v. 20: “Ornamentum monilium suorum in superbiam posuerunt... Propter hoc dedi eis illud in immunditiam, *et* dabo illud in manus alienorum ad diriplendum, *et* impiis terrae in praedam, *et* contaminabunt illud. Et avertam faciem meam ab eis”. [Nota do editor: Ezechiel foi emendado de “Ezeqhiel”.]

de São Jeronimo,⁴⁰ dizendo <Gaspar Sanches>:⁴¹ “O⁴² ouro, e riquezas não tanto lhe servio de ornato, quanto de ruina, porque em ves de uzar dellas para suas necessidades domesticas, o converterão em vanissimo fausto”. E se por esta cauza, sobre tantos castigos, ameaça o *Senhor* ao povo, com apartar delle seu rosto, como poderá ser senão reputando os adornos, por culpas gravissimas.

Ouçamos outro horrorozissimo castigo de todo hum reyno, pella pompa de suas vaidades. Esta he a cidade e provincias de Tyro; que depois de haver Deus pello seu profeta Ezechiel ponderando a vaidade com que vestião os filhos daquelle reyno, conclue declarando-nos debaxo da methaphora de nao, sua ultima ruina, e sumersão, dizendo:⁴³ “Te chorarão oh filhos de Tyro com amargura de animo, com pranto amargozissimo. Cantarão sobre ti canticos lugubres, e te chorarão dizendo: ‘Donde está Tyro, que com suas riquezas, e preciozidades tem immudecido sumergida no meyo do mar?’” E os sagrados expozitores não dão outra cauza⁴⁴ desta ruina mais que haver abuzados os moradores de Tiro, das suas riquezas, convertendo-as, em faustos vanissimos. Cornelio o dis:⁴⁵ “Este teu ornato ó Tyro, de teus filhos, e filhas, não he ornato, senão infame torpeza, se ha de chamar”. Vejão agora como andão contentes, ouvindo, esta profecia os que uzão de semelhantes ornatos, e vaidades; lá o verão. Este exemplo nos poem Deus Senhor Nosso aos olhos para que se vejão como a espelhos os homêns, e molheres destes nossos tempos. E para mayor confusão nossa; expoem Innocencio .3. e Lorino este texto em comprovação deste mesmo assumpto, donde exclamão, e abominão a malicia dos trages e profanos, como profetizando, que socederá o mesmo agora que lá socedeo a Tyro.

Ultimamente deichando outros muntos textos, he horrorosissimo e digno de temer a vizão daquella molher do Apocalipse, que referindo-a o Evangelista São João dis:⁴⁶ “Vi huma molher, vestida de purpura, e grã intertecida, e guarneçada de ouro, perolas, e pedras preciozas”. E tornando o Evangelista a ver a mesma molher, em methaphora de Cidade, despida de todas suas preciozidades e condenada ao inferno,

⁴⁰ Cornelius hic: “Monilia quae eis dedi in ornamentum, ipsi converterunt in superbiam, et fastum, id est, in superbum ornatum”. Hieronymus in Isaya cap. 3: “Monilia uno sermone omnia ornamenta significat”.

⁴¹ Gaspar Sanches hic: “Aurum non tantum ornasse, quam perdidisse omnino possessores suos, neque enim illis tão [sic] usui fuit ad domesticos sumptus, quam ad fastus vanissimos”.

⁴² A letra “O” foi escrita sobre uma letra “M”.

⁴³ Ezechiel, cap. 27, v. 31: “Et plorabunt te amaritudine animae ploratu amarissimo, et assument super te carmen lugubre, et plangent te: quae est ut Tyrus, quae obmutuit in medio maris?”

⁴⁴ Segue-se riscado: “mais”.

⁴⁵ Cornelius hic: “Hic ornatus tuus, ó Tyre, non ornatus, sed potius infamis est turpitude”.

⁴⁶ Apocalypsis, cap. 17, v. 4: “Et mulier erat circumdata purpura, et coccino, et inaurata auto, lapide precioso, et margaritis”.

dis *que* ouvio estas vozes *que* dizião:⁴⁷ “Ay ay daquela molher *que* qual outra cidade de Babilonia, em sua soberba estava vestida de olanda, ou cambraya purpura, e cheya de ouro, perolas, e pedras preciosas, porque em huma ora tem sido condenada, e despojada de suas riquezas”. E São Vicente Ferreira, dis *que* esta repetição dos ais denotão⁴⁸ a condena[ção] temporal, e eterna. E *que* esta molher, *que* foi mostrada a São João em figura de cidade pella sua pompa e adornos foi condenada, aos infernos e despojada, de todas as suas riquezas, palavras do⁴⁹ evangelista [?].

[f. 200/5] Não faltou aqui Ruperto Abbade dizendo:⁵⁰ “Havia visto o Evangelista o ornato desta profana, e ahinda *que* não tivera outra cauza, bastará esta para sua condenação”. E se histo ahinda não basta para convencer os obstinados desta materia oução o padre Silveira; expondo o mesmo lugar:⁵¹ “A nimia pompa de seus vestidos, a estudioza forma de seu culto, e ornato, o esplendor das pedras preciosas, e ouro, e composição de seus cabellos fizeram a esta molher victima do inferno. Como se fora o mesmo estar pompaticamente adornada, *que* condenada”. Vejão agora, com isto, e como fica ponderado se haverá quem duvida a grave malicia, dos adornos e trages; e quem corre os olhos a estas clarissimas luzes, *que* Deus nos dá nas Escrituras? E munto mais as palavras com *que*⁵² o Senhor conclue dizendo:⁵³ “Quanto aquella molher se glorificou, e quanto teve de dilicias, da-lhe outro tanto de tormento, e pranto”. E na verdade assim socederá aos *que* agora gozão das suas delicias, e profanidades; porque o Senhor he o mesmo, e a sua justiça indefectivel.

Cap. 2.

Não se deve julgar, por grave malicia, a demazia dos trages, só nas molheres; mas tambem, he gravemente reprehencivel, nos homêns; porque as Escripturas igualmente

⁴⁷ Ibidem, cap. 18, v. 16: “Vae, vae, civitas illa magna, quae amicta erat bysso, et purpura, et cocco, et deaurata erat auro, et lapide preciozo, et margaritis; quoniam in una hora distitutae sunt tantae divitiae!”.

⁴⁸ A expressão “ais denotão” parece ter sido tachada posteriormente. A expressão foi mantida por manter a coerência do texto.

⁴⁹ Sanctus Vicentius Ferrarius ibi: “Ecce, quid fuit ostenssum Beati Joanni de quadam civitate vana, et pomposa, quae ex illis vanitatibus debui destrui de qua dicit Joannes: Vae, vae civitas etc. Primum vae quantum ad damnationem animae, et secundum vae quantum ad damnationem corporis”.

⁵⁰ Rupertus ibi: “Viderat jam meretricis habitum qui si solus esset ad damnationem ejus sufficere poterat”.

⁵¹ Silveyra ibi: “Nimia vestimentorum pompa forma studiosior cultus gemmarum splendor, auri fulgor, auri fulgor, comptior capillorum ornatus absque dubio gehenae victimam prophetabant mulierem. Ac si idem fuisset pompaticam ornata, ac damnata”.

⁵² Segue-se palavra riscada.

⁵³ Apocalypsis, ibidem v. 7: “Quantum glorificavit se, et in deliciis fuit, tantum date illi tormentum, et luctum”.

abominação, em hum e outro sexo, esta lamentavel culpa. O Propheta Rey, dis estas palavras:⁵⁴ “Aborreces *Senhor* aos *que* observão as vaidades, com nimia superfluidade”. E fundando São Bernardino de Senna todo hum sermão, sobre estas palavras, na materia sugeita; dis:⁵⁵ “Ahinda *que* todo o peccado grave, he objeto do odio de *Deus*; não declara a Escriptura de qualquer peccado grave este odio, e detestação, e assim das mais graves culpas he das *que* assim fala a Escriptura dizendo: ‘Aborreces *Senhor*, os *que* observão as vaidades com nimia superfluidade’”. E assim se deve reparar, *que* não dis David, *que* aborrece *Deus* aos *que* observão, ou uzão destas vaidades, senão aos *que* observão ou praticão estas vaidades com nimia superfluidade, isto he, vaidades vanissimas, *que* assim explica Lorino, aquelle **supervacue**,⁵⁶ porque o praticar e observar as vaidades quando ficão em termos de leves, de si não he mais *que* peccado venial, e ahinda *que* dezagradem munto a *Deus* não são bastantes para perder a graça; porem o observar e praticar estas vaidades com nimia superfluidade isto dis David *que* fazem aos *que* o observão dignos do odio de *Deus*. Vejão agora, os *que* se empenhão nos toucadores, e espelhos, oras esquecidas, com tantas profanidades, quantas chora o nosso Portugal. E como se poderão escapar de serem dignos, de huma eterna condenação?

A rezão pois deste odio, e detestação, declara o *Senhor* nos Proverbios dizendo:⁵⁷ “A arrogancia, e a soberba eu a detesto”. E este genero de vaidades vanissimas, seu uzo superfluo, e excessivo, he huma grande arrogancia, e soberba. Assim o dis o concilio Cloves Hoviense:⁵⁸ “A **supervacanea**, ou vanissima observação dos vestidos, aborrecivel a *Deus*, com toda a aplicação e estudo procura prohibi-la, porque estes vestidos vanissimos, *que* significão a desnudes da alma, são sinaes de arrogancia, soberba luxuria, e vaidade das quais ditas couzas dis a sabiduria divina nos Proverbios: ‘A arrogancia, e a soberba eu a detesto’”.

E para *que* se não ficasse com duvida nesta materia declara o *Senhor* pello seu profeta Amos, mais esta abominação dizendo:⁵⁹ “Ay de vos outros ricos, e poderosos, *que* entraís pompaticamente na caza de *Isrrael*”. Aqui condena o *Senhor* aos ricos

⁵⁴ Psalmi 30, v. 7: “Odisti observantes vanitates supervacue”.

⁵⁵ Bernardinus de Sena ibi: “Non enim de quocunque peccato hoc escriptum est, licet omne peccatum sit odium Dei, gravior utique culpa est de qua sic Scriptura hoc textatur ad Dominum dicens: Odisti etc.”.

⁵⁶ Sublinhado do próprio autor.

⁵⁷ Proverbiorum, cap. 8: “Arrogantiam, et superbiam ego detestor”.

⁵⁸ Concilium Cloves hoviae ibi: “Supervacuam autem, et Deo odibilem vestimentorum superstitionem omni intentione prohibere stude. Haec indumenta nuditatem animae significantia signa in se ostendunt arrogantiae, et superbiae, et luxuriae, et vanitatis de quibus sapientia Proverbiorum 8. ‘Arrogantiam, etc.’”.

⁵⁹ Amos 6, v. 1: “Vae qui opulenti estis in Sion ingredientes pompaticice domum Israel”.

e poderosos, pella demazia de suas galas, e superfluidades do seu estado, porque aquelle *vae* no sentir de todos os *sanctos padres* denota condenação eterna, àquelles por cuja culpa a merecem;⁶⁰ como dis *São Jeronimo*, *Sancto Antonino* de Florença: “O ay importa a condenação eterna daquelles contra quem he a imprecação”. *Arias Montano* dis o mesmo.⁶¹ E finalmente todos os expoitores deste texto condenão a vaidade e a superfluidade dos ornatos a culpa mortal; porque só por esta se comina na Escripura condenação eterna.

Não he pouco lamentavel aquelle texto de *Sophonias* que dis:⁶² “Farei juizo” (dis o *Senhor* pella boca do profeta)⁶³ “e castigarei a todos, os que vestem vestiduras peregrinas”. Sobres [*sic*] quais palavras dis *Cornelio*:⁶⁴ “Aprendão aqui os christaos, quanto aborrece *Deus* as novas modas, e excesso dos vestidos, e quam gravemente os castiga, porque estes trazem comcigo a luxuria, a jactancia, a soberba, e sobretudo a falta de juizo”. Eu não sei agora, como haverá ^[200v/6] juizo, que admita opiniões na espressão desta authoridade, mas se ahinda não basta oução a *Sancto Antonino* de Florença, sobre o mesmo texto do propheta:⁶⁵ “Em grande maneira este vicio em o ornato, cada dia se renova; pois os homêns, e munto mais as molheres, por vaidade, cada dia variam seus vestidos! Contra estes o *Senhor* por *Sophonias* dis: ‘Farei juizo, e castigarei a todos os que vestem vestiduras peregrinas’”. Ora vem ja a gravidade da malicia? Pois por esta dis o *sancto* que ha de castigar o *Senhor* e fazer juizo de semelhantes profanidades, pois o *Senhor* não uza, deste genero de ameaças, senão quando a culpa he grave, como dizem os *Sanctos Padres*.

Grandemente se declara no *Evangelho* esta verdade que falando Christo *Senhor* do Baptista pregando as turbas dis:⁶⁶ “Que ides ver no Baptista? Porventura he algum homem vestido delicadamente? Vede que os que vestem vestidos preciosos, e vivem em delicias, estes habitão na caza dos reys”. E esta caza dos reys que o *Senhor* dis

⁶⁰ *Sanctus Antoninus* de *Florentia* ibi: “Secundum Jeronimum vae importat damnationem aeternam, cui imprecatur, vel prenunciatur”. [Nota do editor: antes da autoria, foi raspado: “Cornelius hic”].]

⁶¹ *Arias Montanus*, in cap. 3, *Nahum*: “Vae certam culpam, et expectandam poenam indicat”. *Glossa interlinealis*, cap. 1 *Isaiae*: “Vae id est, aeterna damnatio minatur”.

⁶² *Sophonias*, cap. 1, v. 8: “Visitabo super omnes, qui inducti sunt veste peregrina”.

⁶³ Interpolação do tradutor.

⁶⁴ *Cornelius* hic: “Discant christiani, quam Deus oderit vestium novitatem, et luxum, quamque eum vindicet, et puniat, hic enim sapit molitiem, fastum, levitatem, in constantiam, defectumque iudicii”.

⁶⁵ *Sanctus Antoninus* ibi: “Per maxime istud vitium in ornatu quotidie renovatur: dum viri, sed multo magis molieres ob vanitatem quotidie variant vestes: contra quos Dominus *Sophonias* 1. ‘Visitabo etc.’”.

⁶⁶ *Lucae* 7, v. 25: “Quid existis videre? Hominem mollibus vestimentum indutum? Ecce qui in veste preciosa sunt, et deliciis, in domibus regum sunt”.

he a caza dos princepes das trevas do inferno, assim o entendem os expositores.⁶⁷ E tambem a Glossa Ordinaria dizendo:⁶⁸ “Aquelles *que* vestem vestiduras preciosas com cuja preciozidade corrompem seus corpos, desterrados, ou alienados do reyno celestial debaxo do poder dos demonios (*que* são princepes das trevas), envelhecem em as moradas deste mundo; e nenhum julgue, *que* na superfluidade, e estudo dos vestidos, não haja peccado mortal”; athe aqui a Glossa. A primeira parte he tomada de São Ambrozio, a segunda de São Gregorio. E São Hylario, São Ambrozio, São Vicente Ferreira entendem da mesma forma este lugar. Agora não sey eu como se pode livrar isto deante de Deus.

Não nos mostra com pouca certeza⁶⁹ esta verdade aquelle exemplo do rico avarento, de *que* trata São Lucas, dizendo:⁷⁰ “Havia hum homem rico, *que* vestia purpura e olanda, e cambraya, morreo este rico, e foi sepultado no inferno”. Sobre cujas palavras, dis Hugo Cardeal:⁷¹ “Argui-sse aqui este rico do excesso de seus vestidos, pello *que* se dis, *que* vestia purpura, e olanda. Argui-sse o excesso dos vestidos, por sinco capitulos, por sua sumptuosidade, multiplicidade, curiosidade, inhonestidade, e ostentação”. Vejão se há estas sinco couzas, ou alguma dellas, nos *que* hoje dezonestamente se adornão! E então verão, se estão, em companhia do rico avarento! Mas ahinda a Glossa Ordinaria tomando as palavras de São Gregorio Magno declarando este texto dis:⁷² “Se o ornato das preciosas vestiduras não fora peccado, não ouvera o Evangelho com tanto cuidado dito, *que* o rico *que* estava vestido de purpura, e se condenou; não se reprehende o rico, por furtar o alheyo; senão *que* com o proprio não remediasse ao pobre, e se por isto se condenou, *que* será, o *que* rouba o alheyo? Tambem o deitou no inferno, o⁷³ não saber uzar de sua felicidade pois os dóns *que*

⁶⁷ Sanctus Hilarius ibi: “Qui vestiti molibus sunt in domibus regum sunt in domibus transgressorum angelorum”.

⁶⁸ Glossa Ordinaria ex Divo Ambrosio: “Qui in veste preciosa quibus fluida divitiis membra solvuntur, exteros coelestis regni, sub jure diabolorum, (qui sunt reges tenebrarum) intra habitacula hujus mundi consenescent; nemo putet in luxu, et studio vestium peccatum de esse”.

⁶⁹ Segue-se riscado: “aqu”.

⁷⁰ Lucae 16, v. 19: “Homo quidam erat dives, qui induebatur purpura, et bysso... Mortuus est autem dives, et sepultus est in inferno”.

⁷¹ Hugo Cardinal hic: “Arguitur autem dives de luxu vestium unde dicitur; induebatur purpura, et bisso. Arguitur autem quis de luxu vestium, propter quinque, id est, sumptuositatem, multipliciter, curiositatem, indecenciam, et ostentationem”.

⁷² Glossa Ordinaria ex Divo Gregorio: “Si cultus preciosarum vestium culpa non esset, sermo Dei non tão [sic] vigilanter exprimeret, quod dives purpura, et bisso indutus aput inferos irremediabiliter torqueretur. Nec reprehenditur dives, quod aliena rapuerit, sed quod sua non erogaverit. Quid ergo illi qui aliena rapit? Hoc etiam hunc in infernum tradidit, quia in sua felicitate timidus non fuit, quia praecepta dona ad usum arrogantiae inflexit”.

⁷³ Emendado sobre letra ilegível.

recebeu de *Deus* os converteo em arrogancia, e soberba”; athe aqui o *sancto*. Mas se ahinda não basta, *para* convencer obstinados; oução sobre o mesmo texto o *Veneravel* Beda:⁷⁴ “A doutrina *que* Christo pregava as turbas, querendo-a comprovar com exemplos, lhes mostrava *que* o rico vestido de purpura, por esta rezão foi irremediavelmente condenado”. Finalmente *São* Lourenço Justiniano dis o mesmo:⁷⁵ “Se o fausto e soberba dos vestidos, não estivera condenado, não tivera o *Senhor* em suas pregações feito memoria da historia do rico, vestido de purpura, e olanda”. De cujo texto declaração da glossa, e Padres se faz este concludente argumento.

Huma das cauzas da condenação deste rico, foi o vestir delicados, preciosos, excessivos, e arrogantes vestiduras, porque de outra forma Christo não ouvera feito menção deste excesso, pondo-nos aos olhos sua condenação; se não fora peccado grave não podera isto haver sido concausa de sua condenação; logo o uzo deste genero de vestidos deliciosos, excessivos, e soberbos, de doutrina do Evangelho por peccado mortal os devemos reputar, assim em homêns como nas molheres. A mayor desgraça está em conhecer-sse este maldito vicio, tanto a olhos vistos, e não haver, *quem* abra os olhos da alma, *para* a sua detestação; *que* parece he ja castigo de *Deus* o continuarem em semelhantes profanidades assim o vemos por David dizendo o *Senhor*:⁷⁶ “Deicho-os correr segundo os desejos de seu coração, e *que* vivão entregues a suas invenções”. E *São* Bernardino de Senna tratando desta materia dos trages, dis confiando do remedio, dos *que* vivem emlaçados em semelhantes vicios; e dis assim:⁷⁷ “Deiche-os correr segundo os desejos de seu coração, e *que* vivão entregues a suas invenções”; *que* tudo isto he clarissimo sinal, *que* *Deus* como *que* desconfia do remedio desta enfermidade, deichando-os correr segundo seus desejos”. E bem se mostra esta verdade com a experiencia; pois nem as ruinas da propria alma, nem as quedas alheyas, nem a perdição das familias, filhos, cazas e fazendas, nem concideção alguma he bastante *para* apartar aos homêns deste abominavel vicio.⁷⁸

⁷⁴ *Veneravel* Beda hic: “Verum illa quae propusuerat exemplis adstruens, ostendit, ideo divitem purpuratum irremediabiliter apud infernos tortum”.

⁷⁵ *São* Lourenço Justiniano ibi: “Si indumentorum fastus non esse damnatus, de epulone divite purpura, et bysso vestito, ac in inferno sepulto Salvator noster nequaquam in predicationibus suis texuisset historiam”.

⁷⁶ *Psalmi* 80, v. 13: “Dimissi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis”.

⁷⁷ *Bernardinus* de Sena hic: “Dimisi eos secundum etc. Quae omnia apertissimum signum sunt, quod Deus detalium infirmitate dissidit, cum secundum desideria sua eos dimittat”.

⁷⁸ No final da margem esquerda, seguem algumas citações bíblicas igualmente presentes no tratado de Belluga, mas inseridas aqui sem chamada de nota no corpo do texto e numeração: 3 Regum 12: “Nolite declinare post vana, quae non proderunt vobis”. Regum 16: “Provocantes Deum in vanitatibus suis”. *Ecclesiastici* 1: “In vestitu ne gloriemur unquam”.

Cap. 3.

Tem-se mostrado a malícia do notavel excesso em os vestidos, e adornos, em homêns e molheres, creyo *que* não será menos concludente a demonstração da grave malícia dos infeites, e todo o genero de ficção com *que* as molheres, pertendem notavelmente adiantar sua formozura. E *para* isto havemos ouvir primeiro o profeta Ozeas, *que* dis:⁷⁹ “Tire a mulher os adulterios de seu rosto”. Sobre as quais palavras, dis Cornelio:⁸⁰ “Por isto dá o profeta a entender, *que* o adulterio está em o rosto lascivo, e alegremente composto”. Porem mais declara o texto *Sancto* Ambrozio, dizendo:⁸¹ “Daqui nascem os incentivos dos vicios, e do adulterio do rosto, meditação o adulterio da castidade *quando* as molheres pintão seus rostros com cores adquiridas por parecer bem aos homens”. *Sancto* Agostinho dis o mesmo, e outros muntos padres. Donde se infere, *que* se a Escripura chama adulterios aos infeites lascivos, pello provocativo, não se pode livrar alguem, *que* os uzar assim de ter culpa grave.

Não he menos *para* notar as palavras *que* Christo *Senhor* Nosso nos dis pello Ecclesiastico, pois declararão a grave malícia, dos infeites; donde dis:⁸² “Não tomes rosto, contra teu rosto”. Condena aqui o *Senhor*, dis *São* Bernardino, o *que* as molheres fazem, *quando* mudão a cor natural, *que* o *Senhor* lhes deu, sobrepondo rosto de culpa, na imagem da graça, hindo contra o precepto de *Deus*.⁸³ Mudando a façe obra da Omnipotencia, em figura de demonio; *porque* como dis Guillelmo:⁸⁴ “Emquanto exteriormente queres parecer formosa, tomas interiormente, o rosto e figura do demonio”. E *que* dirão a histo as *que* con tanta curiozidade se empenhão, nestas torpezas? Parecer lhes há, *que* são figuras do demonio? Mas ahinda mal, *que* não só, o são no interior, mas ahinda affectão *que* são imagens suas no exterior. *Quantas* desta sorte tomão esta figura do demonio, provocando, e tentando, as almas mais puras, e recatadas, vibrando destes malditos espelhos, faiscas, de sensualidades *que*

⁷⁹ Ozeas 2, v. 2: “Auferat fornicationes a facie sua”.

⁸⁰ Cornelius hic: “Quo circa Ozeas significat adulterium versari in lasciva, *et* molliter culta facie”.

⁸¹ Sanctus Ambrosius hic: “Hinc illa nascuntur incentiva vitiorum, ut quaesitis coloribus ora depingant; dum viris displicere formidant, *et* de adulterio vultus meditentur adulterium castitatis”.

⁸² Ecclesiastici 4: “Ne assumas faciem contra faciem tuam”.

⁸³ Sanctus Bernardinus de Sena: “Talis, duplicem ostendit faciem, unam naturae, alteram vero culpae; naturam ostendit faciem nigram, decoloratam rugatam, culpa vero faciem de albatam, decoram, atque politam contra preceptum Ecclesiastici *etc.*”.

⁸⁴ Guillelmus ibi: “Dum enim mulier exterius vult habere pulchram faciem interius assumit faciem diabolicam”.

fazem quebrantar, os sedros mais fortes athe *que* os prostrão por terra; e ahinda mal, *que* são cauza de darem com elles no inferno? E será possível *que* diga ahinda alguém não he culpa grave estes adornos? Assim será, mas a experiencia lhes mostrará esta verdade, *que* o *Senhor* tão claramente mostra nas suas Escripturas.

Dis *Deus* pella boca do profeta Joel:⁸⁵ “Todos os rostros serão reduzidos, a *huma* olha”. E Guillemo dis *que* o profeta quis significar o castigo eterno *que Deus* ha de dar, ao *que* querendo fingir sua formozura altera a figura de seu rostros [*sic*], e assim dis:⁸⁶ “O rosto, *que* a molher toma, contrario ao rosto *natural* no dia de Juizo será castigada por elle segundo aquillo do Joel: ‘Todos os rostros serão reduzidos a olha’”; advirtindo, *que* olha, he o mesmo *que* inferno. E mais claro fala o *Senhor* por Izayas,⁸⁷ como falando com *huma* destas faiscas do inferno; e dis assim:⁸⁸ “Te adornaste, e com regio unguento multiplicaste os infeites, e cores de teu rosto, e foste humilhada athe aos infernos”. E pello⁸⁹ profeta Ezechiel, falando das mesmas molheres *que* assim se ornão, dis:⁹⁰ “Abominavel fizestes tua formozura”. Expoem São Bernardo este texto e dis:⁹¹ “Abominavel fizestes tua formozura com tuas vaidades, pellas quais em corpo e alma ja começa a participar do inferno”. Não quero deichar *huma* gravissima *authoridade* de São Cipriano, cujas palavras, formais são as seguintes:⁹² “Emmendar quer a obra de *Deus* o *que* pertende reformar o *que Deus* formou, como se não soubera, *que* tudo o *que* nasce he obra de *Deus*; e tudo o *que* se emmenda he do demonio. Julgas tu, *que* ha de ficar sem castigo, a audacia de tão maldita temeridade e a offença de *Deus* artifice? Impugnar isto he contradizer a divina obra, e he prevaricação da verdade. O teu *Deus* dis *que* não podes fazer *hum* cabello branco, ou negro, e tu vencendo, e desmentindo a vos de teu *Deus* queres mostrar-te mais poderozo? Com audaz esforso, e com sacrilego desprezo,⁹³ teus cabellos tinges, e adereças com *munto* mal presagio do *que* te ha de soceder, pois ja parece *que* suspeitas, *que* com essa cor *que* lhes das, he fogo em *que* ha de arder. E ahinda peccas? Oh maldade”; athe aqui dis o *sancto*.

⁸⁵ Joel 2, v. 6: “Omnes vultus redigentur in ollam”.

⁸⁶ Guillelmus ibi: “Facies enim <a>sumpta contraria est faciei naturali et in futuro pro ea punietur. Joelis omnes vultus etc.”.

⁸⁷ Segue-se palavra riscada.

⁸⁸ Isayae 57, v. 9: “Ornasti te regio unguento, et multiplicasti pigmenta tua.. Et humiliata es usque ad inferos”.

⁸⁹ Segue-se riscado: “Eclesiastico”.

⁹⁰ Ezechiel 16, v. 25: “Abominabilem fecisti decorem tuum”.

⁹¹ Divus Bernardinus hic: “Scriptum est ‘abominabilem etc’; scilet [*sic*] cum tuis vanitatibus, propter quas corpore, et mente jam in presenti incipias participare infernum”.

⁹² Divus Cyprianus de disciplina, et habitu virginum prope medium.

⁹³ Segue-se palavra riscada.

Acabe pois de concluir este discursso aquelle *texto* de Izayas, donde dis o *Senhor*:⁹⁴ “Ay daquelle *que* contradis ao seu Creador!” Alem de *muntas* expozições deste *texto* em *que* demonstrão, o reprehencivel, e abominavel deste vicio; baste só o *veneravel* Bernardino de Bustos; cujas palavras são as seguintes:⁹⁵ “He reprehencivel o ornato das molheres por rezão dos infeites, pella injuria *que* fazem, a seu Creador, e a *que* com seus infeites quer parecer outra da *que Deus* criou; *porque* esta mulher vãa quer contender, ou disputar com *Deus*, *que* a fes, *que* a podia ter criado mais formosa, e o quer emmendar; e he o mesmo *que* se dicera: ‘Tú *Senhor* me creaste trigueira, eu me farei branca. Tú me fizestes pequena, eu me farei grande. Tú me destes poucos cabellos, eu acrescentarei *montos*. Tú mos destes negros, eu os⁹⁶ farei brancos. Tú me fizestes palida, eu me farei vermelha’, contra estas exclama Izayas dizendo: ‘Ay daquelles, *que* contradizeis [f. 201v/8] e quereis emmendar a vosso Creador!’ *Porque* havendo dito Christo por *São Matheos*,⁹⁷ ‘ninguem pode fazer *hum* cabello branco, ou negro’, estas mulheres com seus artificios, e ficções querem desmenti-lo, e por esta rezão o rosto *que* pintão com cores, não as conhece *Deus*; *porque* não as criou assim.⁹⁸ Pois *Sancto Hieronimo* dis, exclamando: ‘Con *que* confiança, levantas, ó mulher, ao ceo teu rosto *que* o Creador não conhece?’ E o mesmo he dos *que* levão cabellos postiços, artificiozos por vangloria”. Athe aqui dis o *padre*. Ora vejão agora o estado em *que* está o mundo, e como andão contentes estas tais, e peyor he *que* fazem suas devoções, e vão à igreja desta sorte a confessar-sse *munto* boa penitencia he esta *para* o demonio; lá o verão mais claro. Por isso este adulterar da Natureza, chega a ser culpa grave deante de *Deus* pello *que munto* provoca, ao proximo, e a *Deus*, *para* o castigo. Não falo aqui nos decotados, e meynos decotados das molheres, e brassos descubertos, *porque* ninguem duvidou ahinda fosse culpa mortal, e por isto he escuzado mostrar textos, *para* provar esta malicia.

⁹⁴ “Vae qui contradicit factori suo”.

⁹⁵ Bernardinus de Bustos, sermone 28, de Ornatu mulierum, parte 2, § 3: “Reprehensibilis est”.

⁹⁶ Palavra emendada sobre outra ilegível.

⁹⁷ Mathaei 5, v. 36: “Non potes unum capillum album facere, aut nigrum”.

⁹⁸ O tradutor apresenta mais duas citações à margem direita que não possuem numeração de nota, nem se encontram referenciadas no texto:

Genesis 38, v. 14: “Depositis viduitatis vestibis assumpsit theristrum, quam cum vidisset Judas suspicatus est esse meretricem”. Essa foi Tamar.

Tertulianus hic: “Quia se expiuxerat, et ornaverat, idcirco, Judae suspitione visa est, quaestui sedere”.

Cap. 4.

Bem parece não era necessaria mais *authoridade* da *que*, a *que* temos expressado *para* provar a menor da nossa concluzão; mas *para que* não possa haver duvida, no precepto *que Deus Senhor Nosso* impoem, *para que* se não uze de demaziados adornos, veremos, expressamente como o *Senhor* prohihe semelhantes demazias, impondo precepto, *para que* se não uzem; o primeiro he pello apostolo *São Pedro* donde dis:⁹⁹ “As molheres vivão sugeitas a seus maridos, de forma *que* possão aprender estes em seu *sancto* temor, e casta converção, e seu adorno não seja o exterior dos crespos em seus cabellos, nem outra composição, nem guarniçõens de ouro em seu vestido, nem o ornato dos multiplicados, e preciosos vestidos; porque seu cuidado ha de ser, *que* seu interior viva, em incurriptibilidade ou integridade de hum spirito quieto, e modesto”. Athe aqui o texto. E *para que* não cuidasse algum temerario, *que* isto hera só concelho de *Deus*, acudirão os sanctos padres a certificar, *que* era precepto do *Senhor* esta observancia. *São Jeronimo* lhe chama precepto, dizendo:¹⁰⁰ “Não seja o ornato das molheres a composição da cabeça com ouro, nem preciosos vestidos’, MANDANDO estas couzas *São Pedro*, não impoem obrigação às mulheres, de vestir-se de panos humildes, senão lhes prohihe o immoderado, e exquizado ornato”.

São Damião chama precepto de *São Pedro*, dizendo:¹⁰¹ “*São Pedro* pede nas mulheres o verdadeiro ornato espiritual da alma, quando lhes PROHIBE a composição lasciva, e meretricia dizendo: ‘Não ha de ser seu adorno, etc.’”. *São Fulgencio*, chama tambem precepto; dizendo:¹⁰² “Atende ao *que São Pedro* MANDA às cazadas a quem lhes prohihe o superfluo ornato do traje exterior”. O Angelico Doutor chama tambem precepto da Divina Ley, dizendo:¹⁰³ “PRECEPTO da Ley Divina, porque em a 1. Epistola de *São Pedro* no cap. 3. se dis: ‘Não seja a composição das molheres

⁹⁹ 1 Petri, cap. 3 à v. 1: “Similiter et mulieres subditae sint viris suis... conciderantes in timore castam conversationem vestram. Quarum non sit extrinsecus capillatura, aut circumdatio auri, aut indumenti vestimentorum cultus; sed qui absconditus est cordis homo in incorruptibilitate quieti, et modesti spiritus”.

¹⁰⁰ Sanctus Jeronimus hic ad Celantiamde: “Hec autem precipiens, non eas jubet, squallore, et sordibus, et horrentibus pannorum assummentis tegi, sed immoderato cultui, et nimis exquisito interdicat ornatui”. [Nota do editor: foi riscada uma palavra ilegível após “assumentis”.]

¹⁰¹ Petrus Damianus ibi, libro 6, epistola 11: “Hunc denique cultum, hunc indumenti spiritualis ornatum idem Petrus etiam a mulieribus exigit, cum eis lenocinantis, ac lupanariae compositionis faleras interdicat, quarum sit, iniquens, non extrinsecus capilatura etc.”.

¹⁰² Sanctus Fulgentius ibi: “Atende quid Beatus Petrus etiam conjugatis mulieribus mandet, quibus exterioris habitus interdicat ornatum”.

¹⁰³ Sanctus Thomas, 2. 2, quaestione 189, articulo 2: “Praeceptum Divina Legis dicitur enim 1 Petri cap. 3. ‘Quarum’, etc.”.

etc.”. Dionizio Cartusiano fala mais claramente nesta matéria, e assim dis:¹⁰⁴ “Não havemos de julgar *que* estas couzas só se PROHIBEM às mulheres, mas antes com mais rezão aos homêns, e aos mossos mais *que às molheres*”. (E acrescenta) “Preguntaste se as molheres peccão mortalmente em o uzo dos referidos vestidos preciozos, e curiozos?” (E responde) “Universalmente em todos os christãos de hum, e outro sexo, se há de evitar todas as immoderadas curiozidades, pompozidades, preciozidades e superfluozidades nos ornatos, e vestidos, do *que* fica claro *que* he PECCADO MORTAL”. Ate aqui o *padre*. Vejão agora se há precepto da ley de Deus para não uzar de tantas curiozidades quantos hoje se inventão, pompas preciozidades e superfluidades não só nos ornatos dos corpos, mas das cazas, e na multiplicidade de carruagêns, e mais couzas *que* os pios olhos lamentão, e chorão; e os acredores gritando, e clamando ao Ceo justiça. E como poderá ser isto leve nos olhos de Deus se ahinda nos <do> mundo he tão lamentavel?

O segundo precepto *que Deus Senhor Nosso* impoem, para *que* se não uze de demazias nos trages e infeites, explicou pello apostolo São Paulo, donde dis:¹⁰⁵ “As molheres an de estar vestidas, e adornadas com vergonha e sobriedade, e não com os cabellos crespos, ou outra composição com ouro, ou perolas, ou vestido precioso; senão como convem a molheres *que* professão a piedade pellas boas obras”. Este texto, como de São Pedro está conforme, porque o mesmo *que* dis hum afirma, o outro; e os sanctos padres, todos uniformes dizem tambem [f. 202/9] *que* he precepto este do apostolo São Paulo. Bem o certifica São João Chrisostomo dizendo:¹⁰⁶ “As molheres as mais das vezes por leviandade, quebrantão o precepto do Apostolo, *que* MANDA, *que* nem emcrespem os cabellos, nem se adornem, com ouros, nem perolas, nem vestiduras superfluas; e isto não obstante o executão com grande excesso”. São Gregorio Magno, dis mais:¹⁰⁷ “Nenhum julgue, *que* não há peccado no excesso, e

¹⁰⁴ Dionisius Cartusianus ibi: “Nec putandum quod solis faeminis, ista prohibeantur, imo prohibentur, *et* viris, ac juvenibus etiam magis quam faeminis, quoniam in eis magis peccant, quam muliereres..... Quaeritur an mulieres mortaliter peccent in ornamentis praefatis, *et* preciosis curiosisque vestibus. (Et respondens ait) Universaliter omnibus christianis utriusque sexus vitandae sunt omnes immoderatae curiositates, pompositates, praeciositates, superfluitates in ornamentis, ac vestibus (quod confirmat ex Hieronimo, *et* concludit) ex quo innotescit quod sit mortale peccatum”.

¹⁰⁵ 1 Pauli ad Thimotheum 2, v. 9: “Mulieres in habitu ornato cum verecundia *et* sobrietate ornantes se, *et non* in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, vel veste preciosa, sed quod decet mulieres promittentes pietatem per bona opera”.

¹⁰⁶ São João Chrisóstomo, in Genesim, homilia 21: “Mulieres plerique ob mullitiem Apostolicum mandatum transgredientes, quod jubet, ne tortis crinibus, vel auro, vel margaritis, vel veste sumptuosa se ornent, magno luxu hoc faciunt”.

¹⁰⁷ Sanctus Gregorius Magnus, in homilia 6, in Evangelio, tomo 3: “Nemo ergo existimet in luxu, atque studio perciosarum [*sic*] vestium peccatum deesse; quia si culpa *non* esset, nequaquam Paulus Apostolus per Epistolam foeminas á preciosarum vestium compesceret usu, dicens: ‘non in veste preciosa, etc’.”

estudo dos vestidos preciosos, porque se não fora culpa São Paulo em sua epistola, não prohibirá às mulheres o uzo destas vestiduras preciosas; dizendo: ‘Não vistais vestiduras preciosas’”. São Cipriano, expoem o mesmo dizendo:¹⁰⁸ “Dizes *que* es rica, pois a tuas riquezas acode São Paulo, para moderar, e por justo termo, a teu culto, e ornato, e con suas vozes MANDA, e dis: ‘As¹⁰⁹ mulheres se há de adornar com vergonha, e pudicicia *etc.*’”. Sancto Agostinho dis o mesmo:¹¹⁰ “Esripto está em primeira epistola a Timotheo, *que* as mulheres DEVEM, não adornar-sse com sobrepustras de ouros, cabellos rizados, e couzas semelhantes; *que* ou para a vâm pompa a alegre formozura costumão uzar, e com rezão são reprehendidas”. O Abulense chama tambem precepto dizendo:¹¹¹ “Este ornato se chama propriamente impudico, e inverecundo, qual o Apostolo São Paulo prohibe em sua primeira epistola a Timotheo”. Sancto Adelmo, chama tambem precepto a ambos os textos de São Paulo, e São Pedro, e fala grandemente nesta materia dis assim:¹¹² “Uzam-se com abuzo os ornatos deste mundo, de preciosas cores, contra os apostolicos MANDADOS, E SABIDAS LEYS porque o Pastor da Igreja, e Craveiro do Ceo, uzando de sua pontificia *authoridade* por-mulga ley dizendo: ‘Não seja o ornato exterior da mulher o ouro, nem o culto dos vestidos’”; athe aqui dis o *sancto*. Vejão agora, os *que* murmurão, e dizem, *que* são perluxidades, reprehenderem os missionarios pellos pulpitos, a gravidade desta culpa, se vendo a ley de Deus ultrajada, tanto a olhos vistos, sem temor, nem romorosso de consciencia, mais duros *que* pedras, para o seu dezengano.

Erasmus chama tambem precepto a do apostolo São Paulo, como expoem dizendo:¹¹³ “O Apostolo MANDA às mulheres uzar de vestido modesto”. Theophilato fala da mesma forma dizendo:¹¹⁴ “o Apostolo DEMANDA, OU PEDE POR OBRIGAÇÃO, às mulheres, *que* vistão com modestia, e não superfluamente porque o superfluo não

¹⁰⁸ Sanctus Ciprianus ibi: “Locupletem té dicis, *et* divitem, sed divitiis tuis Paulus occurrit, *et* ad cultum, atque ornatum tuum justo fine moderandum sua voce prescribit. Sint, inquit, mulieres cum verecundia, *et* pudicitia componentes si”.

¹⁰⁹ Emendado de: “ás”.

¹¹⁰ Agostinho, epistola 199, tomo 2: “Scriptum est quidem mulieres esse *non* debere in habitu ornato auri *que* compositione, *et* intorsione crinium, *et* caetera hujusmodi quae vel ad innanem pompam, vel ad illecebram formae habere solent”.

¹¹¹ Abulensis ibi: “Talis ornatus vocatur proprié impudicus, *et* inverecundus quam Apostolus prohibet 1 ad Thimotheum”.

¹¹² Sanctus Adelmus, de Laudibus virginitatis: “Utuntur mundi ornamenta purpureae prexiosis tinturae muricibus colorata contra Apostolica estatuta, *et* legalia scita: Si quidem Pastor gregis dominici, *et* Janitor coelestis aulae ita *authoritate* principali, *et* autentico pontificatu promulgat: ‘Sit mulieri *non* exterior ornatus, aut auri, aut vestir cultus’”.

¹¹³ Erasmus ibi: “Paulus jubet foeminas uti amictu modesto”.

¹¹⁴ Theophylact ibi: “Apostolus a mulieribus postulat, nempe, ut vestiantur ornate, *et* non superflué, *luxus enim non* ornat”.

adorna”. Sezario expozitor dos Juizes, contexta o mesmo, dizendo:¹¹⁵ “Quantas, e quam GRAVES SEJÃO AS REPREENHÇÕES destes ornatos das mulheres? Em as Divinas Escripturas, por Izayas, por Ozeas, por São Paulo, por São Pedro, pellos sanctos padres, por Sancto Hieronimo, Cipriano, Bazilio, Chrisostomo, Nazianzeno, Tertuliano, Clemente Alexandrino. Nos Gentios; Livio, e outros muntos que refere Clemente Alexandrino”. Finalmente todos unanimes, que escrevem sobre estes textos de São Pedro, e São Paulo contextão ser precepto, que Deus poem, a demazia do luxo; confirme o Angelico Doutor São Thomas, sobre o mesmo texto, para que se veja claramente o que o Senhor prohihe, em ambos os sexos; dis assim:¹¹⁶ “O Apostolo a Thimeteo escreve, que as mulheres se han de vestir com ornato modesto, adornando-sse com decencia, e sobriedade; não com cabellos crespos, ouro, perolas, e vestidos preciozos, no qual se dá a entender, que o moderado ornato, não se prohihe, às mulheres, senão o superfluo, o impudico, e o provocativo”; athe aqui dis o sancto.

Que este precepto Divino, seja com mais rezão aos homêns, se não pode duvidar, porque assim o affirmão os sanctos padres, e sagrados expozitores. São Gregorio dis:¹¹⁷ “Imaginal, e conciderai, que culpa será appetecer os homêns este ornato, que o Apostolo prohibio nas mulheres”. São João Chrisostomo, tambem dis:¹¹⁸ “As mulheres por liviandade quebrantão o precepto do Apostolo e com grande excesso, o executão, e não só as mulheres, senão que qualquer homem que fazendo-sse semelhantes às mulheres, as imitão neste nimio excesso”. E mais claramente fala Sancto Hieronimo, citado por Dionizio Cartusiano, donde sente ser peccado mortal, nos homêns, e mulheres, o notavel excesso dos adornos dizendo:¹¹⁹ “Se o homem, ou a mulher, se adornar de forma, que mutuamente possam provocar-se, ahinda que disto se não siga nenhuma ruina spiritual, padecerão a eterna condenação, porque offerecerão o veneno, se ouvera, quem o bebeçe”. Quem me dera agora ouvir aquelles, que dizem

¹¹⁵ Sesarius, in Judit 13: “Quam enim multae, et graves mulierum istius modi ornamentorum reprehensiones? In scripturis Isayae 3, Ozeae 2, Pauli 1 ad Thimotheum, Petri 1 cap. 3, et aput Patres Hieronimum, Cyprianum, Chrisostomum, Tertulianum, Clemente Alexandrinum; imo apud Gentiles, Libium, et alios quos affert loco citato Clemens”.

¹¹⁶ Sanctus Thomas ibi: “Unde Apostolus ad Thimotheum 1 dicit, ‘molieres in habitu ornato cum verecundia, et sobrietate ornantes se non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, aut veste preciosa’, per quod datur intelligi, quod sobrius, et moderatus ornatus, non prohibetur mulieribus, sed superfluus et inverecundus, et impudicus”.

¹¹⁷ Sanctus Gregorius, homilia 6, in Evangelio: “Pensate quae culpa sit, hoc etiam viros appetere a quo curavit Pastor Ecclesiae, et foeminas prohibere”.

¹¹⁸ Divus Chrisostomus, homilia 21, in Genesim: “Mulieres pleraeque ob mollitiem Apostolicum mandatum transgredientes quod jubet; ‘Ne tortis crinibus’, etc. Hoc faciunt, neque mulieres tantum, sed, et viri quicunque mollitie mulierculis similes fiunt”.

¹¹⁹ Sanctus Hieronymus aput Dionizium, in 1 Petri cap. 3: “Si vir vel mulier se ornaverit, et vultus hominis ad se provocaverit, et si nullum inde sequatur damnum, iudicium tamen practitur aeternum, quia venenum atulit si fuisset, qui biberet”.

(carregados de ignorancia) *que se não ornão para fazer mal ao proximo?* Ou como dizem, *que quem não quizer ver, que tape os olhos, se ahinda com elles tapados, não tirão a culpa ao escandalo, ou escandaloza?* Oh *Deus!* Emfim o Abulense dis:¹²⁰ “O mesmo *que temos dito das molheres, se há de dizer dos homêns, quando se adornão curiozamente porque também incitão às mulheres, a que as [sic] dezejem*”. Todos os sanctos padres, e expoitores, dizem o mesmo e não pode ficar a menor duvida, na certeza da menor do nosso sylogismo; em *que diziamos, que se dava precepto prohibitivo ao*¹²¹ excesso dos trages.

[f. 202v/10] E *para* mayor confirmação de todo o referido, o Angelico Doutor São Thomas deficultando se o Apostolo, expressa as especias, em *que se divide a luxuria, poem a mesma luxuria por especia distinta dizendo*:¹²² “Ao sexto se ha de dizer, *que a palavra luxuria, em o citado lugar de São Paulo, se entende por qualquer superfluidade; como o dis a Glossa interlinial*”. E Angelo, e Rozela fundão neste texto a culpa mortal, a superfluidade excessiva do ornato; e assim dis:¹²³ “O quarto se requer no ornato he a parcimonia, e moderação, convem a saber, *que não seja superfluo, na multidão, e divercidade, como nos muntos vestidos, e adornos, e couzas semelhantes, ou na preciozidade, ou curiozidade; porque o uzo superfluo he de todo viciozo, de donde São Paulo aos de Galacia cap. 5; entre outras couzas que dis que excluem do Reyno do Ceo, havendo dito da forniciação, poem também a luxuria, donde dis a Glossa*:¹²⁴ ‘Qualquer superfluidade se entende, *que notavelmente exceda, para que seja peccado mortal*’. Donde São Thomas dis, *que os que fazem ornatos superfluos, e curiozos peccão, e quando a superfluidade he notavelmente excessiva, que he mortal*”. E baste isto *para concluir este discurso; donde evidentemente se tem mostrado, a gravidade da culpa, que hoje se pratica, tanto sem temor de Deus pois não escapa pequeno, e grande, que não fique comprehendido, nesta lamentavel desgraça; valendo-se de opiniões, à sua vontade para fugirem do precepto da Ley de Deus. Como se essas opiniões fossem a sua salvação, e não a sua perdição; o certo he que eu só creyo, o que encina a fé catholica, e não os aduladores, que também, ficarão confuzos no tribunal divino, quando virem a falcidade dos seus dictames.*

¹²⁰ Abulensis, in *capitulo* [?] 11 Mathaei, *quaestione* 24: “De viris autem idem dicendum est, quando se ornant curiose, quia etiam per hoc foeminas incitant in concupiscentiam sui”.

¹²¹ Emendado de “do”.

¹²² Sanctus Thomas, 2. 2ae, *quaestione* 154, *articulo* 1, ad 6^a: “Ad sextum dicendum, etc.”.

¹²³ Angelus, verbo ornatus, n. 6: “Quantum [sic] quod, etc.”.

¹²⁴ O texto apresenta aqui um sinal de asterisco, que remete à seguinte nota situada à margem esquerda e sem numeração: Magister Sententiarum, in *Epistola ad Galathas* cap. 5, verbo [?] luxuria: “quaelibet superfluitas”.

Cap. 1.

Fora obra dilatadissima, o quer provar semelhante materia com authoridades de sanctos padres, assim gregos como latinos; mas do melhor modo *que* puder, tresladarei aqui algumas, *para* mostrar, ou provar a menor de outro sylogismo, concludente, em *que* se verá como he abominavel aos olhos de *Deus* a demazia dos infeites, e trages profanos. Seja pois da maneira seguinte.

2

TUDO AQUILO, EM *QUE* OS PADRES DA IGREJA UNIFORMEMENTE CONVEM, *QUE* HE PECCADO MORTAL, OU DECLARANDO-O, COM EXPRESSOS TERMOS, OU CON EQUIVALENTES, SE DEVE REPUTAR, E TER POR TAL. **ATQUI** OS PADRES TODOS DA IGREJA, UNIFORMEMENTE CONVEM, EM *QUE* O NIMIO EXCESSO DOS TRAGES, E ADORNOS HE PECCADO MORTAL, DECLARANDO-O COM TERMOS EXPRESSOS, OU EQUIVALENTES; LOGO ESTE EXCESSO O DEVEMOS REPUTAR, E TER POR PECCADO MORTAL.

A mayor deste sylogismo, he tão certa, *que* he asentado entre os theologos, *que* fora *quando* menos temeraria, qualquer preposição contraria, ao comum concensu dos Padres da Igreja; e basta dizer São Damião Papa *que* o *que*¹²⁵ “teme a *Deus* Omnipotente, nem contra o Evangelho, nem contra os apostolos, nem contra os profetas, ou stabalecimentos ou doutrinas dos sanctos padres, de nenhum modo permite contradizer-se”. Resta agora provar a menor, de *que* seja o comum concensu dos padres, a prohibição dos trages superfluos, e demaziados. Muntos são as *authoridades que* li nesta materia; porem as *que* pude escrever com mais brevidade se podem ver, nas expozições dos textos antecedentes; *que* todas confirmão a menor desta concluzão; e ahinda apontarei algumas, *para* mayor dezengano. Dis pois São João Chrisostomo:¹²⁶ “Ahinda *que* os ricos todas as riquezas *que* tem, as distribuirão aos pobres, nem desta forma fugirão do castigo dos peccados das delicias de seus vestidos”. E falando o mesmo *sancto* sobre as molheres dis: “Impocivel he ter algum *cuidado* da alma, tendo tanto no ornato, e formuzura do corpo; *porque* como poderá esta alma contemplar alguma couza util, nem vir no *conhecimento* das couzas spirituaes, entregue por *hum*a ves às couzas terrenas, e arrastrada a ellas, *que* nunca, pode levantar a cabeça a ve-las pello *que* a ssi mesma, por estas vaidades se grava, com a carga de innumeraveis peccados *quantos* males destes nasção não posso em *hum* sermão referi-llos”; athe aqui o *sancto*. Donde se ve *que* não só *hum* mas *multos*

¹²⁵ Divus Fabianus Papa, cap. Qui omnipotenti, 11, quaestione 3: “Qui omnipotentem Deum metuit, nec contra Evangelium, nec contra Apostolos, nec contra Profetas, vel sanctorum Patrum instituta aliquid ullo modo agere consentit”.

¹²⁶ Sanctus Joannes Chrisostomus, homilia 37, in Genesim, prope finem, tomo 1: “Nam si omnia etc.”.

peccados graves acha o *sancto* nestes excessos; e os *que* uzão destas miserias, parece-lhes, *que* não há couza mais *sancta*. Mas oução o mesmo *sancto* padre em outro lugar dizendo:¹²⁷ “Tu como animal immundo persuadido do demonio, te entregas a suas artes em todas estas preciozidades; este teu inimigo as tem ^[f. 203/11] inventado, para *que* privado da bem-aventurança, sejas entregue a essas miserias; e por ellas pospóens a Deos antepondo ao demonio, *que* te offerece as sedas, e para melhor dizer, não são as sedas as *que* o demonio te offerece, porque estas obras são de Deus; o *que* te offerece nellas he as delicias, e a sensualidade”. E noutro lugar dis o mesmo *sancto*:¹²⁸ “Quando nimiamente te adornas, ó mulher, então estás mais torpe, *que* se estiveras nua porque com esse vestido te despiste da honestidade”. E mais abacho continua o *sancto*: “Portanto tenho dito, *que* o nimio estudo de adornar-sse a molher, ou homem, he de sua natureza mau, ahinda *que* nenhum outro mal nescera desta composição nimia, e fora então licito pode-lo trazer sem este perigo da castidade mas he porque tras concigo a vamgloria, e soberba, com desprezo de outros; e tambem nascem outros muntos males desta curiozidade de adorno, *que* são as suspeitas, os gastos sem neçcidade; as pragas, a avareza, e as occasiões de muntos enganós”; athe aqui o *sancto*. E quem tiver curiozidade pode ver nos lugares citados da sorte *que* fala o *sancto* nesta materia, e se vera se he culpa grave este adorno de *que* falamos; pois sem ser necessaria reflexão, alguma o expressa.

São Bazilio expressamente falando, dis *que* he culpa grave. Oução as suas palavras ultimas depois de haver declarado, e reprehendido as profanidades¹²⁹ dis o *sancto*: “Donde estão aquellas senhoras, para quem com tanto estudo, e cuidado se buscavão estas preciozidades? Porventura não estão ja todas reduzidas a terra, e esquecido tendo acabado suas maquinas, como jogos de meninos *que* sobre areas edeficão torres, mas acabarão, seus possuidores, e pello ambiciozo estudo destas vaidades estão sepultadas no inferno”; athe aqui o *sancto*. Aqui se ve ser culpa tão grave, *que* dá com elles no inferno. E o mesmo *sancto* lamentando o estado destes *que* uzão das profanidades,

¹²⁷ Idem, *homilia* 50, in *Mathaeum, non longe a fine*, tomo 2: “Tu vero ad terrena quasi porcus diabolus artibus persuasus, devolveris; haec enim omnia ille excogitavit, ut illa tu Beatitudine privatus, et ad haec misserrima detrudaris. Ita Deus, qui Coelum tibi offert á diabolo serica tibi litia offerente superatur: imo vero nec ista offert diabolus, opera enim haec [...] etiam Dei sunt sed mollitiem, luxum etc.”. [Nota do editor: entre “haec etiam” foram riscadas duas letras.]

¹²⁸ Idem, *Homilia* 10, in *Epistola ad Colosenses*, tomo 4: “Quando vehementer ornaris, ó mulier, tunc nuda quavis turpior fact es”.
Et infra: “Et ideo dixi quod magnum etc.”.

¹²⁹ Bazilius, *homilia* 7: “Ubi, quaeso, nunc tantus operum splendor, et apparatus? Ubi et ille cui horum magnificentia studebatur? Nonné haec dispersa solo aequata, et abolita veluti puerorum ludica, qui inter arenas turres existat, omnia perierunt: author vero ob rerum vanarum studium ambitiosum in inferno sepultus est.”

especialmente das mulheres, *que* se descompoem dis:¹³⁰ “<Ha>¹³¹ certo ornato, *que* as mulheres uzão *que* baxa do pescoço ao peito, com humas delicadas cadeyas, ou cordões, *que para que* todos os possão ver, he necessario, *que* descubráo, e levem indecorosamente os peitos à mostra!”. Não parece senão *que* estava vendo o *sancto* as joyas de diamantes, e todo o genero de pedras preciosas, *que* em forma de cruces pendentes destas mesmas cadeyas, ou cordõens de ouro *que* trazem as mulheres, *para* adornar os peitos; e são taes, *que* querem adorna-los com a representação, e memoria da morte de *Jesus Christo*, pobre e humilde, abatido, nú, coroado de espinhos, e pendente de tres cravos *para* nosso exemplo, e remedio. Ora oução agora ao *sancto* referido: “Certamente todas estas couzas lhes serão à mulher tiradas, *quando* ella, e todos seus adornos como elles são, aparecerão deante do juis, *quando* cheya de temor e espanto perdida sua cor, toda palida, as sobrançelhas baxas, seus olhos postos em terra feyo seu rosto, tirando-lho o *Senhor* e todos seus ornatos, e a gloria da composição de seu adorno, *porque* dis por seu profeta, e ameaça *que* lhes há de tirar tudo *quanto* lhes tem servido a seu culto, e ornato, e todas suas cores, e infeites com tão ingenhozo artificio compostos”. E depois tratando depois dos vestidos torna a repetir: “O *Senhor* dis, *que* lhes ha de tirar a gloria, e esplendor de seus vestidos, e adornos *para* sua mesma ruina, e de *quantos* familiarmente os uzão; e assim toda a mulher *que* abuza do vestido, com esta cominação ha de ser despojada”. Agora pergunto: E reputava o *sancto* por grave culpa estes excessos nos vestidos, e nos infeites, e desnudezes, *que* hoje por nossos peccados se uzão? Entendo, *que* ninguem dirá o contrario,¹³² vendo estas verdades catholicas.

São Gregorio Nazianzeno dis:¹³³ “Guarday-vos ó mulheres, olhais não adereçais vossas cabeças, com alheyos cabellos, com os quais façais torres, descobrindo delicada, e artificiozamente o pescoso, e espaldas, nem tampouco vosso rosto imagem de *Deus* nem o pinteis, e adultereis, com as feyas cores, e infeites de forma *que* não seja a imagem de *Deus* a *que* levais, senão caratula, ou figura do demonio?” Mais abaxo dis o *sancto*: “Vê e teme, olha não te diga *Deus* irritado: ‘dize-me ó mulher alheya, donde está teu pintor, e teu criador? Eu não te pinteí bruto, senão fis-te imagem minha. Pois *que* he isto? *Que* buscando eu minha amada imagem, me acho com hum idolo?” Idolo chama o *sancto* a esta vam composição, e figura do demonio; em *que* se ve a grave culpa, *que* só por peccado grave fica o homem demonio.

¹³⁰ *Idem*, *ibidem*: “Mundus est quidam muliebris, et ipse dimissus, et impectus descendens, laxatis, ac molibus catenulis propendens, qui ut omnibus sit conspicuus, necesse prorsus est, ut quae circa pectus sunt, particulae indecore denudentur”.

¹³¹ Escrito sobre palavra riscada.

¹³² Segue-se riscado: “vest”.

¹³³ *Sanctus Gregorius Nazianzenus*, oratione 11, in *Laudem sororis Gorgoniae*, tomo 1: “Cavete, ó mulieres, ne caput vestrum etc.”. Per totum.

São Clemente Alexandrino falando do artifício, *que se uzava*, naquelles seus tempos, dos sapatos e *que hoje se uza*, abominando-os dis:¹³⁴ “Da mesma forma nos calçados, se achão soberbas, e arrogantes as molheres, e mostrão grande ^[f. 203v/12] luxuria, e sejão verdadeiramente torpes, aquelles calçados, *que uzão*, com ouro”. Se o *sancto* vira hoje o *que* vay nisto, na cidade de Lixboa especialmente *que* diria? Conhecendo os fins, e principios com *que* isto se uza? Te-lo-hia o *sancto* por compostura? Ora deicho a resposta, *para* estes darem a Deus *que* os ha de julgar. E passando o *sancto* a tratar, de todo o excesso dos homêns nos trages dis:¹³⁵ “Tem chegado a tanto, este excesso, *que* não só as mulheres, adoecem deste vam estudo, senão também os homêns seguem este mesmo vicio, pois os *que* não são sobrios, e puros, no ornato do seu corpo, estes não são sãos em sua alma, porque declinando, ao delicado dos vestidos, de todo se afeminão”. E acrescenta logo: “Não pode ser torno a dizer, *que* não pode ser, *que* tenha a alma pura, o *que* adorna sua cabeça com adulterinos infeites. Todas as couzas as tem mudado este excesso nos vestidos; porque estes tem cheyo o homem de honra, porque a delicada, e superflua curiosidade dos vestidos busca todos os males, todos os acomete, athe forsar a natureza. Oh spectaculo digno de chorar-sse com lagrimas de sangue! Oh nefando estudo! Estes são os trofeos, *que* se mostrão, ou tirão desta civil imtemperança: as mesmas torpezas, *que* se cometem o estão publicando, e reprehendendo. Oh quanta maldade he esta! E *que* não admitirão as mulheres propenças à liviandade vendo nos homêns esta mesma propenção a seu ornato? Mas *que* digo, em chamar-lhe homens? Molheresinhas se han de chamar, cujas vozes são de taes, porque seus vestidos, e delicadeza são de taes, de seu exterior se argue, o *que* elles são de seu vestido de seus sapatos, de sua cabeça, de sua figura e aspecto! Assim o dis a Escripura: ‘De seu aspecto se conhecerá o varão!’”; athe aqui são palavras do *sancto*, *que* bem se mostra se não fora culpa grave, não fizera tão grave reprehensão.

São Justino Martir declara também esta gravidade quando dis:¹³⁶ “Ha de sse observar em primeiro lugar aquellas couzas *que* pertencem ao ornato das mulheres, os deleites, e torpezas, *que* em si ocultão; as quais como se hão ocultamente daqui ficão por sua mesma natureza reprovadas, porque são para perder os proximos”. Aqui mostra o *sancto* a gravidade da culpa, sendo, e devendo, reprovar-sse os trages, por serem de sua natureza maos, pella ruina dos proximos. São Nillo, discipolo de São

¹³⁴ Clemens Alexandrinus, libro 2 Paedagogi, cap. 11: “Similiter autem in calceamentis superbae, arrogantesque foeminae, magnam quoque ostendunt mollitiem. Vere ergo sunt turpia illa sandalia, in quibus sunt aurea veluti donaria etc.”.

¹³⁵ Idem, ibidem, cap. 3.

¹³⁶ Sanctus Justinianus, Epistola ad Zenam: “Observandae autem in primis earum, quae ad mundum, et ornatum muliebrum pertinent, in adbito loco mundanae mollitiones; quae quidem cum occulte ab eis fiant, etiam sub opte earum iudicio improbantur, ad proximos autem deglutiendos fiunt”.

João Chrisostomo ahinda *que* tratou pouco desta materia, aponta o bastante *para* mostrar o juízo, *que* fazia della; dis assim:¹³⁷ “O rosto da mulher adornado, mais perigozo he *que* a mayor tempestade; *porque*, da tempestade todos com o dezejo da vida, procurão fugir, e escapar; mas a mulher adornada de tal forma engana, *que* sua vista persuade, não temer o perigo da vida da alma”; dando bem claramente o *sancto* a entender, o evidente perigo, *que* há no ornato, e infeites das molheres, na comparação da *que* uza. E ninguem tem duvidado ser grave culpa uzar aquillo *que* poem em evidente perigo a morte da alma aos proximos.

Sancto Efrem falando com todos os *que* abuzão dos trages *que* Deus manda; dis estas formais palavras:¹³⁸ “Que nos poderá aproveitar, irmaos meus mui amados, o mundo a *que* tão ligados estamos, com o cuidado solícito de suas vaidades? Que logro haveis de conceguir¹³⁹ do nimio culto de vossos vestidos, e do pompozo adorno de vossas vaidades, senão o fogo inextinguível do inferno?” Veção em *que* conta tinha estas almas o *sancto*. *Sancto* Izidoro Pelusiot, fas huma pergunta:¹⁴⁰ “*Que* fas ao cazo *para* aquella *que* he vista, se aquelle *que* a vio foi ferido?” (E logo responde) “Convinha *que* cuidasses *que* aquella, *que* vay honesta, e modestamente adornada, e não fas nada da sua parte, *para* provocar aos *que* encontra, esta careçe de toda a culpa; mas aquella, *que* com seus superfluos, e deliciosos adornos, vay estendendo laços de concupiscencia, e mesclando o veneno, esta he gravemente culpada”. Bem mostra o *sancto* aqui a gravidade da culpa nestas taes.

Ouçamos, o *que* Cornelio, refere de São Nono Bispo, dis pois este expozitor, estas formais palavras:¹⁴¹ “São Nono Bispo vendo a Pelagia com tanto excesso, e pompa de seus vestidos, *que* arrastrava os olhos de *quantos* a vião, e os atrahia a si, começou a derramar copiozas lagrimas; e perguntado da cauza de seu pranto dice: ‘Duas couzas são, as *que* me movem a elle, huma a perdição desta molher;¹⁴² outra, *que* eu

¹³⁷ Divus Nillus, de Luxuria, oratione 2, prope finem: “Facies mulieris exornata, quavis procella pernitiosior est; ex hac enim quisque desiderio vitae studet evadere; foeminae vero speties ita decipit, ut vitam ipsam contemnere persuadeat”.

¹³⁸ Sanctus Efrem Syrus, de Agone, sive luctamine spirituali: “Quid poterit nobis prodesse mundus, fratres mei dilectissimi, quod eius curis, atque solitudinibus adeó ligamur? Aut quid lucri consequemur ex nimio cultu vestimentorum, et pomposo elationis amictu nisi ignem inextingibilem? etc.”.

¹³⁹ Seguem-se riscadas duas letras.

¹⁴⁰ Sanctus Izidorus Pelusiot, in libro 2, Epistola 12: “Quid igitur ejus quae conspecta est, refert, si is, qui eam conspexit, vulneratus est? Oportebat enim te istud cogitare: illam quidem, quae modeste, atque honeste incedit, nec obvios quosque aucupatur omni culpa carere; eam autem, quae luxu, et deliciis difluit ac voluptatis rectia expandit, et venenum miscuit, vel maximum in culpa esse”. [Nota do editor: apagou-se o número 461 após “Epistola”.]

¹⁴¹ Cornelius, in cap. 3 Isayae, v. 26.

¹⁴² Segue-se letra riscada.

que professo o nome de christão, não procuro tanto agradar a *Deus* em a inocencia, *que* devia de minha vida, *quanto* esta mulher dezeja agradar aos homêns”. [f. 204/13] (E conclue Cornelio) “Porem orando a *Deus* o *sancto* por ella, e pregando-lhe, de tal forma lhe ferio o coração, *que* della fes outra *Magdalena*, convem a saber *Pelagia* penitente”. Bem vemos nos, aqui o como o *sancto* tinha por culpa grave estes adornos; e vemos tambem, *que* há *muntas* pregações, *que* os reprehendem, e *quando* se devia emmendar, semelhante culpa; se fazem irascives contra os pregadores, servindo-lhe, de murmuração, o *que* devia ser stimulo, *para* o arrependimento, mas virá tempo, em *que* conheção com *munta* pena, o *que* agora lhe serve de zombaria.

De *Sancto* Abade Pambo se mostra semelhante soçesso, donde tem por grave culpa, a demazia dos trages, como refere Beyerline dizendo:¹⁴³ “Pambo Eremita, vindo a Alexandria, a rogos de *Sancto* Athanacio bispo daquella cidade, como visse nella huma mulher pompoza, e sumptuozamente adornada, como *que* incitava aos homêns a por a vista nella, principiou a derramar lagrimas, e perguntando-lhe a cauza, respondeo; *que* duas erão as *que* tinha *para* seu pranto, huma ver aquella mulher, *que* buscava a sua morte, e ruina; e outra *que* não fosse igual seu cuidado em agradar a *Deus* *quanto* he o daquella mulher *para* agradar aos homêns com aquelles adornos gravemente peccaminozos”; athe aqui o *sancto*. Deicho outros *muntos* padres *que* vi [?] falavão nesta materia do mesmo modo.

Cap. 2.

Athe aqui temos provado a menor da nossa concluzão, com *authoridades* dos padres, e expozitores gregos; agora se prova com os quatro Doutores da Igreja Latina. Em primeiro lugar seja *São* Gregorio Magno, donde dis:¹⁴⁴ “Ninguem se asegure com dizer: ‘Eu não furto nada a ninguem, *porque* só uzo dos bẽs, *que* *Deus* me deu’; *porque* ao rico avarento não o condenou *Deus*, *porque* furtou o alheyo, senão *porque* uzou mal de seus bẽs. Isto foi, o *que* tambem levou ao inferno ao rico, o *que* em sua felicidade não temeo; *porque* os bens *que* recebeo, os converteo no uzo, de sua arrogancia, e fausto”. Em *muntos* mais lugares fala o *sancto* doutor nesta materia, e tambem como ja atras fica ponderado, por elle.

Sancto Agostinho, fala nesta materia, *munto* bem, principalmente, *para* estes nossos tempos, *que* parece *que* via o *que* hoje se abuza na materia dos trages. Dis pois

¹⁴³ Beyerline, in *Theatro vitae humanae, Verbo vestis, infra medium*, § “Pambus Eremita etc.”.

¹⁴⁴ *Sanctus Gregorius Magnus*, homilia 40, in *Evangelio Lucae*, tomo 1: “Et sunt nonnulli qui cultum subtilium, praeciosarumque vestium non putant esse peccatum, quod si culpa non esset, etc.”. Et Paulo ante: “Nemo ergo securum se existimet dicens: ecce aliena non rapio sed concessis licite rebus fruor, quia dives iste non idcirco punitus est quoniam aliena abstulit, sed acceptis rebus semetipsum male dereliquit; hoc quoque fuit quod hunc in inferno tradidit; quia in sua felicitate timidus non fuit, quia accepta dona ad usum arrogantiae inflexit”.

o *sancto*:¹⁴⁵ “O uzo das couzas deve estar longe de todo o excesso, e imtemperança; porque a intenperança, não só abuza torpemente do mesmo costume daquelles com quem se vive, senão *que* também muntas vezes sahe de tal forma de seus termos, *que* manifesta hum exesso grave peccaminozo, dezonesto, e torpe a fealdade, *que* não se conhece o sagrado, dos canonicos, e aprovados costumes”. Isto he o *que* hoje vemos praticado; pois aquelle costume admitido, ja por todas as nações da devercidade de trages, perciza *para* sua distinção, e da uniformidade de hum trage distintivo de huma nação a respeito de outra; hoje ja a imtemperança dos homêns abuza tão torpemente della, *que* com os excessos *que* se praticão nos vestidos, e adornos, e os *que* cada dia se introduzem; *quando* só he permitido o bastante *para* a distinção das hierarquias, e qualidades de pessoas e isto dentro de vestido, e trage proprio da nação; se manifesta nelles, e na demazia com *que* o uzão, a fealdade *que* não conhecia o sagrado costume, como dis o *sancto*. E este só conhecia o trage *que* sempre tinha conhecido como proprio da nação, e como percizo *para* a distinção das hierarquias, e clases. E este exceder os costumes canonizados, introduzindo novidades, lhe chama o *sancto* gravemente peccaminozo, dezonesto, e torpe, *que* isto significa a palavra **flagium**,¹⁴⁶ e seus derivados peccado grave de luxuria, como adverte Calepino, e todos os dictionarios. E em outro lugar, falando o *sancto* de homêns, e mulheres, dis estas formais palavras:¹⁴⁷ “O vestido, e ornato impudico do corpo, nuncio, e mensageiro he do adulterio da alma. O impudico ornato nos homêns he a superflua, e inordinada composição de seus cabellos, o uzo afeminado de seus vestidos, ao calçado *que* excede os termos da necessidade. Nas mulheres, os infeites do rosto (como sinais, e cores),¹⁴⁸ o uzo de vestido, *que* imitam os homêns, a adulteração dos cabellos da cor nativa, *que* Deus lhe deu; este trage em hum e outro sexo he adulterino”. E sendo o adulterio da alma culpa grave, dizendo o *sancto* *que* o vestido, e ornato impudico, he mençageiro, *que* tras o adulterio da alma, claramente se ve a culpa grave. Deicho outros muntos lugares, em *que* o *sancto* reprehende esta materia, e a tem por culpa grave; e só quero ^[f. 204v/14] alegar huma authoridade sua, em *que* cita também a *Sancto* Ambrozio e *São* Cipriano: dis pois:¹⁴⁹ “Ahinda *que* tú não sejas *para* com os homens

¹⁴⁵ *Sanctus* Agostinus, de *Doctrina christiana*, libro 3, cap. 12, tomo 3: “Advertendum est in caetero quoque usu verum, abesse oportere libidinem, quae non solum ipsa eorum inter quos vivit consuetudine nequiter abutitur, sed etiam sepe fines ejus egresa foeditatem suam, quae intra claustra morum solenium latitabat, flagitiosissima eruptione manifestat”.

¹⁴⁶ Sublinhado do próprio autor.

¹⁴⁷ Idem, *sermone* 247, de *Tempore*, de adulterino habitu virorum ac mulierum, tomo 10, § “Habitus impudicus, etc.”.

¹⁴⁸ Interpolação do autor.

¹⁴⁹ Idem, libro 4, de *Doctrina christiana*, cap. 21, tomo 3: “Ut enim impudica circa homines, et incesta fucis lenocinantibus non sis, corruptis, violatisque quod Dei sunt, peyor adultera detineris. Quod ornari te putas, quod putas comi, impugnatio enim ista Divini operis, praevaricatio est veritatis”.

impudica, e incestuosa, com teus infeites lascivos havendo adulterado a obra de Deus, por peyor *que* adultera serás tida. O *que* julgas *que* he adornar-te, o *que* julgas *que* he compor-te, impugnação he da divina obra, e prevaricação da verdade”; athe aqui o *sancto*. Aplique cada *hum* como puder *para* si.

Ouçamos agora a *Sancto* Ambrozio; dis o *padre*:¹⁵⁰ “O Ceo de nenhuma sorte receberá aquelles, *que* com delicado cuidado de seu corpo, e com dezejo do excesso de seus lascivos vestidos, e adornos deliciosamente vivem; porque *para* a gloria se sobe pellos degraus, dos trabalhos da virtude; mas estes cujos corpos vivem, em os gostos das delicias, desterrados do Ceo, envelheçem em as moradas deste mundo, (isto he) na obscuridade das trevas, debaixo da mam do demonio, a *quem* São Paulo chama princeps deste mundo, e das trevas; porque estes como princeps dos mundanos, recebem aos *que* são emulos, ou emitadores de suas obras”. Em outro lugar falando o *sancto* dos infeites, e todo o genero de ficções, dis:¹⁵¹ “Pintado estás ó homem, e pintado de seu Deus e *Senhor*. Bom artifice, e pintor tẽs. Não queiras borrar a pintura resplandecente, não com os infeites, senão com a verdade; não pintada como em sera, senão com a graça. Borrás ó mulher a pintura, se teu rosto com a material alvura o pintas, ou com adquerida cor, *que* nelle sobrepõens aformozeas. Esta pintura he de vicio, e não de formozura. Dize-me se havendo *hum* artifice pintado *hum*a imagem, chamaras outro, *para* *que* com novas cores a emmende; não se indignaria aquelle vendo sua obra adulterada?... Se *algum* adultera a obra de Deus grave culpa comete. Grave crime, *que* te julques, *que* melhor te pintarão as maos alheyas, ou proprias, *que* as maos de Deus”. E em muntos mais lugares reprehende o *sancto* este vicio dos adornos demaziados, e superfluos; tendo-os por culpa grave.

Ouçamos ultimamente a São Geronimo, *que* concluindo a Vida de São Paulo primeiro hermitão, com *hum*a severissima reprehensão, *que* fas da vaidade dos vestidos, nos homẽs, e mulheres dis:¹⁵² “Vos outros em vossos vestidos intreteceis o ouro; Paulo, nem ahinda o mais desprezado vestido de *hum* escravo vosso teve; mas será ao contrario; aquelle pobrezinho, se lhe abrio o Ceo; e a vos outros vestidos de ouro, vos receberá o inferno. Aquelle ahinda *que* nú, con tudo isso guardou a vestidura de Christo em a graça, vos outros vestidos de vossas sedas (com nimio excesso),¹⁵³ perdestes a vestidura de Christo”. Aqui mostra o *sancto* claramente a gravidade da

¹⁵⁰ *Divus Ambrosius*, libro 5, in *Evangelio*, in cap. 7 *Lucae*, tomo 3: “Tenera corporis cura, luxuque, et lasciviarum cupiditate mollitos, nequaquam coelestis aula suscipiat, ad quam duris laboriosae gradibus virtutis ascenditur. Hi vero quibus fluida deliciis membra solvuntur, Regni Coelestis ex torres, intra mundi hujus habitacula consenescent, quos rectores hujus mundi, atque tenebrarum vocat Apostolus. Hi reges, quia seculari quadam potestate dominantur, suorum emulos operum receperunt”.

¹⁵¹ *Idem*, in *Hexameron*, libro 6, cap. 8, tomo 1: “Pictus es ergo, etc.”

¹⁵² *Sanctus Hieronymus*, in *vita Sancti Pauli*, tomo 1, in fine.

¹⁵³ Interpolação do tradutor.

culpa pello excesso dos trages, dizendo, *que* perde a graça. E noutro lugar, falando de homêns, e molheres; dis:¹⁵⁴ ¹⁵⁵ “Se o homem, ou mulher se adornar, e com sua vista provocar aos homêns, ahinda *que* dahi nenhum damno se lhes ciga, padecerá condenação eterna, porque offereceo o veneno, se ouvera *quem* o bebera”. E noutro lugar depois de reprender gravemente este excesso dis:¹⁵⁶ “Este ornato não he de Deus; he veo do Antechristo, con *que* confiança levanta ao Ceo seu rosto, *que* o Creador não conhece?” Athe aqui o *sancto* com cujas *authoridades* se mostra o *quanto* he abominavel o luxo deante de Deus, e em muntos mais lugares, fala o *sancto* nesta materia, *que* por não dilatar¹⁵⁷ o discursso, se omittem.

Asentada pois esta verdade pellos quatro doutores da Igreja; vejamos agora, com mais *authoridades* comprovada, a menor da nossa concluzão. Ouçamos a São Cipriano, *que* escreveo desta materia hum livro, *que* era digno, de todos o lerem para se livrarem de escrupolos, dis pois o *sancto*:¹⁵⁸ “Se tú sumptuozamente adornada sahes a publico, e com este sumptuozo, e notavel adorno, levas atras de ti os olhos da mocidade, e lhes roubas o coração, e lhe despertas seu appetite, e incendes¹⁵⁹ os ardores da concupiscencia, ahinda *que* isto seja de forma, *que* tú não peques, porem com tudo isso, aos outros os percas, e como espada, e veneno te mostres a elles, não podes escuzar-te, como se foras casta e pudica em tua alma; porque te redargue teu malvado culto, e impudico ornato, nem podes ja contar-te entre as virgens”. E dando o *sancto* a rezão disto, dis: “As incignias dos ornatos, vestidos, e ornamentos lascivos de sua composição, não convem senão às molheres publicas, e impudicas”. Onde mostra o *sancto* a pouca¹⁶⁰ estimação, e reputação [f. 205/15] em *que* se devem ter, as *que* uzão de semelhantes adornos. E passando, mais abaxo, no mesmo capitulo, depois de haver reprehendido, a *variedade* de infeites, de *que* hoje se uza; dis: “Julgas tú, *que* ha de ficar sem castigo, o atrevimento de tua malvada temeridade e ofença *que* fazes ao Artifice Divino? Porque ahinda, *que* não sejas impudica, e inextuoza para com os homêns por teus infeites seras tida por peyor, *que* as adulteras, havendo corrompido, e violado a obra, *que* Deus fes”. E o *que* mais me admira he; *que* fazendo cargo, e respondendo as *que* dizem, *que* não se adornão com máo fim; lhes dis:¹⁶¹

¹⁵⁴ Segue-se letra riscada.

¹⁵⁵ Idem apud *Dionisium carthuxianum*, in 1 Petri, cap. 3, v. 3: “Si vir, vel mulier etc.”.

¹⁵⁶ Idem, Ad Furiam, cap. 10, de viduitate servanda, tomo 1: “Ornatus iste non Domini est velamen istud Antechristi est, quia fiducia erigit ad Coelum vultus, quos conditor non agnoscit?”

¹⁵⁷ Segue-se palavra riscada.

¹⁵⁸ *Divus Ciprianus*, de Disciplina, et habitu virginum: “Si tu té sumptuosius etc.”.

¹⁵⁹ A letra “c” foi emendada de um “d”.

¹⁶⁰ A letra “p” foi emendada de um “q”.

¹⁶¹ Infra: “Impudicé tú neminem conspicias, sed ipsa conspicietis impudicé: oculos tuos turpi oblectatione non poluis, sed dum obletas alios, ipsa polueris”.

“Que importa *que* lascivamente não olhes *para* ninguém, se serás vista lascivamente. Teos olhos, não os manchas com o torpe deleite, porem *emquanto* deleitas a otro [*sic*], tú mesma serás manchada”. E *que* verdade esta *que* o *sancto* dis tão clara, pois a experiencia, o mostra tanto as claras; ahinda mal!

Quem escreveo difuzamente desta materia foi Tertuliano, cujos escriptos, os estimava em tanto *São* Cipriano, *que* os venerava como de mestre de *quem* se escreve *que* não se passou dia em *que* não lesse suas obras: este grande escriptor, escreveo quatro livros desta materia, e falando em *hum* positivamente dos vestidos dis:¹⁶² “Todos estes adornos, prevençoens, e aparatos são de *huma* mulher morta, e como condenada, como preparamentos *para* a pompa de seu funeral”. *São* Bernardo escrevendo a sua irmã, Sophia; dis:¹⁶³ “Honesta virgem, teu vestido seja puro, não *para* a formozura, senão *para* a necessidade do corpo; *para que* vestidos os vestidos preciosos, não cahyas na torpeza da alma; *porque quanto* mais se compoem, e adorna o corpo no exterior pella vamgloria, tanto a alma, se mancha, e afeya. Nenhum busca os vestidos preciosos, senão *para* a vamgloria, convem a saber, *para* ser louvado, e *para* parecer aos mais honrrozo. Nenhum quer uzar de vestidos preciosos, senão he donde possa ser visto de outros; logo a donzella só pella vamgloria busca o precioso do vestido: e nisto conhecemos *que* amamos ao mundo, *porque* queremos os vestidos preciosos. Quando o homem se alegra da formozura de suas vestiduras, sua alma se aparta do amor de seu Creador; *quanto* mais na composição de seu corpo se alegra, tanto mais o divino amor se separa, e aparta”. Athe aqui dis o *sancto*. Vejão agora em *que* conta tinha o *sancto* a demazia dos trages, superfluos!

São Pedro Chrysologo, falando da condenação do rico avarento dis:¹⁶⁴ “Que he isto rico? Não te defende do calor a olanda? A purpura não reziste ao inferno? Ay *que* te faltou a purpura, e a olanda, e só te ficarão as chamas, e agora nú suas, e te abraças; ja *que* algumas vezes com tua¹⁶⁵ artificioza desnudes, zombavas dos calores”. *São* Valeriano Bispo, dis elegantemente e reprehendendo este vicio, dis:¹⁶⁶ “Sabei,

¹⁶² Tertulianus, de Habitu muliebri, cap. 1: “Omnia ista damnatae, et mortuae mulieris impedimenta sunt quasi ad pompam funeris constituta”.

¹⁶³ Divus Bernardus, Epistola 113, ad Sophiam virginem: “Induuntur etc.”.

¹⁶⁴ Divo Petro Chrysologo, sermone 122, de divite: “Quid est dives? Ab aestu bissus non defendit? Purpura non resistit inferno? Remanserunt ista, deserverunt ista, et ipse nunc nudus sudas, aestuas, qui aliquando insultabas aestibus artificiosa nuditate vestitus”. [Nota do editor: o número 122 foi emendado de 121; e foram riscadas duas letras antes de “deserverunt”.]

¹⁶⁵ A letra “a” foi emendada de uma letra “d”.

¹⁶⁶ Divus Valerianus, Homilia 7, ad medium: “Furem vero diabolum credite, qui ut bonis operibus incidietur, abjecta saeculi pompa blanditur: et ut hominem a consortio Regni Coelestis excludat, aurum manibus ingerit, argentum oculis opponit, gemas collo inferit. Ita superbiam nutrit, et desideria carnis stimulo cupiditatis accendit, quae sicut Scriptura dicit mergunt hominem in interitum”. [Nota do editor: a palavra “accendit” foi emendada de “ascendit”.]

e crede *que* o demonio he ladrão, *que para* nos apartar de nossas boas obras, nos afaga pondo-nos aos olhos a pompa do mundo, e *para* excluir ao homem do reyno dos Ceos em suas mãos lhe poem o ouro, a seus olhos a prata, ao pescoso as perolas; e assim nutre, e alimenta a soberba, e incende os desejos torpes da carne, com o stimulo da cobiça, *que* são as couzas, como a Escriptura dis, sepultão ao homem no inferno”. Parece *que* via o *sancto* o *que* hoje socede nos nossos tempos, pois se ve tão lamentaval esta verdade. São Paulino bispo de Nola, dis estas palavras:¹⁶⁷ “Em vão se jactará, *que* he casta, a *que* com tão varios adulterios se adorna”. *Sancto* Hermes citado de São Bernardino de Senna, dis:¹⁶⁸ “A exterior superfluidade indicio he da vaidade interior; os delicados, e lascivos vestidos, indicão a lascivia da alma; não se buscará com tanto cuidado o ornato do corpo, se não estivera esquecida, e desprezada a alma, nua de todas as virtudes”. Donde se ve a gravidade da culpa.

O chronista de São João Capristano refere as seguintes palavras:¹⁶⁹ “Pregando São João Capristano em Ratisbona grande cidade de Alemanha, e reprehendendo gravissimamente os vicios todos, e em especial o jogo, e vaidades das molheres, e seus infeites; algũs vádios, e tafũs, e mulheres vãs, zombavão, e murmaravão ^[f. 205v/16] de seus sermões, dizendo, *que* não era aquelle peccado tão grave, como elle o fazia, e sabendo o servo de Deus destas murmurações, *que* algũs fazião contra a palavra de Deus reprehendendo-os munto lhes denunciou logo da parte de Deus gravissimo castigo, e juizo divino se não se emmendassem, e foi couza digna de admiração, porque na noute seguinte, morrerão todos de morte subita, como inimigos da doutrina de salvação. E vendo o povo o grave castigo por aquelles peccados, ficarão tão cheyos de temor, *que* logo lançarão de suas cazas, os jogos *que* tinham, e as molheres, e todos os infeites, e vaidades; sendo logo tudo em monte queimado. E foi tão grande a multidão, de jogos, e ornatos illicitos, *que* sómente em huma cidade chamada Briberga forão carregadas seis grandes carretas, de taboleiros, e de cartas; e setenta carros de cavallos, cheyos de vãos ornamentos, e juncto isto no meyo da prasa, foi queimado”. Aqui se ve o quanto Deus abomina a vaidade, e ahinda *que* hoje não vemos assim este castigo, não falta comtudo, por outro principio, o *que* ja munto o terão experimentado; e conhecido a verdade.¹⁷⁰

¹⁶⁷ Divus Paulinus, Epistola 4, in in [sic] Epithalamio ad Julianum: “Frustra haec mulier jactaverit esse pudicam, quae se tão [sic] variis ornat adulteriis”.

¹⁶⁸ Divus Hermes apud Divum Bernardinum, sermone 44, articulo 1, cap. 3, tomo 1: “Exteriorum superfluitas interioris vanitatis inditium est. Mollia indumenta mollitiae animae indicant, non tantum quaeretur corporis cultus, nisi neglecta esset mens inculta virtutibus”.

¹⁶⁹ Chronicae antiquae, tomo 2, libro 21, cap. in Vita Sancti Joannis Capistrani.

¹⁷⁰ À margem direita, foi riscada a seguinte nota: Divus Ignatius Loyla [sic] Epistola ad Patres Collegii Veneti. [tomo de Passione Dominum libro 4, dissertatione 8 parte 5, doctrina 2: “Ubi non apparet] etc.”.

Para *que* se veja *que* não deicharão os sanctos de falar, nesta materia com toda a individuação, pello, *que* em si tem de abominavel; vejão o *que* dis São Bernadino de Sena:¹⁷¹ “Que outra couza he a cabeça adornada de huma molher vãa, senão huma inchação de soberba, huma Torre de Babilonia, huma bandeyra do diabo, huma irrizão de Christo hum signal de luxuria, hum aluçinamento de almas, hum laço do demonio, hum monstro diabolico, huma cadeyra de Sathanas, e huma satisfação de suas paxões?” Vejão como o *sancto* teria isto por culpa leve, como algũs ignorantes dizem. E noutro lugar falando dos decotados, dis:¹⁷² “As mulheres *que* mostrão os peitos, e uzão de arteficios *para que* pareção mayores, ou mais formozos peccão mortalmente”. E noutro lugar falando dos maridos dis:¹⁷³ “Da mesma forma as mulheres, *que* levão os peitos descubertos, a estas permitem seus maridos, *que* dem occazião, *para que* como a meretrices as amem outros”. Ouçamos agora o *que* nesta materia sentia Sancto Ignacio de Loyola, donde bem se explica em huma carta *que* escreveo aos padres do seu collegio da companhia de Veneza, mostrando-lhes o como se devião portar, com taes penitentes; são formais as palavras, *que* dis:¹⁷⁴ “Donde não se manifesta, nas mulheres, notavel curiozidade *que* exceda ao costume, nem má intenção, ahinda *que* ouvesse alguma vaidade de ostentação entre as demais mulheres *para* parecer mais formozas; pella primeira ves, admoestando-a, e aconselhando-a, se podera absolver; porem se tornar a confesar-sse principalmente *para* frequentar, os sacramentos; então se ha de aconselhar *que* tempere sua vaidade, e *que* modere quanto poder o perversso costume; e se não quizer, então se lhe dirá, *que* dali por diante, a não ha de absolver, e se não quizer depor a vaidade, busque noutra parte confessor com *quem* se confesse”. Athe aqui o *sancto*. Se isto se fizera hoje, talvez, *que* não forão tantas almas ao Inferno por culpa dos confessores, *que* histo favoreçem; mas tudo tem tempo.

¹⁷¹ Divus Bernardinus de Sena, sermone 43, de Sancta Maria Magdalena, parte 1, tomo 2, articulo 3: “Unde si queratur quid sit caput ornatum molieris vanae? Responderi potest: quod tumor superbiae, Babilonica turris, vexillum diabuli, derissio Christi, luxuriae signum, lucifuga animarum, laquei demonum, diabolicum monstruum, sedes Sathanae, et remuneratio passionum”. [Nota do editor: o número 43 foi emendado de 39; e tomo 2, de tomo 3.]

¹⁷² Idem, sermone 36, parte 2, tomo 3: “Mulieres artificialiter facientes, sibi ostendere mamillas maiores, vel pulchriores, semper peccant mortaliter”.

¹⁷³ Idem, sermone 13: “Similiter, et mulieres, quae habent pectora sua nudata, permitunt enim viri uxores, quas amant, prebere occasionem aliis tanquam meretrices adamari”.

¹⁷⁴ Divus Ignatius de Loyola [sic], Epistola ad Patres Collegii Venetii, libro 4 dissertatione 8, parte 5, doctrina 2: “Ubi non aparet etc.”.

Em outro lugar assegura *São* Bernardino de Sena, e dis estas formais palavras:¹⁷⁵ “Lê a *São* Boaventura, em o quarto das Sentenças, e a *Sancto* Agostinho em o livro quarto da Doutrina christã, e a *São* Cipriano, *que* ençinão, *que* a mulher *que* uza de infeites, e pinturas, em seu rosto, não pode receber o corpo de Christo, senão arrependendo-sse, e porpondo dali por diante não uzar dos infeites”. Não sei *que* mais se possa dizer nesta materia; deicho varios padres, *que* todos **unanimi consensu**, dizem, a *gravidade* da culpa, do luxo, não só provocativo, e immoderado, mas demaziado, *que* por nossos peccados, tudo isto hoje se uza; e por consequencia assas fica provada a menor da nossa concluzão, em *que* diziamos *que* os Padres da Igreja tinham por culpa grave, a demazia do luxo; não quero deichar, humas palavras do Bispo de Leão de França, *que* escreveo desta materia, com grande difuzão; pondo mais [f. 206/17] de duzentos titolos de malícia *que* cauza o luxo; e depois de os referir, conclue dizendo¹⁷⁶:¹⁷⁷ “Ahinda, *que* algum diga, *que* não tem má intenção, respondo: *que* nem a espada teve má intenção, quando com ella hum mata a outro, mas, o *que* uza della tem má intenção. Assim o demonio, *que* uza destas mulheres adornadas, como de propria espada, tem nisso a má intenção: ahinda *que* tambem nenhuma tivera má intenção, isso não obstante morrera com a espada, o *que* com ella fosse mortalmente ferido; e segundo as leys, o *que* dá a occasião ao damno, esse se julga, *que* fas o damno”. Finalmente basta dizer, *que* não há padre ou expozitor algum, *que* sinta o contrario nesta materia. Deicho varios concilios, e declarações apostolicas, *que* se podem ver no livro intitulado, **Veritas pro modestia**; *que* trata desta materia.

Cap. 1.

Para *que* fique sem alguma duvida, a concluzão *que* dizemos, ser reprehencivel, todos os adornos, e trages demaziados, e provocativos; estabeçemos outro sylogismo, em *que* se vera, *que* Deus Senhor Nosso o tem revelado, a algũs de seus servos; para *que* vendo nós quanto seja em seus divinos olhos abominavel fujamos com notavel empenho das penas eternas: e assim he na forma seguinte.

3.

SEMPRE *QUE* CONSTAR, DE ALGUMA, OU ALGUMAS REVELAÇÕES DIVINAS PRIVADAS A GRAVE CULPA DO NOTAVEL EXCESSO DOS VESTIDOS, E ADORNOS, OS DEVEMOS REPUTAR POR GRAVEMENTE PECCAMINOZOS, À PORPORÇÃO DA CERTEZA, *QUE* A REVELAÇÃO

¹⁷⁵ Divus Bonaventura apud Divum Bernardinum de Sena, sermone 1, de Regno Dei, parte 2, tomo 3: “Vide Bonaventuram, in 4. Etiam Sanctum Agustinum tomo 4 de doctrina christiana, et Ciprianum qui docent, quod domina fucans, seu de pingens sibi vultum, non potest sumere corpus Christi, nisi poenitendo proponat de incept non se fucare”.

¹⁷⁶ Segue-se uma letra riscada no final da palavra.

¹⁷⁷ Guigellmus Peraldus episcopus, in Suma virtutis, De superbia, cap. 14: “Quod superbus etc.”.

TIVER. *ATQUI* HÁ, NÃO HUMA, SENÃO MUNTAS REVELAÇÕES DIVINAS PRIVADAS, EM *QUE* DEUS DECLARA A GRAVE CULPA DOS EXCESSOS, *QUE* FORA DA CERTEZA DE FÉE TEM TODA AQUELLA, *QUE* EM O HUMANO PODEMOS DEZEJAR: LOGO A ESTA MESMA PORPORÇÃO OS DEVEMOS REPUTAR POR GRAVEMENTE PECCAMINOZOS.

Pera *que* se veja a certeza da mayor deste silogismo, se pode ver Suares no lugar citado¹⁷⁸ em *que* se demostra, o credito em *que* se há de ter as revelações aprovadas pella Igreja; e *que* haja estas revelações, em *que* se abomina, os trages superfluos, e provocativos; não há duvida, como veremos provando a menor do nosso sylogismo; e seja a primeira revelação de *Sancta* Brizida; vista e aprovada, pella sanctidade de Gregorio XI; e Urbano 8¹⁷⁹ e Bonifacio IX. Ouçamos pois a sancta em varias revelações, *que* refere teve do Ceo, falando da Cidade de Famagosta:¹⁸⁰ “O Filho de *Deus* me fala, e dis: ‘Esta cidade he outra Gomorra, *que* arde em fogo da luxuria, e da superfluidade e da ambição, e por esta rezão será destruida, e desolada, e seus habitadores, a há de dezemparrar cheyos de dor, e tribulação, gemerão, e desfaleçarão, e morrerão, e será em *muntas* terras nomeada, e correrá por ellas a vos de seu estrago, porque estou irado contra elles”. (E repete logo) “O Filho de *Deus* fala-me da rainha de Chipre, e dis-me: ‘Dize-lhe, *que* deiche o vergonhozo costume das molheres, de andar com vestidos mui estreitos ao corpo, mostrando os peitos, e dos infeites, e de outras *muntas* vaidades, *que* de todo são dignas do odio de *Deus*: e *que* tenha hum confessor, *que* desprezando o mundo, ame as almas, mais *que* os dõs, e não dicimule os peccados, nem tenha vergonha de reprehende-los, opondo-sse a elles; e *que* emquanto olhe para o bem de sua alma lhe obedeça como a *Deus*”. Bem mostra aqui *Deus* pella sua serva o quanto aborreçe a superfluidade dos trages, e infeites.

Em outro lugar dis a mesma *sancta*:¹⁸¹ “A May de *Deus* falava a sua espoza e lhe dizia; ‘Por tres peccados vem as pragas, e iras de *Deus* sobre o reyno; convem a saber, pella soberba, pella incontinencia, e avareza; e portanto *Deus* pode ser aplacado por tres modos, para *que* se evite o castigo; o primeiro: *que* todos os homẽs abracem a humildade em seus vestidos, vestindo-sse moderadamente e não com innuteis vestidos, com dispendio delles, porque dezagradão a *Deus* os immoderados...! E tambem com tal honestidade [f. 206v/18] vam em seus corpos, *que* nem pareção mais grandes, *que* *Deus* os criou, pella ostentação dos vestidos, nem mais delicados, senão, *que* tudo seja olhando a necessidade para a honrra de *Deus*. As molheres, tambem deponhão os vestidos de ostentação, e pompa, *que* por soberba, e vaidade os tem vestido; porque

¹⁷⁸ Suares, de Fide, disputatione 3, sectione 10. Per totum.

¹⁷⁹ No tratado de Belluga, consta Urbano VI.

¹⁸⁰ *Sancta* Brigita, libro 7, Revelationum, cap. 16, in principio: “Filius Dei loquitur etc.”.

¹⁸¹ Eadem, libro 8, cap. 57: “Mater Dei loquebatur; etc.”, usque ad finem.

o demonio lhes tem encinado, *que* desprezem, os louvaveis, e antigos costumes e *para que* tomem novos abuzos, e ornatos indecentes em suas cabeças, em seus pés e em¹⁸² os demais membros, *para* provocar a luxuria, e irritar a *Deus*". Em outro lugar dis:¹⁸³ "A May de *Deus* me fala dizendo: 'Que dizem as mulheres soberbas em teu reyno?' Eu lhe respondi: 'O *que* dizem he; quando se nos pregava a verdadeira humildade, diziamos *que* nossos mayores, nos deicharão muntas riquezas, e costumes mui honorificos, pois por *que* não os havemos imitar? Nossa may andava com as primeiras de sua qualidade vestida nobremente com muntos criados, *que* a servião criando-nos com honrra, pois por *que* nao han de erdar nossas filhas as mesmas honrras, e costumes, em *que* se criarão; convem a saber portar-sse nobremente e viver com ostentação, *que* foi o *que* eu aprendi, e morrer com estas grandes honrras, *que* dá o mundo?' E a May de *Deus* me dice então: 'Toda a mulher, *que* em suas obras segue, o *que* dizem estas palavras, vay verdadeiramente pello caminho do inferno; e portanto essa resposta he cruel". E continuando dis: "E portanto as *que* uzão, ou fazem vestidos soberbos, e pompozos, e dão a outros occasião de imita-las, são semelhantes ao aspersorio de hum licor ardente *que* mancha, e abraza, a quantos chega. Pois da mesma forma estes soberbos dão a outros exemplo de emsoberbecer-se, e gravemente abração e queimão suas almas por seu máo exemplo"; athe aqui a *sancta*.

E continuando a serva de *Deus* a relação de sua vizão, *que* he mui dilatada, dis, *que* Maria Santissima lhe dice, *que* como May de misericórdia queria mostrar-lhe o castigo destes peccados; *para que* ahinda *que* não seja mais *que* por temor fujão delles, os *que* os praticão. E dis *que* lhe mostrou tres molheres may, filha e neta; a may, e neta mortas e a filha *que* ahinda era viva, a may condenada, e a filha no Purgatorio, por ter em huma grave emfermidade conhecido as culpas de sua vaidade chorando-as, fes verdadeira confissão e se arrependeu. E falando da may morta e condenada dis a *sancta*:¹⁸⁴ "Mas a sobredita may morta, parecia *que* vinha sahindo de hum medonho lago, arrastrando, seu coração fora de seu lugar, seus beijos cortados", etc. Finalmente vay dando a *sancta* relação de como vinha esta miseravel, atormentada; e depois desta larga relação (*que* o curiozo pode ver no lugar citado), *que* fas do modo com *que* Maria Santissima lhe deu a ver esta condenada, acrescenta *que* a ouvio com tristes vozes dizer a sua filha, *que* ahinda era viva:¹⁸⁵ "Ouve filha minha, ou melhor te direi lagarto, ou serpente venenosa; ay de mim, *que* alguma ves fui tua may: eu sou, a *que* te pus em o ninho da soberba, na qual fomentada do seu calor creças, e na *que* tanto te tens agrado, pois nella tẽs consumido teus annos. Portanto te digo, *que* tantas

¹⁸² Emendado de: "e com".

¹⁸³ Eadem, *libro* 6, cap. 52, paulo post innitium: "Deinde loquebatur Mater Dei ad me dicens, etc."

¹⁸⁴ Et infra ante medium: "Sed mater apparuit mortua etc."

¹⁸⁵ Et infra: "Audi lacerta, et venenosa etc."

vezes voltas os olhos com essa vista, e aparato de soberba, *que* eu te encinei, outras tantas arrojas em meus olhos o veneno fervendo com intoloravel ardor... Quantas vezes imitas as obras de meu costume, como são os peccados *que* te encinei, outras tantas se renova minha pena, e sempre estou padecendo sua mayor gravidade”.

E *para que* não duvidemos, *que* peccados erão estes, *que* a may tinha encinado a sua filha no costume *que* uzava, o declara a mesma neta, *que* por sua penitencia havia logrado hir ao Purgatorio. Pois nesta mesma vizão, e revelação ouviu a sancta, *que* lhe dizia à mesma may viva:¹⁸⁶ “Ouve may minha, ou melhor te chamarei escorpião; ay de mim, *que* me enganaste; eu aprendi de ti aquelle maravilhozo modo de vestir-me; convem a saber os veos, com *que* me cubria, os sapatos *que* uzava, os adornos de minhas mãos, e a desnudes de meu pescosso”. Estes erão os peccados *que* encinou a sua filha [f. 207/19] e estes os *que* esta má may aprendeu da sua condenada. Este o ninho da soberba, em *que* esta infelix pôs a sua filha; donde aprendeu a neta; e estes os peccados, *que* a condenarão: estes os *que* terião condenado a neta, como ella confessa, se na sua emfermidade os não chorara arrependendo-sse; estes os *que* ahinda depois de os chorar a tinhão em terriveis tormentos, do Purgatorio. Esta a mizericordia *que* Maria Santissima uzou, *para que* a filha daquella condenada se não perdesse; e isto o *que* não só se <não> teme como culpa gravissima senão, *que* ahinda se quer hoje fazer rezão de estado, de semelhantes vaidades. Oh Deus immenso, e *que* juizo será o destes, e destas mizeraveis!

Tambem noutro lugar refere a *sancta* *que* vindo da Cidade Sancta de Jeruzalem, e passando pella cidade de Napoles, vendo a perdição daquelle vastissimo povo, e clamando ao *Senhor* por seu remedio, lhe dice o *Senhor*, *que* naquella cidade se cometião dois generos de peccados, e referindo-os, dis a *sancta* o *que* o *Senhor* lhe dice:¹⁸⁷ “O primeiro he, *que* os rostros de criatura racional os pintão com devercidade de cores, com *que* se pintão as imagens insenciveis, e as estatuas dos idolos, *para* parecer mais formozas, *que* eu as fis. O segundo peccado he; o *que* pellas inhonestas formas de vestidos, de *que* uzão, assim os homêns como mulheres, se diformão de sua figura; e isto fazem por soberba e para parecer hũns, e outros mais formozos, *que* eu os criei,¹⁸⁸ e mais lascivos em seu corpo. Oh inimigos meus *que* taes couzas fazeis, e cometeis outros peccados claramente oppostos a minha vontade!” Athe aqui a *sancta*. E muntas mais couzas sobre isto fala a serva de Deus em *que* bem se demostra a gravidade da culpa, pella abominação com *que* o *Senhor* reprehende esta demazia do luxo.

¹⁸⁶ Et infra: “Audi scorpio mater mea, vae mihi etc.”.

¹⁸⁷ Eadem, *libro* 7, cap. 27, loquens de Civitate Neapolitana, prope medium: “Primum de duobus peccatis, etc.”.

¹⁸⁸ Emendado de: “cricis”.

Ouçamos também, a *Sancta* Angela de Fulgino, em *hum*a terníssima revelação, *que* a *sancta* teve, em *que* a *magestade* de Christo *Senhor* Nosso *lhe* falou, em a forma, *que* refere a *sancta* dizendo:¹⁸⁹ “Outra ves estando orando, e meditando em a Paxão de **Christo**, com suma dor do coração, e compaxão, ponderando, *quanta* foi a grandeza de minha maldade, em todos meus peccados, então comecei a asignala-los todos, e dizia; ‘*Senhor* e mizericordioso medico, olhay *para* minha cabeça, de *que* sorte muntas vezes a adornei com sinaes de soberba, encrespando meus cabellos, e mudando-os de sua forma, e outros *mun*tos peccados *que* fis. Olhay *Senhor* meus olhos, *lheyos* [*sic*] de impurezas, e *mun*tas vezes infeccionados com a inveja’; da mesma maneira procurava sinalar e mostrar todos os peccados dos outros membros. Ouvindo pois o *Senhor* com *mun*ta paciencia estas couzas; alegrando-sse com *mun*to gosto, me respondia, em *que* maneira sarava por sua ordem estas doenças. E compadecendo-sse *mun*to de minha alma dizia: ‘Filha não temas, nem desconfies, porque se fosses morta com mil mortes, e enficionada com outras tantas enfermidades com a medecina *que* te hei de dar has de sarar’”, *etc.* E *lhe* vai apontando o *Senhor* todos os tormentos de sua paxão, e sarando todas as suas vaidades. E assim chorava a *sancta* amargamente os vestidos, adornos e infeites de *que* tinha uzado por serem cauza de a lançar no inferno; e o *Senhor* por sua morte, e paxão a livrou de todos estes peccados com *que* havia merecido sua condenação, e penas eternas. Pode-se ver a revelação no lugar citado *que* esta admiravel.

De *Sancto* Henrrique Suzo, escreve Lourenço Surio, *que* tivera *hum*a revelação do *Senhor*, na forma seguinte:¹⁹⁰ “Falá *Deus*. Olha as molheres, deste tempo, e ve o *quanto* se tem relaxado exte [*sic*] sexo, e ometidas *que* estão nas culpas, e como tem perdido o pejo, e a vergonha. Olha como todo o temor de *Deus* e a vergonha a tem perdido, pizado, e atropelado, e em tanto grao, *que* em estes perigozissimos, e lastimozissimos tempos, *para* cometer peccados são mais atrevidas, *que* os homêns..... falo daquellas *que* com suas obras, seus vestidos, e seus costumes, se empregão mais em agradar aos homêns, *que* a *Deus*. Estas certamente não são outra couza, mais *que* *hum*as bocas do inferno, e covas de ladrôens; e ahinda, *que* a minha bondade as sofra, as tolere, e as dissimule, isto nada lhes aproveita; pois no meyo disto querem ser tidas por matronas honestas, sendo *que* a *Deus* mais aborreçem *que* as meretrices publicas; porque emfim estas vivem, com algum medo, ou soçobro; porem as outras não assim, porque vivem com temeridade, seguridade e audacia; e na verdade mais amadas são estas do demonio, *que* as mesmas meretices, porque mayor ganancia tirão

¹⁸⁹ *Sancta* Angela de Fulgino, in libelo de *Revelationibus*, cap. 35: “Alia vice dum orarem, *etc.*”.

¹⁹⁰ *Beatus* Henrrique Suson, libelo de 9 rupibus, cap. 23, latine traducto a Laurentio Surio: “Deus. At nuc [*sic*] foeminae *etc.*”. [Nota do editor: a palavra “At” foi emendada de “Ad”; na sequência, foram riscadas duas letras.]

dellas”. E continuando o *sancto* a vizão, lhe dá o *Senhor* a rezão de tudo dizendo:¹⁹¹ “Olha quam torpe, e obscena, e atrevidamente se apresentam agora nestes nossos tempos à vista dos homêns. Olha se as meretrices em outro tempo [f. 207v/20] andarão tão núas, como agora, *que* só de ve-las se envergonharião¹⁹² as honestas mulheres? Como como [*sic*] do mais supremo, ao mais infimo, andão tão dissolutas, e descompostas, *que* com rezão podião emcher-se de pejo, o verem-se assim diante dos homêns? Contempla *que* vestido he o destas, *que* lascivia com a *que* andão, *que* gostos, *que* palavras, *que* obras; e o *que* he todo seu modo de vida para com os homêns, e qual seu appetite, e dezafoego em seus olhos, e todo seu exterior? Donde está ja aquella modestia, e vergonha deste sexo? Cre-me a mim, *que* acharas muntas mulheres, *que* cada dia cometem cem peccados mortaes, e com tudo isso querem ser tidas, como matronas honestas, e nem se envorgonhão, nem se tem por culpadas, nestes peccados mortaes; tendo-os sobre si.... Digo por certo, *que* de todos esses peccados mortaes à mulher se fas rea, e participante; porque em seu lascivo trage, ella he a *que* dá occasião principal, a comete-llos”. Athe aqui o *sancto*; e he mui extença a revelação, por isso a não escrevemos toda; mas basta isso para *que* se conheça a gravidade da culpa dos lascivos adornos, e trages.

E declando [*sic*] o *sancto* no *que* han de vir a parar estas desenvolturas, dos trages dis, segundo o *que* *Senhor* lhe inspirou:¹⁹³ “Atende agora ao fim, e morte destas taes como se hão com ellas, quando chegão aos ultimos lances de sua morte. Administra-se-lhes o Santissimo Sacramento, e se preparão na apparencia com toda a applicação, e os homêns se persuadem, *que* estão bem dispostas; porem os infernaes spiritos, todas suas loucuras, e peccados lhes poem deante dos olhos, com os quais são levadas a huma desesperação, e dão comcigo no inferno. E succede muntas vezes, *que* assim estas, *que* levão esta vida lasciva, e dezafogada com seus confessores, *que* as adullão, e as aplaudem; e os *que* lhes permitem viver segundo seu costume, todos tem a mesma morte. Tem por certo, *que* algumas destas, não se lembrão dos peccados alheios, e com munta pax os deichão em seu coração, e assim se vão confessar, con tenção de continuar nos vestidos lascivos, e adornos, e todas as demais couzas, e passão a cumungar a tremenda magestade de Deus; e melhor fora, *que* estas receberão em si mil demonios”. E cabando o *sancto* a vizão porronpe nestas palavras: “Ay Deus e *Senhor* meo, tem mizericórdia de tua Igreja!”

Ouçamos outra vizão, e outra revelação *que* o *sancto* nos refere teve noutra occasião dizendo:¹⁹⁴ “Depois este homem, (fala de si) abertos os olhos vio certa donzella, como de quatorze annos *que* com hum cordel, ou rede, trazia atras de si

¹⁹¹ Et prosequitur.

¹⁹² Emendado de: “envergonhão”.

¹⁹³ Et prosequitur: “Atendas nunc etiam etc.”.

¹⁹⁴ Idem, Ibidem, cap. 23, infra medium: “Mox homo iste etc.”.

a hum religioso; a quem seguia outro homem grave, e honesto, sicular; *que* vinha com elle sua molher atados, com o mesmo cordel ou rede; depois as seguião outras duas molheres, com o mesmo cordel ligadas; mas a primeira donzella foi preza com o mesmo cordel, e enredada na mesma rede, e a todos os mais trazia atras de si”. E apenas teve o *sancto* esta vizão, olhou logo para JESUS **Christo**, e lhe dice: “Rogo-te *Senhor*, me declares, e expliques a significação destas couzas, *que* tenho visto!” E o *Senhor* me dice: ‘Este homem sicular, e esta molher, forão pessoas honestas, e *munto* tempo viverão religiosamente com temor de *Deus* e sem culpa mortal: esta donzella, he sua primogenita, *que* tendo chegado aos annos da puberdade, e de poder tomar estado do matrimonio, contemplou o fausto deste enganozo, mundo, e soberba, e vãos gozos, *que* he o *que* se contem debaxo desta rede; e por este vão *dezejo* se resolveo a caminhar por este caminho, dizendo a sua may, e pay, *que* queria ter o *que* as filhas de outra sua igual, tinham; mas estes pays *que* a sua filha desde os primeiros annos de sua idade, devião te-la educado para *que* buscasse a *Deus* o não fizerão, senão desprezando isto, forão ter com o confessor; e lhes consultarão, o *que* passava, e lhe pedirão concelho, este lhes permitio, *que* fizessem, o *que* querião; para *que* assim, podia sua filha conservar-sse, com amizade, e correspondencia dos ricos seus iguais; e lhes dice, tambem *que* era costume, e assim o tinham feito seus progenitores; afirmando-lhes, *que* aquella soberba não era peccado mortal; sem conciderar, *que* Lucifer com todos seus sequazes, forão por esta culpa lançados do Ceo. E por esta cauza a donzella ao confessor, em primeiro lugar, e depois a seus pays, com esta rede os arrastrou atras de si à perdição eterna. E as outras duas mulheres, imitando seu exemplo, se enredarão na mesma rede, e prezas no mesmo laço a seguirão”. Athe aqui a relação do *sancto*.

Por certo *que* he horrorozissima, esta vizão, e revelação! ^[f. 208/21] E se esta, não poem em espanto, e fas abrir os olhos a todos, os *que* comprehende, para conhecer a grave malicia destas louquissimas vaidades, para não deichar-sse enganar destes vãos pertextos, ja das riquezas, ja do costume, ja do *que* fizerão os antepaçados, para segui-los, e imita-los, sem conciderar primeiro se há notavel excesso, nestas couzas, e pode ser nisto *Deus* gravemente offendido; lhes çocederá, o *que* lastimozamente¹⁹⁵ o *Senhor* mostrou na vizão antecedente. E por isso se ve claramente nesta revelação o ser culpa grave, ahinda *que* a intenção, seja boa; e contra histo se pratica, hoje, e sem alguma emmenda vivem, oh dor!

Em comprovação do mesmo, ouçamos outra revelação *que* São Jeronimo nos refere, não menos digna, de temor de *Deus*; dis pois o *sancto*:¹⁹⁶ “Pretextata *senhora* nobilissima, demandado de seu espozio Himecio, *que* era tio de Eustoquia virgem,

¹⁹⁵ Segue-se riscado: “o *que*”.

¹⁹⁶ Divus Hyeronymus, Epistola 7, ad Laetam, de institutione filiae, prope medium, tomo 1: “Praetextata, nobilissima etc.”.

irmão de seu pay, lhe mudou a esta o vestido, e ornato humilde, e decente *que* tinha, e o cabelo *que* trazia sem nenhum artifício, o adornou segundo o costume, e uzo do mundo, contra o porpozito da donzella, e da may *que* a criava sem estas vaidades. E socedeu, *que* Pertextata aquella mesma noute, vio em sonhos chegar-sse a ella, hum anjo com huma terrivel vox, ameaçando-lhe hum grande castigo, e dizendo-lhe estas terriveis vozes: ‘Es tú, a *que* tens tido atrevimento a antepor o mandado de teu espozo, ao mesmo Christo? Es tú a *que* tens tocado com tuas maos sacrilegas a cabeça da Virgem de Deus? Já estas mãos se han de secar, *para que* sintas castigada, o *que* tens feito atrevida, e dentro de sinco mezes serás condenada. Porem se não perseverares no delicto, serás privada de teu marido, e filhos’”. (E acrescenta o *sancto*) “Todas as couzas se cumprirão por sua mesma ordem, e sua repentina morte, e ruina significou a tarda penitencia da miseravel”. Este cazo só era bastante *para* inrriçar os cabellos às molheres. Aqui verão se he peccado mortal, pello *que* lhe revelou o anjo *que* havia de ser condenada dentro de sinco mezes.

No livro **Scala Coeli** se refere huma vizão, *que* teve hum *sancto* na forma seguinte:¹⁹⁷ “Ouve hum *sancto que* posto em oração em hum extazis vio o Ceo aberto, e estando com admiravel gozo por ver, *que* muntos entravão, por aquella celestial porta, vio vir cruelissimos dragõens, *que* estendendo estes huma grande rede, e pondo-a diante da porta, impedião com ella todos os *que* querião entrar; e como o *sancto* chorasse, e pedisse ao *Senhor* lhe mostrasse, *quem* erão aquelles dragõens e aquella rede; se lhe rrepresentou hum anjo, *que* lhe dice: ‘O primeiro dragão he a lascivia, o segundo he a vamgloria; mas a rede, he o lascivo, e vam ornato das molheres; e estas se perdem pella vamgloria, e lascivia; e he tanta a ruina, *que* trazem ao mundo, *que* a porta, *que* **Christo** com seu sangue, abrio no Ceo, as cerrão *para que* os beneficios celestiaes, (isto he os especiaes)¹⁹⁸ não possam vir a estas almas, e ellas não possam entrar na gloria dos bem-aventurados: E te digo, *que* he mayor o numero dos *que* se condenão por estes illicitos e appetitozos atractivos das molheres, e pellos varios ornatos, *que* o numero dos mesmos demonios infernaes”. Bem horrorosa vizão por certo, provera a Deus *que* não fora verdadeira. Bem sabida he a *authoridade* grande em *que* he tido este livro **Scala Coeli** citado de algũs sanctos; pois São Bernardino de Sena, e São Vicente Ferreira e outros gravissimos escriptores se valem delle em muntas occasiões; donde se mostra claramente a gravidade desta culpa.

São Bernardino de Sena refere outra vizão *que* tiverão <os decipolos de *Sancto Ambrozio*>, *que* atras em prova da grave malicia, das <caudas, e demazias de vestidos>;¹⁹⁹

¹⁹⁷ Joannes Junior (Egidius etiam appellatus), in *Scala Coeli*, aput Henrriqum Gran, in *Speculo exemplorum*, *distinctione* 6, *exemplo* 150: “Legitur etc.”.

¹⁹⁸ Interpolação de Belluga mantida pelo tradutor.

¹⁹⁹ Escrito sobre palavras riscadas.

cujá vizão refere na forma seguinte o *sancto*:²⁰⁰ “Zenão, e Cypriano discipolos de *Sancto* Ambrozio hindo com o *sancto*, o primeiro começou a rir; e voltando²⁰¹ *São* Ambrozio o rosto, vio vir a humas senhoras, e olhou *para* Zenão, e lhe dice. ‘Que tês, de *que* te ris?’ Respondeu: ‘Padre, ves o *que* eu vejo?’ Dice-lhe o *sancto*: ‘Não. Dize-me *que* ves?’ E Zenão lhe dice: ‘Não ves aquelles demonios encostados sobre <as caudas>²⁰² daquellas senhoras?’” E prosegue referindo o *sancto* a alegria, e festa *que* os demonios fazião com o motivo daquellas descompusturas; o *que* bem se mostra ser do agrado do demonio.

Sancto Antonino de Florença refere outro cazo semelhante dizendo:²⁰³ “Passando hum *sancto* padre por huma cidade se encontrou com huma molher [f. 208v/22] adornada, e no vestido levava huma cauda, e junto della vio hum demonio rindo-sse”; (conclue o *sancto*) “do qual se manifesta, *que* esta casta de vestidos tambem agradão ao demonio, o *que* não fora, se nelles não ouvesse peccado”. E infere bem o *sancto* *porque* os demonios não se riem, senão do *que* *Deus* chora; e se esta vanissima pompa, não innojara a *Deus*, nem fora offença sua, não agradara tanto aos demonios.

²⁰⁴Finalmente deichando outras muntas vizões, e revelações, *que* aqui podia referir, de pessoas insignes em sanctidade he digna deste lugar a aparição, *que* teve a Veneravel *Madre* Sor *Maria* de *JESUS* de *Agreda*, a *que* escreveo os singulares livros da *Mistica Cidade de Deus*, *que* isto bastava *para* seu credito; refere pois o seu confessor *Frei Andre* de *Fuenmayor* provincial da *Provincia* de *Burgos*, ultimo confessor seu, a seguinte visão, *que* a *Veneravel Madre* lhe deu escripta por sua mesma letra; e fala a serva de *Deus* de huma rainha de *Castella*, chamada *Dona Izabel* de *Borbon*, e assim he credito nomea-la, *para que* se sayba *que* huma alma está no *Purgatorio*. Subposto *que* a relação da vizão seja larga, digamos só, o *que* mais he necessario *para* prova do *que* dizemos, dis pois: “Entre deis, e onze de la noche entre la puerta del choro, y la tribuna, adonde suelo hir à aquella ora, se me apareció vestida con las galas, y guardainfante, *que* traen las damas, pero todo era de una lláma de fuego, y conocí *que* la davan gran tormento (*porque* ninguno es pequeño en la outra vida) dixo entonces: ‘Madre, siempre estás tibia en darme credito; pero asigurate de lo *que* ves en mí, y socorreme con mas fervor, y dirás al rey, *que* procure con toda sú potestad, impedir el uzo, de estos trages tan profanos, *que* en el mundo se uzan: *porque* Dios está muí offendido, e indignado por ellos, y son cauza de la condenacion de muchas almas, yo padesco grandes penas por ellos, y por las galas, *que* uzaba. Dirás tambien al rey,

²⁰⁰ *Divus Bernardinus* de Sena, sermone 36, 2 parte, prope finem, tomo 3: “Ciprianus, et Zeno etc.”.

²⁰¹ Segue-se riscado: “para ell [?]”.

²⁰² Escrito sobre palavras riscadas: “pescossos, e peitos a mostra [?]”.

²⁰³ *Sanctus Antoninus* de Florencia, parte 2, titulus 4, cap. 5, § 3: “Cum quidam sanctus, etc.”.

²⁰⁴ Beluga, parte 1, cap. 7, § 3, n. 347, f. 172.

todo lo *que* hás visto, y oydo de mí, y si outras couzas te dixere y te asiguro *que* se me aliviarian mucho las penas, se estos daños se remedian luego”.

Athe aqui a serva de *Deus*; donde se ve o grande perigo em *que* esteve a rainha, o avizo *que* esta pedio a Veneravel Madre disse²⁰⁵ ao rey, *para que* com todo o poder prohibisse o uzo dos trages profanos; o *que* estes trages tinham a *Deus* munto offendido, e indignado; *que* erão cauza da condenação de muntas almas, e das grandes penas *que* por elles padecia; e em cima de tudo histo haver *quem* desculpe as profanidades? Isto he mais *que* cegueira; e grande obstinação! Emfim: bem manifesta fica a menor do nosso sylogismo, em *que* diziamos *que* se davão revelaçöens, e vizöens, *que* mostravão a gravidade da culpa no uzo dos nimios trages, e adornos superfluos.

Cap. 1.

Para que se veja, *que* por todos os principios abomina *Deus* Senhor Nosso a demazia do luxo; não só o mostra nas suas Escripturas, e pellos padres, vizöens e revelaçöens; mas ahinda com milagres evidentes, e cazos particulares, quer mostrar o *quanto* se ofende; e assim *para que* assim se veja mais claramente esta verdade discorreremos, sobre o seguinte sylogismo.

4.

SEMPRE *QUE* *DEUS* OBRA ALGÛNS MILAGRES EM COMPROVAÇÃO DA GRAVE MALICIA DE ALGUMA OBRA, A DEVEMOS REPUTAR POR GRAVEMENTE PECCAMINOZA À MEDIDA DA CERTEZA, *QUE* OS MILAGRES TIVEREM; *ATQUI*, CONSTA DE ALGÛNS MILAGRES *QUE* O *SENHOR* TEM FEITO EM COMPROVAÇÃO DA GRAVE MALICIA DO ORNATO EXCESSIVO: LOGO ESTE À PORPORÇÃO DA CERTEZA, *QUE* OS MILAGRES TIVEREM O DEVEMOS REPUTAR POR PECCADO MORTAL.

A mayor deste sylogismo he certa;²⁰⁶ pois vemos *que* Elias, em prova de *que* era profeta do *Senhor*, e verdadeiro o *que* dizia, e falsos aquelles profetas com *quem* contendia, lhes propos *que* sacrificassem²⁰⁷ elles, e elle sacrificaria, e aquelle sacrificio sobre *que* viesse fogo [f. 209/23] do Ceo, este seria argumento, de ser, ou não verdadeiro profeta; como o milagre *que* *Deus* obrou o comprovou. Vemos tambem *que* os judeos pedião a Christo milagres *para* credito da sua doutrina.²⁰⁸ E em outras muntas partes da Escripura, vemos *que* *Deus* tem obrado muntos milagres, *para* acreditar a verdade da sua doutrina; com *que* fica a mayor do nosso sylogismo, bem claramente provada.

²⁰⁵ Emendado de: “desse”.

²⁰⁶ 3 Regum, cap. 18, v. 24.

²⁰⁷ Emendado de: “sacrafcassem”.

²⁰⁸ Sancti Mathaei, cap. 16, v. 1.

A menor, pois do sylogismo, de *que Deus* tenha feito algũs milagres, em com-provação do *que gravemente* se ofende, nos trages excessivos, se mostrará nos insignes exemplos, *que* pertendo apontar; e seja o primeiro o *que Deus* obrou por São João Capristano, na cidade de Ratisbona, como ja deichamos expresso a f. 15 § “O cor-onista <de> São João *etc.*”. O segundo seja o *que* se refere em os Annaes da Ordem Seraphica, na forma seguinte:²⁰⁹ Em Paris havia huma mulher mui curioza, e socilita [*sic*] do ornato de seu corpo, como quer *que* o confessor a admoestasse varias vezes daquella demazia; e não se emmendava; lhe dice da parte de *Deus que* todas as suas pompas e vestidos, erão armas do demonio, de *que* uzava, para casar, e arrebatat de suas maos ao mesmo **Jesus Christo**, as almas. E ouvindo a *senhora* estas palavras foi tanto o medo, *que* concebeo, *que* com grande fervor, e espirito de devoção perrom-peo nestas vozes: “Rogo ao *Senhor*, *que* aquelle adorno, *que* vir em mim contra sua vontade, e *que* agrada ao demonio, permita *que* vizivelmente pello mesmo demonio se me tire como couza sua”. E logo immediatamente permito o *Senhor que* na mesma igreja diante de todos, estando ahinda aos pes do confessor apareceo huma sombra horrivel, *que* com huma mam lhe foi tirando todos os vestidos, e ornatos vanissimos, sem deichar-lhe mais *que* o vestido interior; e emquanto lhe tirava este ornato superfluo, e adorno da cabeça; se ouviu pellos ares esta vos *que* dizia: “Ex aqui os laços, as redes, e bandeyras, com *que* colho à traição as almas dos homens”. E concluindo-sse o cazo dis, *que* a mam, e adornos, foi tudo pellos ares, sem nunca mais se ver. Agora ponhão quantas desculpas quizerem os homẽs, e mulheres, *que* não dão credito aos confessores e pregadores, *que* no cabo lhe acharão o erro.

O veneravel padre Bernardino de Bustos, refere outro exemplo mui semelhante a este, e dis:²¹⁰ *Que* huma *senhora* mui rica, e mui engraçada se deleitava munto no ornato de seus vestidos, e cabellos; era esta vizitada de muntos porem nunca que-ria admitir, conversação de palavras indecentes, e inhonestas, e a todos respondia com grande honestidade; e socedeo, *que* a qualquer parte donde hia, via hum feyo demonio *que* a seguia; e comunicando a vizão a hum sacerdote; lhe mandou tomasse agua benta; e assim não era tão perseguida; mas de todo não era livre: foi-sse ella ter com hum *sancto* hermitão, *que* havia no dezerto, e lhe comunicou sua afflicção: o qual fazendo oração ao *Senhor* por ella, entendeu por revelação divina o *que* havia de responder-lhe; e assim lhe dice: “Se o demonio vier a ti outra ves dize-lhe: ‘Oh demonio qualquer couza *que* em mim vires *que* he tua; leva-o, e não me percigas mais’”. E aparecendo-lhe o demonio outra ves, começou a dizer-lhe as palavras, e logo com huma furia grande pegando-lhe nos cabellos lhos arrancou pella rayz, com

²⁰⁹ In *Annalibus Patrum* [*sic*] *Minorum*, libro 2, cap. 3: “Erat quaedam mulier *etc.*”.

²¹⁰ *Venerabilis Bernardinus* de Bustos, in *Rosario sermonum*, parte 2, sermone 18, parte 3 sermonis, post medium: “Quaedam Matrona dives, *etc.*”.

todo o mais adorno, ficando ella meya morta; e conclue o *sancto padre*: “Em o qual se manifesta *que* os taes ornatos são obra do demonio”.

²¹¹Na Dioceze de Moguncia, pregando hum parochio a seus freguezes hum dia de festa; reprehendendo severamente hum genero de sapatos, *munto* vãm, *que* uzavão, assim homêns como mulheres; hum de seus parrochianos *que* era sapateiro, irado se levantou dizendo: “*Deus* dê a este sacerdote gota coral, na coroa, *que* não sabe pregar outra couza, mais *que* contra os sapatos”. E sahindo da igreja este infelix, se lhe pos diante hum horrivel demonio, em forma de homem mui corpulento, *que* pegando-lhe pellos cabellos, com grande impeto, deu com elle em terra ficando-lhe nas maos o cabello, pella rais, ficando-lhe huma croa [*sic*] *munto* emsanguentada; e como ficasse meyo morto, e sentidos perdidos, vierão os *que* estavam na igreja ver este lastimozo espectaculo, o levarão a caza, durando-lhe por *munto* tempo huma grande demencia; finalmente tornando a seus sentidos, refirio, o *que* tinha dito ao sacerdote, confessando com aquelle castigo tão cruel, *que* ficava emmendado, e sua lingua encinada”. Aqui verão, os *que* murmurão dos pregadores, *que* fazendo, o *que* *Deus* manda, pregão contra estes excessos, e os milagres *que* obra, *para que* se evitem.

[f. 209v/24] Não he menos digno, *para* prova da nossa menor, o milagre *que* *Deus* obrou com *sancta Maria Egypciaca*, de quem dis a sua vida²¹² *que* quando antes de sua conversão, vivia toda entregue a seus deleytes, galas, e profanidades; feita idolo de Alexandria, levando as adoraçõens aos mossos; passando esta a Jeruzalem, à Festa da Exaltação da Crús (dia em *que* o *Senhor* queria uzar com ella, da *mizericordia* de sua conversão) hindo entrar no Templo, no mesmo dia, com toda a sua profanidade, feita laço dos homêns, (como ella mesmo dice ao abade Zozimas): “Eu hia cassando e pondo laços, às almas dos mancebos, *para* atrahi-los”. Obrou com ella o *Senhor* hum prodigio admiravel, *que* foi ao entrar na igreja, foi huma, e athe quatro vezes detida, sem poder dar passo, *para* entrar, sem saber *quem* a detinha; o *que* foi bastante *para* abrir os olhos; porque no mesmo dia aproveitando-sse da lux *que* recebeo, tornando sobre si, se rezolveo a deichar o mundo, e suas profanidades, retirando-sse ao dezerto do Jordão, com só tres pâens donde viveo 48 annos nua fazendo penitencia, chorando amargamente suas culpas, the *que* deu o seu spirito a *Deus*. E ponderando o author do Teatro da Vida Humana, este sucesso; dis: “*Maria Egypciaca*, em todo o genero de ornatos, se aformozeava, e de todo o genero de infeites uzava, *para* lograr os agrados, e aplauzos dos homêns; mas depois *que* começou a servir a **Christo**, nenhum foi o cuidado *que* teve de seu vestido, *que* destruido, e consumido aquelle com *que* foi ao dezerto, veyo a ficar,²¹³ na soledade nua, e assim viveo”. Veirão agora

²¹¹ *Speculum exemplorum*, verbo calcei, exemplo 2: “Erat in Dioecesi etc.”.

²¹² Beluga, *Trages profanos*, parte 2, cap. 14, §. 2. f. 528v, n. 1085.

²¹³ Segue-se palavra rasurada.

se pode²¹⁴ agradar a *Deus* as profanidades *que* hoje se vem, o qual he o fim *para que* se adornão as molheres, e homêns.

Mostre a *verdade que* vamos dizendo, o mais authentico cazo, pois a Igreja o refere, no Officio da Exaltação da Crus, *que* só elle bastava *para* concluir o *quanto* se offende *Deus* das profanidades e soberba dos vestidos; porei aqui as palavras com *que* a Igreja o refere:²¹⁵ “A crus pois em²¹⁶ *que* morreo **Christo** recebida pello emperador Heraclio catorze annos depois de a pessuïrem os persas, o mesmo emperador a levou sobre seus hombros, *para* coloca-la com grande solenidade e pompa no mesmo monte; em *que* o *Senhor* nella havia sido crucificado. Cuja obra foi emcomendada do Ceo com hum illustre milagre; porque Heraclio, como levasse seu vestido adornado com ouro, e perolas, foi com hum impulsso interior detido na porta *que* guiava ao Monte Calvario, e *quanto* mais porfiava a seguir seu caminho, tanto mais lhe parecia era detido; e como com este successo, assim Heraclio, como todos os *que* assistião se assombrassem, Zacharias bispo de Jeruzalem²¹⁷ dice ao emperador: ‘Olha emperador, *que* levando a Crus nesse triunfal ornato em *que* vas, imitas pouco a pobreza, e humildade de **Christo**’. Então Heraclio²¹⁸ despindo as vestiduras preciosas, *que* levava, e seus preciosos sapatos, vestindo-sse de hum vestido humilde facilmente pode proseguir seu caminho, e no mesmo lugar do Monte Calvario colocou, e fixou a crus donde havia sido tomada, e levada dos persas”. Athe aqui o *que* dis a Igreja; pondere-çe bem este cazo, e veja-sse *quanto* dezagrada a *Deus* a pompa, e luxo.

Ve-sse mais esta *verdade* em hum cazo *que* se refere na vida do veneravel servo de *Deus* Francisco de Yepes.²¹⁹ De huma *senhora* moça, e *munto* rica *que* gastava *munto* tempo em compor-se, e infeitar-se dezejando parecer bem; e tendo seis mezes de enfermidade de *que* morreo havendo recebido os sanctos sacramentos, pedindo ao *dito* servo de *Deus* orasse por ella; e fazendo-o este diante do *Sanctissimo* Sacramento lhe dice o *Senhor*: “Nao tem ja remedio esta alma, porque está condenada”; e perguntando humildemente a cauza ao *Senhor* respondeo: “Gastava *munto* tempo em compor-sse, e nas couzas de sua salvação gastava *munto* pouco, cuidando mais do corpo *que* da alma; e ahinda, *que* os trabalhos de sua enfermidade lhe podião aproveitar, não abrio os olhos *para* dispor-sse”. Este o cazo, como se refere na vida do servo de *Deus*.

²¹⁴ A letra “p” foi emendada de uma letra “q”.

²¹⁵ *Eclesia*, in *Officio Exaltationis Sanctae Crucis*, die 14, setembris, in 2; et 3 lectione 2 nocturni.

²¹⁶ Emendado de uma letra “q”.

²¹⁷ Segue-se riscado: “lhe”.

²¹⁸ A letra “l” foi emendada de “h”.

²¹⁹ *Veneravel Don Francisco de Yepes*, in *vita sua*.

O *padre* Manoel Ortigas da *Companhia* de **Jesus**; varão apostolico refere tambem,²²⁰ *que* reprehendendo certos pays a huma filha, por levar a carne descuberta com indecente decotado, dizendo-lhes, *que* daquelle modo dezagradava a *Deus*, ella enfadada respondeo: “Se *Deus* não me quer assim, deite-me donde quizer, *que* eu hei de fazer meu gosto, e não hei de parecer feya”. Morreo logo de repente; e logo a enterrarão, porem de noute a lançou de si a sepultura; levaram-na a enterrar a borda do mar; tambem a area a lançou fora; e então impaciente o pay dice: “Pois nem *Deus*, nem a terra te querem, venha o demonio, e leve [f. 210/25] teu corpo aos infernos”. E assim foi, pois à vista de todos, arrebatarão os demonios o cadaver, e o sepultarão no inferno; e *que* dirão a este exemplo, as *que* querem defender os decotados?

He de admiração hum gravissimo cazo, *que* tras Henrrique Gran, em sua Colectanea²²¹ em *que* dis *que* nos dezertos do Egipto habitava hum monje de grande sanctidade chamado Elias, munto amigo de *Sancto* Hieronimo, *que* em huma occa-
zião tivera hum extazi e vio hum palacio de inaudita, e singular formozura, donde passeou por tempo de huma ora, sem poder satisfazer-sse de tão grande maravilha; vio *que* hũns mancebos preparavão hum tribunal, com almofadas tapetes, e colxas preziosas adornadas de ouro, e outra munta variedade; em o qual se asentou hum rey de tanta formozura, e resplendor, *que* não se podia dezejar mais: acompanhado de muntos varõens mais resplandcentes *que* o sol; e como julgando, se asentou, e foi prezentada huma alma pellos demonios (a qual refere despois este author, havia entendido, *que* era certa personajem) carregada de cadeyas de fogo, e grillhões *que* despedião de si chamas²²² sulphureas; a qual antes de se lhe perguntar couza alguma, começou a clamar dizendo: “Digno sou de eternas chamas, porque me deleitava nas vãs pompas do mundo, entregue às galas, aos convites, e outras semelhantes stulticias, e necessidades!” E acabadas estas palavras foi pronunciada sentença pella [sic] juis, a *que* fosse entregue a eternas penas. E se era culpa grave, ou não nesta personagem às suas galas, diga-o, o *que* experimenta por huma eternidade de pena.

Refere o mesmo author, outro cazo digno de ponderação, e he²²³ *que* o governador de Veneza, estava cazado com huma *senhora* de Constantinopola, *que* vivia tão entregue ao cuidado de seu corpo, e formozura, *que* a agua comua, lhe não servia para lavar-sse, pois mandava, tomar a neve, ou rocio, *que* cahia do ceo para esse effeito; e era tanta a invenção dos cheyros *que* em caza tinha em varios aromas, *que* despedião fragrantissimos fumos; porem quanto offendia a *Deus* esta soberba, se manifestou; pois lhe mandou huma enfermidade *que* todo seu corpo se comrrrompeo, e despedia

²²⁰ O *padre* Manoel Ortigas, tomo 2, de Missione, parte 2, p. 45.

²²¹ Henrrique Gran, in Colletanea, ex epistola que tribuitur Cyrilo ad Sanctum Augustinum, distinctione 7, exemplo 82: “In superioribus etc.”.

²²² A letra “C” foi emendada de uma letra “I”.

²²³ Idem, ibidem, distinctione 1, exemplo 84: “Dux Venesiarum etc.”.

de si tão horrivel fetido *que* era intoloravel e nenhuma pessoa, nem criada lhe podia assistir; e ficando só *hum* escrava *para* sua asistencia, ahinda esta, apenas lhe levava alguma couza, *quando* logo fogia, pello intoloravel fedor. E cozida nesta podridão moreo. São Pedro Damião refere outro cazo semelhante.²²⁴

Nas Chronicas dos Padres Capuchinhos se conta²²⁵ *que* em Sabona de Genova ouve *hum* *senhora* principal, *munto* dada a galas, e profanidades; e na confição não fazia cazo deste peccado, ahinda *que* lá lhe remordia a consciencia; ahinda *que* o excesso era grande, o não tinha por culpa grave. Entrou *hum* dia a compor-sse ao seu toucador, e foi em *spirito* arrebatada ao tribunal de *Deus* donde foi singularmente acuzada de seus trages, e profanidades e entendeo ter-sse dado contra ella *sentença* de eterna condenação; e tornando em si começou a dizer com horrorozas vozes: “Ay desgraçada de mim, desgraçada, e miseravel, *que* sou condenada *para* sempre a eternas chamas!” Acudirão logo os de caza, e entre elles *hum* filha, mandarão chamar *hum* confessor religioso de São Francisco; começou logo o religioso a consola-la; e lembrando-lhe as *muntas* confissões *que* havia feito respondeo: “Ay de mim! Que estas me condenão, *porque* nunca confessei inteiramente a verdade calando, o *que* remordia a minha consciencia; e comungando sacrilegamente”. Exortava-a²²⁶ a filha a *que* se confesasse; e respondeo a infelix may: “Tira-te de minha prezença, *que* tú *tambem* fostes a cauza de meu mayor tormento; pois *hum* dos mayores cargos *que* tive no tribunal de *Deus* foi o vestido *que* te fis, pois à tua imitação, fizerão as mulheres vestidos bordados, e decotados com *munta* profanidade e ofença de *Deus*”. E acabando estas palavras, virão os circunstantes ao demonio, *que* emvestindo com a may a arrebatou com grande furor, e levando-a ao teto da caza, a deichou cahir com impeto, donde se fes em pedaços; começou logo a lançar de si, *hum* fedor terrivel, *que* não o podendo sofrer, ^[f. 210v/26] o marido, filhos, e o confessor, sahirão *para* fora da caza, com pressa, e a deicharão em poder dos demonios. Serão histo ponderações, e escrupolos de pregadores, e confessores?

Outro cazo refere Roberto de Lisio, em *que* dis²²⁷ *que* em *hum* cidade de Espoleto, havia *hum* donzella *munto* engraçada, *que* entregue as vaidades do mundo, em nada se occupava dos bẽs eternos; e cahindo em *hum* grave enfermidade aborrecia em grande maneira as admoestações, *que* lhe fazião da saude eterna; emfim gravou-sse-lhes a enfermidade e conhecendo esta infelix *que* ja estava perto da sua morte; rogou com grande instancia a sua may, *que* a vistisse dos preciosos vestidos de *que* era costumada a trazer, e *que* a infeitasse, como se fora *para* alguma boda. A may por dar-lhe gosto, e fazer-lhe a vontade como a doente, assim o fes; a qual

²²⁴ Divus Petrus Damianus, epistola 3, cap. 11.

²²⁵ Chronica del Orden de Capuchinos, parte 2, libro 11, § 66.

²²⁶ Segue-se riscado: “o confessor”.

²²⁷ Rupertus de Lysio apud Henrrichum Grand, distinctione 9, exemplo 112.

vendo-sse adornada começou a clamar, e suspirar dizendo: “Ay, *que* hei de morrer eu assim tão formosa? Que hei de morrer assim tão adornada?” E os circunstantes lhes dizião: “Filha, encomenda-te a *Deus que* he benigno, e clemente”. E ella com mayores lamentos dizia: “E *que* tenho eu *que* ver com *Deus*! Vem ó demonio, e recebe minha alma, *que* ja he tua”. Entre cujas palavras espirou condenada, e desesperada. A isto se expõem *quem* entrega seu coração a estas vaidades, e aqui se verá o grave mal, *que* cauza a *quem* as uza.

Outro exemplo refere Guilherme Parisiense, em *que* dis:²²⁸ Que certa mulher apareceu depois de sua morte com os mesmos vãos ornatos, *que* tinha trazido em sua vida, penteando os cabellos, com hum pente *munto* grande de ferro ardendo, e *que* com grandes lamentos dizia: “Estes tormentos, hei de padeçer eternamente pello meretricio ornato de meus cabellos, de *que* immoderadamente cuidava emquanto vivia”. Pois logo se esta pena se dá pello excessivo ornato da cabeça, *que* será pello de todo o corpo? E *que* será pella desnudes dos peitos bracos e mais membros impudicos?

Em cujos milagres, e exemplos, de almas condenadas, pello excessivos trages, e adornos, e outros *munto* [*sic*] *que* não refiro, bem horrorozos por menos authenticos, vemos confirmada com elles toda a doutrina, *que* nesta parte nos dá *Deus* nas Escripturas; querendo *que* em todos os tempos vejamos os mesmos castigos temporaes, e eternos, *que* nellas nos mostra, e com *que* nos ameaça a todo o genero de pessoas, e por todo o genero de excessos dos trages e adornos. Não podem ser os milagres mais claros; e os exemplos mais evidentes, pois ahinda os mesmos demonios bem claramente confessão, (obrigados do poder de *Deus*) *que* pello excessos dos vestidos, tirão o lucro de tantas almas. E se estes excessos tomados de historias tão autenticas, e do conjuncto de todas ellas; parece não se pode duvidar nesta fé humana da sua certeza, *quando* tão conforme he tudo às Divinas Escripturas, e doutrinas dos sanctos; e mais *quando* o cazo, ou milagre obrado com o emperador Heraclio (*que* não se pode duvidar, assegurando-o a Igreja) calefica os demais; parece *que* à medida da verdade, e certeza *que* estes cazos, e milagres tem, feitos em comprovação da grave malicia, dos excessivos trages, e adornos, estes se devem ter por gravemente peccaminozos. Que he a menor do sylogismo.

[f. 211/27] Supposto pois *que* se haja bastantemente mostrado, a gravidade da culpa acerca da demazia do luxo; segue-sse a curiosidade de se ajuntarem, as opiniões dos moralistas mais claçicos, e Padres da Igreja, em *que* todos **unanimi consensu** condenão a peccado mortal o luxo demaziado. E *para que* haja de falar em materia tão gravissima quero valer-me daquellas palavras do Angelico Doutor São Thomas,²²⁹

²²⁸ Wihelmus Parisiensis aput Joannem Gallensem, in Comuniloquio, parte 3, cap. 2, exemplo 152.

²²⁹ Divus Thomas, de usuris, tomo 17, in proemio ad opusculum: “Invoco ipsam sapientiam, ne me errare permittat in periculum animae meae, et in laqueum aliorum, sed illuminare dignetur oculos caliginozos ipso suo lumine, sine quo nemo valet ad lumen veritatis usquequaque pertingere”.

que tratando das uzuras, prerrompeo nas seguintes vozes: “Invoco a Divina Sabidoria, para *que* não permita eu erre com perigo de minha alma, e ruyna de outros, senão, *que* se digne iluminar meu entendimento com sua clarissima lux, sem a qual ninguem pode chegar a tocar a lux da verdade”.

Cap. 1

Asenta-sse a concluzão, e mostra-sse ser comum consensu de todos o theologos: “O ornato, *que* notavelmente excede, a moderação e honestidade christãa, por ambos, e qualquer destes titolos, de immoderado ou provocativo, nos homêns, ou mulheres,²³⁰ he peccado mortal, salvo, a parvidade, ou leveza da materia, ou outra circunstancia o escuza”. Esta concluzão sobre ser deduzida das doutrinas de todos os Padres da Igreja, e de *quanto* temos tratado, se não me engano tambem he de todos os theologos bem emtendidos, como se vera, nas suas opiniões.

Demos principio ao Angelico Doutor São Thomas, *que* tratando esta questão, e tocando os preceitos dos *sanctos* Apostolos, e declarando-os dis assim:²³¹ “O moderado ornato, não se prohibe às mulheres, senão o superfluo, e invecundo, e inpudivo” (isto he inhonesto, e provocativo).²³² O superfluo como venial ou mortal, à medida, *que* for a superfluidade e excesso; e o invecundo, e provocativo como mortal. O *que* declara mais o *sancto* no mesmo lugar dizendo:²³³ “Se as mulheres se adornão com intenção de provocar a luxuria, peccão mortalmente; porem se o fazem por alguma leveza de animo, ou vaidade, por certa especia de jactancia, não sempre he peccado mortal, senão algumas vezes venial; e em *quanto* a isto, o mesmo se ha de dizer dos homêns”. E porque o mais ordinario he ser grave o excesso, (como mostra a experiencia), e rezultar o provocativo, por isso quazi sempre, dis, será a culpa grave.

Sancto Antonino de Florença, *que* tratou tambem escholasticamente esta questão falando de homêns, e mulheres, seguindo a seu mestre São Thomas sente esta mesma concluzão; como ja tocamos a f. 6; e se pode tambem ver no lugar citado²³⁴ donde trata difuzamente da gravidade da culpa; em *que* dis, *que quando* o ornato he notoriamente [f. 211v/28] excecivo, he peccado mortal, não só pello titolo de escandalo activo de sua provocação, senão pello titolo de sua profusão, *que* pertence à prodigalidade.

²³⁰ Segue-se palavra riscada.

²³¹ Divus Thomas, 2. 2ae, *quaestione* 169, *articulo* 2, ad 1: “Sobrius, *et* moderatus ornatus non prohibetur mulieribus, sed superfluous, *et* invecundus, *et* impudicus”.

²³² Interpolação de Belluga mantida pelo tradutor.

²³³ Idem, *ibidem*, in corpore: “Et siquidem hac intentione se ornet ut alios provocent ad concupiscentiam mortaliter peccant. Si autem ex quadam levitate, vel etiam ex quadam vanitate, propter jactantiam quandam, non semper est peccatum mortale, sed quandoque veniale; Et eadem ratio quantum ad hoc est de viris”.

²³⁴ Divus Antoninus de Florencia, *parte* 2, *titolo* 4, *cap.* 5, §1: “Ornatus mulieris etc.”.

E se pode ver tudo o *que* o *sancto* dis nesta materia donde o citamos, *que* por não sermos molestos o não referimos.

Alexandre de Ales mestre de *São Boaventura* estabelece tambem a mesma conclusão²³⁵ e pergunta falando de homens, e mulheres: “Se na *preciozidade* do vestido há peccado?” E responde: “Licito he adornar-se com vestidos preciosos segundo a nobreza da pessoa, segundo o costume da terra, e segundo a *dignidade* do officio; com tal *que* não haja dezordem, na vontade, nem escandalo na obra externa”. Isto he com tal, *que* o vestido seja honesto, e modesto, e não possa cauzar escandalo. E para *que* se sayba *que* fala de vestidos *que* em si sejam preciosos, não segundo soa o precioso, *que* seja superfluo respeito da pessoa, o qual não podera dizer ser licito, dis em o numero antecedente: “A *preciozidade* dos vestidos se concede, como a *preciozidade* dos manjares; e assim, he *que* a *preciozidade* dos manjares se concede como licita, e he correspondente a certas pessoas: logo da mesma forma a *preciozidade* dos vestidos”. E noutro lugar declara melhor todo o dito; pois sendo perguntado, se podem chegar à sagrada comunhão as mulheres com adulterinos ornatos dis:²³⁶ “Se ha de responder: *que* ou sejam cazadas, ou sejam solteiras peccão mortalmente as *que* uzão estas ficções em seu ornato. Com tudo isto não nego *que* seja permitido às cazadas adornar-se, por seus maridos com o honesto ornato de seus vestidos, com tal *que* nada de falcidade nem uzem de adulterina pintura, nem em seu cabello, nem em seu rosto. E ao *que* se dis em contrario, *que* se adornão para agradar a seus maridos; se ha de responder *que* a vontade de agradar a seus maridos, ou à complacencia de seu agrado, não as escuza de peccado mortal; porque o modo, com *que* pertendem agradar a seus maridos, não agrada a *Deus*. Como consta do dito, nem a seus maridos tão pouco”. E tras este gravissimo author em prova desta verdade o capitulo **fucare** de *Sancto Agostinho*; e tomando as palavras do *sancto* dis: “Porque o verdadeiro ornato principalmente dos christaos, nem são os infeites, nem cores enganozas, nem a pompa dos vestidos, nem o ouro, senão os bons costumes”. Donde se ve claramente *que* o moderado, e modesto ornato das mulheres, ou sejam cazadas ou donzellas, nem tem peccado algum; mas sim o pompozo dos vestidos, e o uzo das mais ficções, tanto

²³⁵ Alexander de Ales, in *Summa Theologiae*, parte 2, *quaestione* 134, membro 1: “An in preciositate vestium peccatum sit?”. Et infra.

²³⁶ Idem, in *Summa Theologiae*, parte 4, *quaestione* 10, de manductatione Eucharistiae, articulo 2, §4, prope finem: “Dicendum ergo, quod sive sint sollutae, sive conjugatae peccant mortaliter hujusmodi utentes abusionibus. Non tamen nego, quia permissum sit conjugatis ornare se ornatu honesto vestitum propter maritos, dum tamen nihil falcitatis aut adulterinae picturae, aut capillaturae usurpent. Ad illud quod ubiicitur; quod ornando se, faciunt ut placeant maritis, etc. Dicendum, quod voluntas placendi maritis, sive ipsa placentia non excusat eas á peccato mortali: quia modus per quem placent, vel placere intendunt, nec Deo placet (ut ex dictis patet) neque maritis.... Nam verus ornatus maixime christianorum, et christianarum, non tam est ullus fucus vel color mendax, verum nec auri quidem vestis pompa, sed boni mores”.

nos homêns como mulheres; como hoje, por nossos peccados se lamenta no nosso reyno; *que* he o *que* condena o author a peccado mortal.

Sancto Alberto Magno mestre de *São* Thomas, asenta a mesma concluzão; e falando nesta materia sobre as palavras de *São* Pedro no cap. 3. de *Isayas* em *que* reprova *Deus* os vanissimos adornos, dis:²³⁷ “Pergunta-sse, se as mulheres pequem mortalmente nos referidos ornatos, e preciosos vestidos?” E responde, a esta pergunta Alberto Magno: “Nestas couzas socede o peccar de sinco modos: o primeiro na mesma preciozidade, porque *São* Gregorio dis: ‘Nenhum julgue, que no estudo dos preciosos vestidos não há peccado’. O 2.º na delicadeza, e suavidade dos vestidos, porque a vida do homem deve ser penitencia, e lagrimas; e por isso dis a Divina Verdade: ‘Os *que* vestem vestidos delicados, habitão nas cazas dos poderozos’ (isto he debaxo do poder dos demonios).²³⁸ O 3.º em a nimia especiozidade. O 4.º em a nimia curiozidade, pello *que* dis o Ecclesiastico: ‘Aparta tua vista da molher adornada’. O 5. em a superfluidade”. E aqui acrescenta Dionisio Cartusiano: “6. modo, convem a saber [f. 212/29] a exquizita novidade; porque por Sophonias dis *Deus*: ‘Vizitarei sobre todos aquelles *que* vestem vestiduras peregrinas’, e ahinda há outros modos diverssos, com os quais se pecca, nos vestidos convem a saber o nimio comprimento e curtez, e demais disto a immoderada largura, e grandeza, e tambem as cores exquezitas, mixtas, em os adornos das ourelas, e roturas, (a *que* tudo chamão moda),²³⁹ e não havemos de julgar, *que* estas couzas só se prohibem às mulheres; mas com mayor rezão aos homêns; porque universalmente a todos os christaos de hum, e outro sexo lhes são prohibidas, e por todos, e a todos se há de evitar as immoderadas curiozidades, pompozidades e superfluidades nos ornatos, e vestidos. Pello *que* *Sancto* Hieronimo dis: ‘Se o homem, ou mulher se adornar, e com seu adorno provocar aos homêns, ahinda *que* se lhe não siga detrimento ou mal algum; sempre padecerá o castigo do inferno; porque offereceo o veneno se ouvera havido quem o bebesse’. Do qual fica claro *que* o sobredito he peccado mortal; porque se expoem a este perigo, e não teme, o *que* dis o Salvador: ‘Ay daquelle homem por quem vier o escandalo’”. Em cuja resolução declara este grave author a mente de *Sancto* Alberto de *que* nestes excessos há culpa grave pois nella, <tras [?] a>²⁴⁰ *Sancto* Hieronimo funda sua resolução.

²³⁷ *Beatus Albertus Magnus* apud *Dionisium Cartuxianum*, in 1 Petri cap. 3: “Circa prehabita queritur; an mulieres peccent mortaliter in ornamentis prefactis, et preciosis, curiosisque vestibus? Ad hoc respondet Albertus, in praedictis contingit peccare quinque modis. Primo, etc.”.

²³⁸ Interpolação do tradutor.

²³⁹ Interpolação do tradutor.

²⁴⁰ Escrito sobre palavras riscadas: “e na de”.

São Boaventura segue a mesma opinião, e se pode ver a f. 16 o *que* dis dos infeites, no lugar citado; e mais geralmente falá no tomo²⁴¹ 2. estas formais palavras:²⁴² “O sexto, porque he lasço, e ruina, pella queda, e perdição de muntos, porque os *que* vem estas vaidades de muntos modos podem offender a Deus; ou vendo-as com deleyte, ou dezejando o mesmo ornato, ou julgando mal, ou murmurando. Cuida pois aqui quantas vezes pode o *Senhor* ser offendido, antes *que* o curiozo ornato seja tirado; pois de todos estes males he cauza, quem assim vamente se adorna. Donde se colhe *que* ahinda, *que* eu te dicera, *que* estas couzas as fizeras por mi [*sic*], ou certissimamente souberas, *que* eu queria²⁴³ as uzases, de nenhuma maneira devias faze-llo; porque por nenhuma cauza se ha de consentir o peccado; e da offença de Deus de todos os modos nos devemos abster. Pois logo quanto mayor será tua offença, se por teu capricho, e gosto para tua complacencia o fazes, querendo mais agradar a creatura, *que* o Creador? Pois estas couzas fazem, os *que* vivem entregues a estas couzas do mundo; taes são os ornatos deste mundo blasfemea²⁴⁴ de Deus”. Athe aqui dis o *sancto*. Pondere bem o curiozo estas palavras do principio, e verá se os *que* o uzão destas vaidades offendem a Deus em algũs dos sobreditos modos, *que* eu não sey, como poderá escapar; donde se ve a opinião em *que* São Boaventura tinha os trages profanos! E por isso os condena a culpa grave; como em muntos mais lugar fala nesta materia.

São Bernardino de Senna, declarando tambem, quazi escolasticamente esta materia, não só estabelece com Alexandre de Ales a culpa grave pello provocativo, em o notavel excesso do ornato; senão *que* asenta por corrente entre os os [*sic*] doutores, tanto em homens como mulheres ser culpa grave o notavel excesso. Ouçamos as suas palavras, *que* são tresladadas à risca:²⁴⁵ “Nota de quantos modos periga a molher, porque são muntos com *que* he induzida²⁴⁶ e a perigar; o primeiro he o estudo de sua formozura, e a preparação de seu rosto, com os infeites, e composição da sua cabecça, tirando os cabellos naturaes, e sobrepondo cabellos de mortos, para parecer mais formozza; e tudo isto são sinaes de impudencia, e pecca mortalmente fazendo isto, ahinda *que* seu marido o concintara, e ella não quizera, ou pello contrario, porque a molher nestas couzas, em *que* pecca mortalmente (ou venial),²⁴⁷ não tem obrigação de obedecer a seu marido. E guarda-te tú ó may, não permitas *que* tuas

²⁴¹ Segue-se riscado: “6.”.

²⁴² *Divus Bonaventura*, in dicta salutis, libro de meditationes vitae Christi, cap. 12, ad finem, tomo 2, opusculorum: “Sexto, quia multorum aliorum est laqueus etc.”.

²⁴³ A letra “a” foi emendada de “as”.

²⁴⁴ O final da palavra foi emendado.

²⁴⁵ *Divus Bernardinus* de Sena, sermone 39, de Sancta Maria Magdalena, parte 1, prope medium, tomo 3, § “Nota quot etc.”.

²⁴⁶ Segue-se riscado: “a peccar, digo [?]”.

²⁴⁷ Interpolação de Belluga mantida pelo tradutor.

filhas se infeitem, e pintem seus rostros, *que* este he principio, pello qual as filhas se perdem. *etc.*”. E continua mais abacho o *sancto* e dis:²⁴⁸ “Que outra couza he a cabeça adornada de *hum*a molher vã senão *hum*a inchação de soberba, *hum*a Torre de Babilonia, *hum*a bandeira do diabo, *hum*a irrizão de **Christo**, *hum* sinal de luxuria, *hum* alucinamento de almas, *hum* laço do demonio, *hum* monstuo diabolico, *hum*a cadeira de Sathanas, e *hum*a satisfação de suas paxõens?” E noutro lugar falando dos decottados dis:²⁴⁹ “As molheres *que* mostram os peitos, e uzão de arteficios, *para que* pareção [f. 212v/30] mayores, ou mais formozos, peccão mortalmente”. E noutro lugar falando com os maridos dis:²⁵⁰ “Da mesma forma as mulheres *que* levão os peitos descubertos, a estas permitem seus maridos, *que* dem occasião, *para que* como a meretrices as amem outros”. E mais abaxo dis:²⁵¹ “Concidera brevemente *hum*a molher de pouco juizo, e dos pes athe a cabeça, não acharas nella sinal *que* não seja de sua perdição eterna, e dos seus”. E vay continuando o *sancto* o estado em *que* *hum*a molher adornada está na prezença de *Deus*. E assim se ve o sentir, e opinião, *que* seguia sobre a materia sugeita.

Ouçamos por fim deste *capitolo* a São Carlos Borromeu *que* em *hum*a instrução, *que* em suas Actas deu aos confesores de seu arcebisado,²⁵² *para* o modo, com *que* se havião de portar, com os penitentes de *hum*, e outro sexo, em ordem a absolvição, comprehende com grande clareza, e distinção toda a doutrina, *que* temos expresada, e *que* nos tem incinado *Deus* em suas Escripturas, e os padres todos da Igreja, em suas expozições e escriptos. Dis pois este exemplo de prelados:²⁵³ “Nem tão pouco absolva o confessor àquelles, *que* no esplendor de seus vestidos, ou exterior ornato peccão mortalmente. E porque hoje a pompa do seculo (se o *sancto* vira o *que* hoje

²⁴⁸ Idem, sermone 47, articulo 3, tomo 1: “Unde si queratur quid sit caput ornatum mulieris vanae? Responderi potest, quod tumor superbiae, Babilonica turris, vexillum diaboli derisio **Christi**, luxuriae signum, lucifuga animarum, laqueum daemonum, diabolicum monstrum, sedes Sathanae, et remuneratio passionum”. [Nota do editor: “tomo 1” foi emendado de “tomo 2”, e “laqueum”, de “laquei”.]

²⁴⁹ Idem, sermone 36, parte 2, tomo 3: “Mulieres artificialiter facientes sibi ostendere mamillas maiores, vel pulchriores, semper peccant mortaliter”.

²⁵⁰ Idem, sermone 13, de luxuria remedio 3, eodem tomo 3: “Similiter, et mulieres, quae habent pectora sua nudata permitunt enim viri, uxores, quas amant, praeberere occasionem aliis tanquam meretrices adamari”.

²⁵¹ Idem, sermone 44, contra mundanas varietates [sic], articulo 1, cap. 1, tomo 1: “Concidera recordem mulierem brevi decursu, et a vertice usque ad plantam pedis nullum in ea reperies signum nisi sui, et suorum perdicionis aeternae”.

²⁵² Emendado de: “arceispado”.

²⁵³ Carlos Borromeu, in Actis Ecclesiae Mediolanensis, parte 4, de institutionibus Confessorum, tomo 1, f. mihi 652, § “Neque eos etiam absolvant, etc.”.

vay na nossa corte de *Lixboa*)²⁵⁴ e as vaidades tem chegado ao summo, principalmente por culpa, e negligencia dos confessores, *que* sem distinção os absolvem, e nem ahinda os reprehendem disto: exporemos aqui os cazos, nos quais pellas pompas, e ornatos se custuma peccar, *para que* os confessores segundo nossas instrucções, se hajão, e governem na absolvição dos penitentes”. E immedeatamente passa a dar regras dizendo: “Quando os penitentes uzão os ornatos com intenção de peccado mortal, peccão mortalmente; e alem disto *quando* com estes ornatos quebrantão algũs preceptos da Ley de *Deus* ou da Igreja; ou dão occasião a outros de *que* os quebrantem, como se em dia de festa trabalhem, ou ajudem a trabalhar;²⁵⁵ deichando a missa, ou adornando-s [sic] fação com *que* outros a deichem de ouvir; ou sejão cauza de *que* seu espoz, ou outros a cujo cargo está o sustento da caza, gaste mais do *que* sofre suas rendas, conhecendo, ou suspeitando porvavelmente *que* dahi hão de nascer disturbios, e pendencias, ou ha de ser cauza de *que* o marido, ou outros prorrompão em blasfemeas; ou *que* se fação contratos illicitos; ou *que* se não fação as devidas esmollas, ou não se satisfação os legados pios, ou outras dividas; ou *que* os jornaleiros, e officiaes sejão defraudados em sua paga, ou se lhes defira esta, ou se contrahião novos debitos, *para* cuja satisfação não alcança a renda, de donde ao proximo se lhes ciga damno notavel; ou as filhas em tempo conveniente não se ponhão em estado (o *que* sempre tem sido cauza de successos infaustos nellas), ou se destas pompas nascem, ou podem nascer semelhantes peccados, *que* pella mayor parte se originão destes excessos. Em todos estes cazos o uzo do ornato he peccado mortal. E porque he impossivel, *que* aquelle *que* gasta mais, do *que* sofrem suas rendas, não preveja, e possa prever os peccados *que* disso se lhe seguem; destes geralmente se pode dizer, *que* todos os *que* vivem dados a estas vaidades estão em peccado mortal, senão he *que* feito pello confessor dilligente exame, por alguma cauza lhe conste o contrario. Pecca tambem mortalmente a molher no modo de adornar-sse, ahinda *que* as suas rendão [sic] o permitão, convem a saber se seu ornato seja tal, *que* por si, ou segundo a opinião dos homêns, induza a lascivia, ou ao menos provavelmente se possa suspeitar, *que* daquelle ornato, com a occasião²⁵⁶ <do insolito> das pessoas de sua qualidade e condição possa algum ser atrahido a ama-la inhonestamente, ou *que* persevera em seu peccado; e con tudo isso, [f. 213/31] ou nada cure da saude de seu proximo, *que* prevê, *que* com seu ornato ha de cahir, e persevera em seu ornato; ou *quando* aquelle ornato se leva por fim de manifestar signaes de algum amor lascivo, ou *que* o signifiquem, ou dem a entender, pellos vestidos, ou de outro semelhante modo”.

²⁵⁴ Interpolação do próprio tradutor.

²⁵⁵ Segue-riscado: “ou por adornar-se fação com *que* outras as imitem”.

²⁵⁶ Segue-se riscado: “do descustume [?]”.

Athe aqui a instrucção de *São Carlos*, comprehensiva dos principaes capitulos, da immoderação com suas consequencias, e da provocação com seus escandalos, em *que* está a grave malicia destes excessos. Donde se ha de advertir, *que* foi feita esta instrucção com aquella madurez, *que* pedia huma materia tão grave; e com a consulta dos insignes varões em virtude, e letras, *que* sempre teve *para* sua direcção; e isto sobre a especialissima *que* lograva do Ceo, com sua sanctissima vida; *para* o acerto, e governo da sua diocezi. *Deus* nos acuda, e nos dê lux aos *que* governam os [*sic*] almas, *para que* saybamos, o como as havemos de livrar de tantos absurdos, *quantos* hoje se experimentão, pella demazia dos adornos. O *que* bem se verifica, a gravidade da sua culpa.

Cap. 2.^o

Passemos a outros authores, *que* tambem seguem a mesma verdade da nossa concluzão; ahinda *que* não ficão poucos, *que* por não extendermos mais o tratado, os omittimos. E seja o primeiro Angelo de Clavasio, *que* fundado na doutrina do Angelico Doutor, perguntando, “*que* se requer *para que* não haja peccado no ornato?” diz:²⁵⁷ “Respondo, *que* seis couzas, e falo tanto no ornato de homêns como de mulheres”. E chegando à quarta dis: “O 4.^o. *que* se requer no ornato, he a parcimonia, e moderação, convem a saber, *que* não seja superfluo nem na grandeza, nem na divercidade, como em os muntos vestidos, e adornos, e couzas semelhantes, nem na preciozidade, nem curiozidade, porque o uzo superfluo he de todo viciozo; porque *São Thomas* dis *que* os *que* fazem ornatos superfluos, e curiozos, peccão, e quando a superfluidade he notavel excessiva não há duvida entre os douctores *que* he mortal”. E passando a declarar a sexta couza dis: “O sexto *que* se requer *para que* seja licito o ornato, he *que* não seja escandalozo; e se ha de advirtir, *que* ahinda *que* algum seja provocado à comcupiscencia pello ornato de outro se o *que* se adorna não o pertende, não havendo excesso em seu ornato, será escandallo passivo, e occasião recebida; mas quando no ornato há excesso, principalmente excitativo a luxuria, como as molheres uzão, donde fazem novas invenções, ou vaidades, e crem *que* algũs se provocarão à luxuria, então não se escuzão de peccado mortal”. Este he o sentir deste *padre*. E Silvestre na sua *Summa*, trazendo a mesma douctrina de *São Thomas*, segue a mesma opinião.²⁵⁸ E Savonarola, seguindo a mesma doutrina de *São Thomas* dis o mesmo.²⁵⁹

²⁵⁷ Angelus, in *Summa*, verbo ornatus, n. 1: “Ornatus quid requiritur etc.”. [Nota do editor: foi riscada uma letra antes de “n. 1”.]

²⁵⁸ Silvestre, in *Summa*, verbo ornatus, n. 3, § “Quando etc.”.

²⁵⁹ Savonarola, in *Confessionali*, de ornatu mulierum, § “Circa ornatum etc.”.

Astesano, tratando da modestia em o aparato exterior perguntando:²⁶⁰ “Se o ornato das mulheres possa ser sem peccado mortal?” (Uzando²⁶¹ das mesmas palavras de São Thomas dis): “Se a mulher por certa ligeireza de animo, ou por vaidade ou por alguma jactancia se adorna, não sempre he peccado mortal, senão venial; porque se a mulher he nobre, lhe he prometido trazer alguma couzinha mais de ornato, porem *que* este não provoque a luxuria, senão *que* tenha em si a mulheril decencia”. Donde se ve, *que* só sendo alguma couza pouca o excesso, não he peccado mortal, e isto com tal *que* não seja provocativo, senão em tudo honesto, *que* he a substancia toda desta douctrina.

[f. 213v/32] Rozela segue a mesma doutrina, como se pode ver no lugar citado.²⁶² Resemondo, falando de homêns, e mulheres, segue o mesmo.²⁶³ O Expelho de Consciencia, segue o mesmo.²⁶⁴ Azor estabelece a mesma concluzão, e não se aparta della.²⁶⁵ Filiucio dis o mesmo.²⁶⁶ Sayro, com São Thomas segue o mesmo.²⁶⁷ Machado, segue o mesmo.²⁶⁸ Caramuel em huma mui difuza carta, *que*²⁶⁹ sobre esta materia fes, *que* o padre Riquelme dis *que* vira: dis estas formais palavas, *que* verdadeiramente devem todos os doutores prudentes trazer na memoria; dis pois:²⁷⁰ “Que o traje escandalozo, o condenão os theologos; e *que* pellos superiores deve ser prohibido, o tenho por indubitavel; mas o juizo, *que* nesta materia se fizer, não consultada a experiencia não he prudente. Ouve a Esforcia Palavicino *que* dis: ‘*Que* isto pode, e deve constar do juizo dos prudentes, e da experiencia *que* tem os homêns, principalmente os confessores; e não possa nascer de outra, *para que* os escriptores a detestem’ (isto dizia Esforcia). Logo donde a experiencia encinar *que* algum traje molheril dá escandalo, seja, ou não seja segundo o costume da patria, se deve reprehender, abominar, e tirar, porque se o traje he escandalozo, e inductivo de peccado, com nenhum costume se pode cohonestar”. Donde vemos *que* clarissimamente a verdade desta concluzão; e

²⁶⁰ Astesanus, in Summa, 1 parte, libro 2, de modestia, titulo 44: “Utrum ornatus mulierum possit etc.”.

²⁶¹ Emendado de: “Uzandos”.

²⁶² Rosela, in Suma, verbo ornatus, § “Utrum etc.”.

²⁶³ Rosemondus, in Confessionali, de usu vestium, § “Quando circa etc.”.

²⁶⁴ Espejo de la conciencia, tratado 1, cap. 18, § 3.

²⁶⁵ Azor, parte 2, Institutionum moralium, libro 12, cap. 18, quaestiuncula 11, § “Si ornet se etc.”.

²⁶⁶ Filiutius, in Decalogi, tractatu 30, cap. 30, n. 29, § “Sextus, ornare se etc.”.

²⁶⁷ Sairus, Clavis regia, libro 8, cap. 5, n. 4, § “Unde si se ornet etc.”.

²⁶⁸ Machado, Perfecto Confessor, libro 2, parte 3, tratado 18, doc. 12, n. 7.

²⁶⁹ Segue-se riscado: “est”.

²⁷⁰ Caramuel, ad [sic] Epistola ad Dominum Marcum Bravo, apud Riquelme, in libro Veritas pro modestia, n. 253.

doutrina, *quando pella experiencia constar, que o traje he escandalozo, ahinda que seja conforme ao uzo da patria.*

Baldelo tocando este ponto dis:²⁷¹ “Pecca contra a *charidade* do proximo, o *que* contra o comum costume introdus novos trajes, prevendo, *que* impoem com seu exemplo, a outros moral *necessidade* para *que* fação gastos sobre suas forças, e depois não satisfação suas dividas, ou não dem o devido alimento com os²⁷² *que* tem a seu cargo”. E este he hum dos titolos porque o ornato excessivo he peccado mortal. Arana, repete isto mesmo dizendo:²⁷³ “Introduzir trages, dando occasião a *que* outros os tragão, por ponto, em prejuizo notavel das fazendas, e de outros homêns, a *quem* han de estafar para viver, ou dos officiaes a *quem* não han de poder pagar, dis Bezumbau, com Baldello, *que* he peccado mortal, e he comum; e não dis mais desta materia”. Bem se ve *que* ajusta munto com a doutrina da nossa concluzão.

Cap. 3.^o

Deichando, varios, autores antigos *que* nesta materia fálão da mesma sorte; vamos a outros, de mayor nota, por clasicos; em *que* nos certificão a gravidade da culpa na demazia do luxo. Seja o primeiro o padre Vasques, *que* citando a mesma quaestão dis:²⁷⁴ “Ahinda *que* a mulher por sua natureza formosa sahya adornada de sua caza segundo o costume da patria, ahinda *que* *comummente* mova a peccado aos homêns populares, ou aos mossos; com tudo isso não se lhe imputa o escandalo; mas ha de sse observar primeiro *que* aquella molher não sahia adornada com ornato meretricio; porque este ornato tem ao menos especie de mal; e assim tem rezão de escandalo activo; e por esta rezão deve andar honestamente vestida”. E mais abaxo acrescenta: “Pello *que* se a molher em sua obra venial dá occasião de escandalo, augmentará a malicia de seu peccado; e de venial se fará mortal, se o escandalo for mortal”. Pode o curiozo ver bem o como este doutor explica nesta materia, o peccado *que* he o *que* vemos hoje praticado, por nossos peccados.

[f. 214/33] Medina, e Alveres, estabelecem a mesma concluzão, e como não vi os seus lugares, direi o *que*²⁷⁵ tras Diana dizendo:²⁷⁶ “Sobre as presentes quaestões podes ver à Medina, e tambem a Alveres, e a Suares *que* dizem, *que* a mulher não pecca, ahinda *que* adornando-sse se possa seguir a ruina de outros, como o ornato seja moderado,

²⁷¹ Baldelo, in *Theologia morali, libro 3, de vitiis, et peccatis capitalibus, disputatione 5, n. 18, § “Peccat etc.”.*

²⁷² Emendado de letra rasurada.

²⁷³ Arana, in *Operibus Lumbierii* [?], tomo 1, littera T, f. mihi 263.

²⁷⁴ Vasquez, *Opusculo, quaestione 43, de escandalo, articulo 8, dubio 2, n. 20, § “Quanvis etc.”.*

²⁷⁵ Seguem-se duas letras riscadas.

²⁷⁶ Medina, e Alvares apud Dianam, parte 2, tractatu 25, et *Miscellanea 1, resolutione 30. Et in Concordatis* [?], tractatu 5, de Scandalo, resolutione 9, tomo 7, § “Sed circa, etc.”.

e decente, mas *que* peccara se for superfluo, e maximo”. Donde bem mostram estes authores a gravidade da culpa se houver immoderação. Valencia dis ahinda mais, como se pode notar nas palavras seguintes:²⁷⁷ “Segue-sse quarto, *que* quando fosse necessario para impedir o escandalo dos fracos alguma perca dos bens temporaes se deve fazer, como encina São Thomas”. Egidio Coninch segue o mesmo.²⁷⁸

Marchant em seu Tribunal de Sacramentos, de *quem* Diana fas grandes elogios, dis:²⁷⁹ “Sempre *que* a forma, ou figura do vestido, ou ornato visto isto em si segundo a ordinaria fraqueza dos homêns, he excitativa de luxuria; e uzar destes vestidos, e ornatos he de sua natureza peccado mortal; a rezão he, porque o *que* uza de semelhantes couzas se julga *que* dá cauza a culpa *que* por sua natureza he mortal”. E dá a rezão fundamental, dizendo: “A rezão fundamental he; porque este se julga violar todos os termos da humana natureza, e divinas leys, e desprezar virtualmente as cominações da Sagrada Escriptura”. Esta he a opinião deste douto padre.

O padre Alberto de Albertis escreveo difuzamente nesta materia, e delle fas memoria Tamburino, e Diana; e o padre Tirso Gonsalves, *que* affirma o vio; dis:²⁸⁰ “O padre Alberto de Albertis en sua primeira disputa fas hum catalogo dos padres antigos, *que* claramente condenão a peccado mortal estes excessos nos trages”. E depois cita humas palavras suas em *que* dis: “Certo e averiguado he em as divinas letras e antigos padres *que* o superfluo ornato he prohibido por direito divino”. E o mesmo padre Tirso na resposta *que* deu ao arcebispo de São Thiago consultado sobre esta materia em seu livro intitulado Resposta Theologica, sente esta mesma doutrina dizendo:²⁸¹ “Todo o adorno, vão superfluo, e desmedido gravemente provocativo a luxuria he peccado mortal;... E apenas se achará nenhum dos Padres da Igreja, *que* chegando a tratar dos adornos, galas atavios, e infeites das mulheres, não o reprehenda com severissimas palavras, e condemne a peccado mortal quando são com excesso, e provocação gravemente a luxuria”. Athe aqui o padre.

O padre Riquelme, no seu livro, **Veritas pro modestia** estabelece a mesma concluzão; e dis:²⁸² “Seja a primeira concluzão o ornato preciozo *que* excede gravemente o estado do *que* o uza, he peccado mortal”. E trazendo varias provas, chegando à quinta dis: “Prova-sse o 5.º por rezão de dois escandalos *que* delle nascem; o primeiro

²⁷⁷ Valentia, in 2 Divi Thomae, disputatione 9, quaestione 3, de peccatis temperantiae oppositis, puncto 1, ad finem, tomo 3, § “Ornatus etc.”.

²⁷⁸ Egidius Coninch, de Charitate, disputatione 32, de scandalo, dubio 6, n. 68, § “Quando”.

²⁷⁹ Marchant, Tribunali Sacramentorum, tractatu 2, libro 2, quaestione incidental, regula 1, tomo 3, § “Quandocunque etc.”. Et infra regula 3.

²⁸⁰ Albertus de Albertis, in Paradoxa moralia, disputatione 1, cap. 7, apud Tirsum, Respuesta theologica, § 4: “Certum etc.”.

²⁸¹ Tirsus, Respuesta theologica, § 2.

²⁸² Riquelme, in libello Veritas pro modestia, n. 61.

porque dam occasião com seu máo exemplo; e o segundo he a povocação à luxuria”. E aqui fala de homêns, e mulheres.

Dos canonistas, e legistas, Carrança escreveo hum memorial à magestade de Felipe IV.²⁸³ e a seus supremos concelhos de Estado, em que de todo o genero de letras, prova a grave malicia destes excessos, e as graves culpas, que disse se originão, do que fas menção Barboza, e Solorzano; donde dis estas palavras:²⁸⁴ “A segunda rezão, em que se funda Sancto Antonino he; porque o nimio ornato fora da modestia, ou imtemperança, he provocativo de lascivia.... Se as mulheres no mesmo ornato de suas pessoas attendem, e se fundão na rezão de Sancto Antonino, he certississimo offendem a Deus mortalmente segundo a comũa resolução dos theologos; principalmente São Thomas, Sancto Antonino, Silvestre, Azor Diana, Honcala, e o abbade Panormitano, Casaneo, Guillermo, e Benedito”.

Cortiada trata tambem deste ponto difuzamente e estabelece a mesma conclusão dizendo:²⁸⁵ “O que se adorna com vestidos preciozos [f. 214v/34] sobre seu estado, e possibilidade, regularmente pecca mortalmente..... Quando o ornato he de si quazi provocativo ao mal, então he peccado mortal”. (E conclue): “Se a mulher só por liviandade de animo, ou por vaidade se adorne, para parecer mais formosa, algumas vezes he peccado mortal, e algumas vezes peccado venial, conciderada a qualidade da pessoa, do lugar, e do tempo; e esta he sentença de quazi todos os theologos, e juristas”.

Barboza escreveo tambem difuzamente e contexta a mesma conclusão; e depois de estabelecer, que a que se adorna modestamente conforme a seu estado, não pecca, ahinda que outros pequem vendo-a; diz:²⁸⁶ “Se sobre seu estado, e recebido costume há excesso no hornato das mulheres, ja no adereço de sua cabeça, cabellos rissados, desnudes de seu peito, e ornatos preciozos por novas modas de vestidos, parece que o tal excesso he **per**²⁸⁷ **se** peccado mortal, ahinda, que nenhum máo fim extrinseco tenha. O primeiro pello escandalo, porque este ornato excita a luxuria, e a dezejo torpe os que a vem. O 2.º porque adulterão a obra de Deus e a querem emmendar, o que cede em injuria de seu Author. O 3.º porque a Escriptura e os Padres reprehendem gravemente este excesso”. (E despois conclue dizendo:) “A mulher nestes cazos em que falamos que pecca mortalmente, não ha de ser admittida, nem ao sacramento da Penitencia, nem ao da Eucharistia, se não constar primeiro de sua emmenda; e esta

²⁸³ Emendado de: “II”.

²⁸⁴ Carranca, Discurso contra los malos trages, y adornos lascivos, memorial a Phelipe 4, <nota> 16, f. 50 mihi. [Nota do editor: foi riscada uma letra abaixo de nota.]

²⁸⁵ Cortiada, Decissionibus, 263, n. 21, § “Ornans, etc.”

²⁸⁶ Barbosa, Vota decissiva, libro 3, voto 124, § “Si supra, etc.”

²⁸⁷ A letra “p” foi emendada a partir de outra ilegível.

não se ha de julgar *que* a tem, dando sinaes de penitente, ou dizendo, *que* tem firme prepozito, de depor seus vestidos, se com effeito os ornatos lascivos, *que* costumão provocar à lascivia, os não tem deposto”. Athe aqui este author.

Que junctos estes sobre a *authoridade* de 58 authores clasicos, de *que* apontamos hûns, e omittimos outros, por não sermos difuzos, em *que* expressão a grave culpa nos cazos de nossa concluzão; parece *que* ahinda *que* ouvera *munto* em contrario, era bastante isto *para que* sobre a *authoridade* da *Escriptura* e *comum consensu* de padres, e a dos sanctos da Igreja, e dos concilios, *summos pontifices*, revelações autenticas, exemplos, repetidas leys dos reynos em todos os tempos, e todo o genero de escriptores, e varôens encignes em *sanctidade* e letras, e destes principalmente os expozitores tivesemos a nossa concluzão, por indubitavel firme, e verdade. E ahinda mas firmeza, se lhe pode dar, porque athe aqui, não ouve author algum, *que* esteja certamente contra ella; porque os authores, *que* parece defendem o contrario, ou em nada se apartão desta concluzão, ou se em *alguma* couza se apartão pello titulo de ser só excecivo o trage, não se apartão *quando* o excessivo fas provocativo, *que* he o *que* basta *para* nosso assumpto; e quazi sempre socede não apartar-sse *huma* *qualidade* da outra, *que* he o *que* basta *para que* haja culpa grave, seja ou não seja pellos dous titolos; pois em se verificando, *que* há culpa grave, isso basta, *para* nosso assumpto. E pede-sse *munto* se de atenção aos authores citados à margem, *que* são os *que* parece se apartão da nossa concluzão, mas lidos com atenção, vem a concordar com a *verdade que* todos seguem.²⁸⁸ E *hum* dos graves authores, *que* está reputado, contra a nossa concluzão, he Caetano o qual se poderá <ver>, no cardeal Beluga, *que* o explica, com singular erudicção; donde mostra, o não se apartar della.

²⁸⁸ Laiman, in *Summa*, libro 2, tractatu 3, cap. 13, n. 11, § “Excessus, etc.” Bonacina, de Matrimonio, quaestione 4, puncto 9, 3 propositione, n. 26: § “Quares tertio, etc.” Basio, Flores Theologiae, verbo impudetitia, n. 17, § “Ornare se, etc.” Trullench, in Decalogo, libro 6, cap. 1, dubio 12, n. 21, tomo 2, § “Peccat mortaliter, etc.” Torresilla, in *Summa*, tratatu 3, disputatione 2, cap. 3, sectione 12, n. 185, tomo 1. Castro Palao, de Justitia, et jure, disputatione 3, de virtute temperantiae, puncto 6, n. 9, tomo 7, § “Investigandum, etc.” Idem, de Charitate, tractatu 6, disputatione 6, puncto 7, n. 1, tomo 1, § “An mulier, etc.” Et infra n. 4. Tamburino, in Decalogi, libro 7, cap. 8, §8, n. 5, tomo 2. Reginaldo, in *Summa*, n. 22, cap. ultimo, sectione ultima, n. 63, tomo 2, § “Quarto etc.” Sanches, in *Summa*, libro 1, cap. 6, n. 16, tomo 1, § “An femina etc.” Et infra; § “si tamen”. Beluga, parte 3, cap. 2, §5, Trages profanos, f. 383, mihi. Diana, parte 10, tractatu 12; et miscellanea, 2, resolutione 30, n. 6. In Concordinato, tractatu 5, resolutione 11, n. 6, tomo 7.

Referências bibliográficas

Fonte

FLAGELO contra os trages profanos. [Portugal, s. n., 17--]. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos da Livraria n.º 1123, Miscelânea, f. 197-214v.

Estudos e material complementar

ALVARADO, Thiago. Modos à mesa e maneiras de vestir em Castela e Portugal (séculos XIV e XV). 436f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2021.

BELLUGA Y MONCADA, Luis. Carta pastoral, que el obispo de Cartagena, escribe á los fieles de su diocesis á cada vno en lo que le toca, para que todos concurren à que se destierre la profanidad de los trages, y varios, é intolerables abusos, que aora nuevamente se han introducido. Murcia: Jayme Mesnier, 1711.

BELLUGA Y MONCADA, Luis. Contra los trages, y adornos profanos. En que de doctrina de la Sagrada Escritura, Padres de la Iglesia, y todo genero de escritores, y razones theologicas se convence su grave malicia. Donde se dan doctrinas importantissimas, y transcendentales contra todo genero de vicios muy utiles para predicadores, y confesores, y para todos los fieles. Murcia: Jayme Mesnier, 1722.

BETHENCOURT, Francisco. Sumptuary laws in Portugal and its empire from the Fourteenth to the Eighteenth Century. In: RIELLO, Giorgio; RUBBLACK, Ulinka (eds.). The right to dress: sumptuary laws in a global perspective, c. 1200-1800. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

CRUZ, Pedro. As leis pragmáticas: estatuto e diferenciação social em Portugal (1340-1762). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2023.

DIAS, Luis. Luxo e pragmáticas no pensamento económico do século XVIII. Boletim de Ciências Económicas, Coimbra, v. 4-5, suplemento, 1956-1958.